

Igreja Luterana

Volume 60 - Novembro 2001 - Número 2

Editoriais

Fórum 143

Artigos

O *Satis est* do Artigo VII da Confissão de Augsburg
e o Movimento Ecumênico

Guilherme A. Schmidt e Paulo M. Nerbas 147

Questões Básicas da Reflexão Ética

Manfred Zeuch 173

O Perfil do Homem de Fé

Gerson Luis Linden 180

Auxílios Homiléticos 199

Devoções 287

Recensão

Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja.

Por Christopher A. Hall

Vilson Scholz 305

O PASTOR SEGUNDO O CORAÇÃO DE JESUS

O pastor August C. Hardt, no seu artigo “O PASTOR SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS”, publicado na revista teológica *Concordia Theological Monthly*, Saint Louis, em novembro de 1952, páginas 797 a 814, escreve:

“O poeta de Olney, em “A Tarefa”, dá-nos a seguinte descrição do pastor segundo o coração de Deus:

Quisesse eu descrever um pregador
Que Paulo ouvisse com aprovação,
A Paulo eu pediria o seu favor
Para o fazer, e sua orientação.
Delinearia os traços principais
Por seu modelo tão inspirador:
Sincero, sério e simples; e inda mais:
No ensino puro; claro no falar
E reto na conduta; bom, além
De casto e de solene; sem se dar
A gestos afetados; e que tem
Da gravidade de sua missão
Consciência, e que também ansioso está
Por ver o seu rebanho ter noção,
Como ele, do valor imenso que há
No cargo dele; de bondoso olhar
E fino trato, como deve ser
Quem a missão aceitar de anunciar
A graça ao pecador e o converter.”

Mas adiante, o mesmo autor, ponderando a respeito da espécie de pastor que Deus quer que sejamos, escreve:

“Estamos dolorosamente conscientes de nossas limitações e imperfei-

ções e jamais perderemos a sensação de completa insuficiência. Humilde, mas confiantemente, olhamos para Jesus Cristo, nosso Senhor, que nos teve por fiéis e nos colocou no ministério. Somente ele pode perdoar onde falhamos, e suprir o que nos falta. Para ele nos voltamos diariamente com a prece: Senhor, faze de mim um pastor aprovado para com Deus, um trabalhador que não tenha de que se envergonhar, aplicando corretamente a Palavra da Verdade. Concede-me os dons e a graça de que necessito para o desempenho de minha tarefa sagrada.”

E conclui com o poema:

“Dá-me de um pai a ternura,
De um pegureiro a atenção,
De um condutor a bravura
Para agüentar a aflição;
De um governante a consciência
Do guarda o olhar que perscruta,
De um pescador a paciência,
De um operário a labuta;
De um guia toda a destreza
Para de impasses cuidar,
E de um profeta a presteza
Para em meu Deus me inspirar;
De um professor o saber,
De um Salvador o querer.”

A este poema é justaposto outro, também anônimo, que diz:

“Vive com plenitude em mim a vida,
Ó Rei dos reis, que és meu Salvador;
Tenha eu em ti a resposta e saída
Para os problemas e as horas de dor.
Vive com plenitude em mim, me usando
A mim, teu instrumento transparente,
Para que siga os teus planos, mostrando
Da tua glória o esplendor imponente.”

Hardt encerra o seu artigo recomendando o sermão que cada obreiro, pastor ou professor, deveria pregar para si mesmo. É um sermão em forma de poema, da autoria de Dietrich Vorwerk, escrito em alemão e traduzido magistralmente para o inglês por M. H. Franzmann. A nossa versão tomou por base o original e a tradução inglesa. Eis, pois, a

“AUTOPREGAÇÃO DO PASTOR”

“Quem é pastor, eu quero crer,
Grande e pequeno deve ser;
Ser nobre como de estirpe real,
Mas simples como um serviçal;
 Como um herói que mereceu
 A láurea de quem se venceu;
 Como quem contra Deus lutou
 E sua bênção conquistou;
 Como abundante manancial
 De vida santa pessoal;
 Qual pecados que, arrependido,
 Pelo seu Deus foi absolvido;
 Como um que sabe dominar
 Suas paixões e aos fracos dar,
 Bem como aos que com medo estão,
 A sua prestimosa mão;
 Como um que ao prepotente enfrenta,
 Mas no pequeno, humilde, atenta;
 Como um que está sempre aprendendo,
 Mas, no debate, um líder sendo;
 Como um exemplo de pobreza,
 Mas um arauto de riqueza;
 Como homem, para combater,
 Mas, para enfermos, qual mulher;
 De velho que tem a segurança,
 Mas a confiança de criança;
 Sempre aspirando ao que é maior,
 Sem desprezar o que é menor;
 Disposto está para a alegria,
 Mas com a dor em sintonia,
 Sem ter da inveja a companhia;
 Claro no pensar,
 Certo no falar;
 Sempre amando a paz,
 Do ócio é incapaz;
 firme em tudo, enfim -
 O que não vejo em mim.”

Martinho Luthero Hasse

ARTIGOS

O *SATIS EST* DO ARTIGO VII DA CONFISSÃO DE AUGSBURGO E O MOVIMENTO ECUMÊNICO

*Guilherme Augusto Schmidt e Paulo Moisés Nerbas**

Nestes dois mil anos de cristianismo, muitas foram as divisões que ocorreram na igreja. Isso é algo muito triste. Ao olharmos ao nosso redor, vemos um grande número de denominações cristãs que, muitas vezes, se digladiam para conseguir mais adeptos. Isso é escândalo para os não cristãos, mas não só para eles. Qualquer cristão que pensar sinceramente sobre o assunto vai chegar à conclusão de que não é da vontade de Deus que assim seja. É bom que se procure também a unidade exterior.

O Movimento Ecumênico tem a sua proposta e está trabalhando para que haja maior unidade entre as igrejas. Tal trabalho tem dado resultados. Por exemplo, a Igreja Católica Apostólica Romana está em diálogo com a Federação Luterana Mundial a respeito do tema Justificação. Outras igrejas têm mantido diálogo entre si, inclusive a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

Mas como proceder com vistas à aproximação entre duas igrejas? Que critérios precisam ser usados? E qual é a nossa proposta como luteranos? Será que temos uma orientação clara sobre qual o caminho a seguir para chegarmos a uma unidade exterior na igreja?

O objetivo do presente trabalho é, portanto, avaliar o *satis est*, “é suficiente” da CA VII, seu significado, e compará-lo com o Movimento Ecumênico. E, a partir daí, tirar algumas conclusões que possam esclarecer e orientar o nosso diálogo com outras denominações.

* O Rev. Guilherme Schmidt é pastor em Catanduvas, SC. O Rev. Paulo Moisés Nerbas é Diretor do Seminário Concórdia e professor dessa instituição. O presente artigo é uma síntese da monografia de conclusão de curso de bacharelado em Teologia no Seminário Concórdia escrita pelo Rev. Schmidt em 2000 e orientada pelo Prof. Nerbas.

1 - ORIGENS

1.1 - A origem da Confissão de Augsburg e seu artigo VII

O Rei Carlos V no ano de 1530 havia convocado uma assembléia imperial para ser realizada na cidade de Augsburg. Exigiu de todos os príncipes alemães que trouxessem por escrito as suas propostas para solucionar o cisma religioso. Depois de nove anos de negociações políticas frustradas entre os príncipes favoráveis e os contrários à Reforma, o Imperador Carlos V resolve, ele mesmo, tratar do caso¹. Seu objetivo era reunir todos sob a mesma bandeira, para combater os turcos².

No início dos trabalhos da Dieta foi citado o problema da ameaça dos turcos e, depois, o objetivo da própria dieta:

Para aliviar divisões, para cessar hostilidades, para render os erros do passado ao nosso Salvador, e para mostrar diligência no ouvir, entender, e considerar com amor e benevolência as opiniões e propósitos de todos... para que nós todos possamos adotar e manter uma única e verdadeira religião; e possamos todos viver em uma única comunhão, igreja, e unidade, da mesma forma, vivermos e combatermos sob um Cristo.³

O Eleitor João da Saxônia obedeceu à convocação e, ao mesmo tempo, comissionou Lutero, Jonas, Bugenhagen e Melanchthon para prepararem um documento explicando o porquê das alterações feitas no culto e na piedade das igrejas da Reforma⁴. Além disso, este documento deveria rebater as acusações feitas ao luteranismo por João Eck nos seus “Quatrocentos e Quatro Artigos”. Naqueles, Eck tentava demonstrar, com base em citações tiradas fora do contexto, que os luteranos eram hereges, isto é, que haviam se afastado das doutrinas apostólicas ensinadas pela igreja. Além disso, dizia ele, eram criminosos e deveriam ser eliminados por Carlos V.⁵

Baseado nos “Artigos de Schwabach” de 1529 e na Grande Confissão (1528), Melanchthon elaborou um documento onde foi colocada a posição luterana. Foi lido perante o imperador Carlos V e todos os representantes do império no dia 25 de junho de 1530. Mais tarde, este documento passou

¹ BECK, Nestor. *Compreender o Passado, Abraçar o Futuro*. São Leopoldo, Edição do Autor, 1996, p. 16.

² Id. In: *Pelo Evangelho de Cristo*. Porto Alegre/São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1984, p. 18.

³ BENT, F. *Historical Introductions to the Book of Concord*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1965, p. 15.

⁴ Id., p. 16. Tradução nossa.

⁵ BECK, *Compreender o Passado, Abraçar o Futuro*, op. cit., 1996, p. 17.

a chamar-se de “Confissão de Augsburg”.⁶ Tornou-se logo uma declaração pública da fé dos luteranos.

No próprio prefácio do documento Melanchthon deixa claro que o objetivo dos luteranos é buscar a paz e a concórdia. As duas partes deveriam ser ouvidas com mútua brandura e caridade e que no fim se chegasse a um consenso, para que pudesse permanecer apenas uma religião pura e verdadeira, na unidade e na concórdia.(CA, Prefácio, 3,4)

Segundo Nestor Beck, a Confissão de Augsburg é a carta magna da Igreja Luterana. Nela a igreja encontra a sua vocação. Tal vocação é ser uma igreja que busca a unidade, tanto com a Igreja Católica Romana, como com as igrejas da Reforma.⁷

A Confissão de Augsburg, portanto, demonstra que os luteranos sempre estiveram preocupados com a unidade da Igreja.

1.1.1 - O artigo VII da Confissão de Augsburg

O contexto do Art. VII é toda a Confissão de Augsburg.⁸ A doutrina sobre a Igreja que o artigo traz, e que é confessada pelos Reformadores, é o resultado do ponto de vista luterano sobre a Justificação, os Sacramentos e o Ministério. A igreja é criada e mantida pelo Espírito Santo. É, portanto, de origem divina, assim como a Justificação, os Sacramentos e o Ministério. Por isso o ensino que o Art. VII da CA traz está fortemente marcado pelo ensino dos outros artigos da CA.⁹

Na primeira parte do artigo está se afirmando que sempre haverá sobre a terra uma santa igreja cristã: “Ensinam outrossim que sempre permanecerá uma santa igreja. E a igreja é a congregação dos santos, na qual o evangelho é pregado de maneira pura e os sacramentos são administrados corretamente” (CA VII, 2,3).

Os luteranos estão negando que a única igreja de Cristo possa ser identificada estritamente com a estrutura visível da Igreja Católica Romana. Nem concordam que aqueles que não se submetem a ela e as suas leis e ritos, estejam excluídos da verdadeira igreja.

⁶ Idem, p. 18.

⁷ Ibidem.

⁸ SASSE, Herman. *We Confess the Church*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1999.

⁹ FAGERBERG, H. *A New Look at the Lutheran Confessions*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1972, p. 251.

Acreditavam que a Igreja Romana de seu tempo se transformara numa estrutura exteriorizada e controlada pelo papa romano, que queria ter o poder tanto sobre a igreja como sobre o estado. Os reformadores afirmavam que ela estava mais sob o domínio da lei do que impregnada do evangelho, que as obras ordenadas pela igreja eram tidas como meritórias e, por isso, excluía a confiança na graciosa promessa de Deus. Além disso, muitas obras e cerimônias impostas pela igreja a seus membros ultrapassavam e até mesmo infringiam os mandamentos de Deus.¹⁰

Na segunda parte do artigo, que está indissolivelmente ligada à primeira,¹¹ se afirma o que é necessário e o que não é necessário para que haja unidade na igreja:

E para a verdadeira unidade da igreja basta que haja acordo quanto à doutrina do evangelho e a administração dos sacramentos. Não é necessário que as tradições humanas ou os ritos e cerimônias instituídos pelos homens sejam semelhantes em toda a parte. Como diz Paulo: “Uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, etc.” (CA VII 2-4)

E é nesta segunda parte que nós encontramos o *satis est* (é suficiente)¹². Nele os confessores mostram que não querem a divisão, mas sim a unidade verdadeira da igreja. E é a partir deste *satis est* que podemos entender o pensamento dos reformadores sobre no que consistia a verdadeira unidade da igreja.

1.2 - A origem do Movimento Ecumênico

O Movimento Ecumênico de nossos dias é um “movimento” e não uma organização particular. Podemos entender o que ele expressa se olharmos para as várias organizações e agências que dele fazem parte. Nenhuma delas tomada em si mesma dará uma compreensão exata do que seja esse movimento.¹³

Segundo Sasse, o Movimento Ecumênico tem sua origem no século passado quando os teólogos se voltaram para a questão da igreja e os novos tempos:

¹⁰ BECK, *Compreender o Passado, Abraçar o Futuro*, op. cit., p. 18.

¹¹ SASSE, op. cit., p. 51.

¹² O Livro de Concórdia na edição portuguesa traduz o *satis est* por “basta”.

¹³ Goodal, Norman. *El Movimiento Ecumênico*. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1970, p. 14.

O Movimento Ecumênico deita profundas raízes na história do cristianismo do século 19. Começou em torno de 1830, quando os teólogos de todas as denominações principiaram a redescobrir o conceito de igreja e quando as igrejas no mundo inteiro, na Europa como nos continentes recentemente desenvolvidos, e especialmente nos campos de missão, foram confrontadas com a tarefa de adaptar sua organização e seu trabalho aos requisitos de uma nova era. Isso deu ao problema da unidade da igreja uma premência sem precedente.¹⁴

Segundo Goodal, teólogo com mentalidade ecumênica, este impulso para a união entre as igrejas tem sua origem na própria fé dos cristãos que os une entre si e Cristo. Segundo ele, as divisões são uma trágica contradição: “A trágica contradição na história do cristianismo é que mesmo os homens estando reunidos em Cristo, a unidade dos cristãos entre si tem sido sempre precária”¹⁵ Para ele, o início da mentalidade ecumênica podia ser encontrado na época de Willian Carey:

O ‘pai das missões modernas’, Willian Carey, propôs em 1806 convocar uma reunião de todos os cristãos, no cabo da Boa Esperança, aproximadamente para o anos de 1810, a qual seria seguida de reuniões similares a cada 10 anos. Carey deu esta sugestão em uma carta a seu amigo Andrew Fuller, secretário da Sociedade Missionária Batista. Mas Fuller aceitou a idéia com entusiasmo. ‘Isto não é mais que um dos agradáveis sonhos do irmão Carey’ escreveu.¹⁶

Este “sonho” de Carey aos poucos começou a tomar corpo. Encontros passaram a ser realizados entre missionários de várias denominações que trabalhavam em áreas comuns, América Latina, Índia, Japão e China.¹⁷

Antes do início do século XX também as sociedades bíblicas deram um impulso ao Movimento Ecumênico.¹⁸

Ainda no século XIX muitas igrejas haviam formado organizações confessionais de âmbito mundial: a Lambeth Conference da Comunidade

¹⁴ SASSE, Hermann. Igrejas Confessionais no Movimento Ecumênico. *Igreja Luterana*, Porto Alegre, ano XXX, 1969, p. 4.

¹⁵ GOODAL, op. cit., p. 14.

¹⁶ Id., p. 15.

¹⁷ Ibidem

¹⁸ Goodal, op. cit., p. 17-18.

Anglicana (1867), a Allgemeine Evangelisch-Lutherisch Konferenz (1868), a Aliança Mundial das Igrejas Reformadas de Sistema Presbiteriano (1875), a Conferência Metodista Ecumênica (1881) e as correspondentes federações dos Congregacionais (1891). Estas conferências eram porém confessionais, cada uma com sua denominação. O que deu a virada de pensamento foi o crescimento da visão pietista sobre a igreja do “todos em cada lugar”, que dizia que os filhos de Deus de todas as nações são um e devem manifestar sua unidade. Essa idéia pietista entrou nas igrejas e o Movimento Ecumênico do século XX se caracteriza pela tensão entre o princípio confessional de igreja, que “ vê a base de unidade eclesiástica não em experiências subjetivas, mas na verdade objetiva da revelação divina que nos é dada e que a igreja expressa numa confissão que une os crentes em muitos lugares” e esse princípio pietista.¹⁹

Um fato muito importante para o desenvolvimento do Movimento Ecumênico foi o encontro em Edimburgo (1910).²⁰ Reuniu dirigentes cristãos de várias denominações interessados na obra da missão. Era a primeira vez que se conseguia reunir uma conferência com participação internacional. As outras eram sempre dentro de cada denominação. Por ser interdenominacional e de amplitude mundial, ela foi denominada de “Conferência Missionária Mundial”²¹ O sucesso deste encontro foi o estímulo para a formação de Conselhos de âmbito mundial. Devido as suas conseqüências ele foi chamado de “o berço do Movimento Ecumênico”.²²

As três grandes vertentes do Movimento Ecumênico são: o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), a Federação Luterana Mundial (FLM), e a Igreja Católica a partir do Vaticano II (1960).

O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) foi formado a partir da junção de duas organizações de alcance mundial: o Movimento “Vida e Obra” e o Movimento “ Fé e Ordem”. Por causa da guerra, o comitê permaneceu em estágio provisório de 1937 até 1948, quando em Amsterdã foi finalmente oficializado.²³

¹⁹ SASSE, *Igrejas Confessionais no Movimento Ecumênico*, op. cit., p. 4-6, passim.

²⁰ Em 1960, o Encontro Edimburgo 1910 foi comemorado com cultos especiais na Abadia de Westminster, na Catedral de San Giles (Edimburgo), em Nova York, Toronto e em vários outros lugares. Foram celebrações de gratidão por estar se cumprindo 50 anos do encontro.

²¹ GOODAL, op. cit., p. 19.

²² NAVARRO, Juan Bosch. *Para Compreender o Ecumenismo*. São Paulo: Editora Loyola, 1995, p. 120.

²³ Walker, Williston. *História da Igreja Cristã*. Vol. II. São Paulo: Aste, 1967, p. 308.

Na Assembléia de Nova Deli (1961) ficou estabelecida a seguinte base doutrinal:

O Conselho Mundial de Igrejas é uma associação fraternal de Igrejas que crêem em Nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador segundo as Escrituras e se esforçam por responder conjuntamente à sua vocação comum para glória do único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo.²⁴

Esta base doutrinal não é uma confissão de fé. Cada igreja membro tem sua própria, a que não renuncia ao entrar para o CMI. O Conselho Mundial de Igrejas não quer ser uma “super igreja”, nem é a igreja do futuro. Não é um “concílio universal” no sentido católico ou ortodoxo do termo, e nem é um “sínodo” conforme o entendimento das igrejas reformadas.²⁵

A FLM é a reunião dos luteranos interessados e engajados no Movimento Ecumênico. Em 1923, em Eisenach (Alemanha), foi criado um órgão chamado Convenção Luterana Mundial. O que fomentou a criação desta organização, que mais tarde daria origem à FLM, foi a solidariedade para com a Europa arrasada pela guerra. Em 1947, na cidade de Lund, os luteranos se reuniram para formar uma organização mais forte, a qual deram o nome de Federação Luterana Mundial.²⁶

Da Constituição da FLM vemos que a sua *base doutrinária* é a seguinte:

A Federação Luterana Mundial reconhece a Sagrada Escritura do Antigo e do Novo Testamento como a única fonte e norma infalível de toda doutrina e praxe na igreja. Considera os três Credos Ecumênicos e as Confissões da Igreja Luterana, especialmente a Confissão de Augsburg Inalterada e o Catecismo Menor de Lutero, uma exposição pura da Palavra de Deus.

Os seus *objetivos* são os seguintes:

“Em conformidade com as disposições anteriores, a Federação Luterana Mundial tem por missão:

²⁴ NAVARRO, op. cit., p. 135.

²⁵ Idem, p.133.

²⁶ SASSE, *Igrejas Confessionais no Movimento Ecumênico*, op. cit., p. 25.

- a) promover, perante o mundo, testemunho unido do evangelho de Jesus Cristo como o poder de Deus para a salvação;
- b) cultivar a união de fé e confissão entre as igrejas luteranas do mundo;
- c) desenvolver a comunhão e a cooperação em estudos entre os luteranos;²⁷
- d) fomentar o interesse luterano em movimentos ecumênicos e sua participação nos mesmos;
- e) apoiar igrejas e grupos luteranos em seus esforços no sentido de socorrer a outros luteranos em necessidades espirituais e nos esforços de propagar o evangelho;
- f) providenciar um instrumento para igrejas e grupos luteranos com vistas a auxiliar em necessidades físicas.”²⁸

1.2.3 - Igreja Católica Romana a partir do Concílio Vaticano II

No ano de 1948 o Santo Ofício da Igreja Católica Romana havia proibido os católicos de participarem da assembleia de fundação do CMI. Mas já no outro ano, em 1949, o mesmo Santo Ofício considerou o Movimento Ecumênico como um “fruto do Espírito Santo”.²⁹

O Concílio Vaticano II mudou o discurso e modificou a concepção de que para a unidade da igreja era necessário um retorno dos “separados” ao catolicismo. Estas comunidades e Igrejas foram chamadas pelo papa João Paulo II de “irmãos no Senhor”³⁰. O Concílio afirma que há realidades salvíficas também nos ambientes eclesiais não católico-romanos. E através do decreto “Unitatis Redintegratio” define o que vem a ser o ecumenismo: “As atividades e iniciativas que segundo as variadas necessidades da Igreja e as características da época, se suscitam e se ordenam a favor da unidade dos cristãos” (UR 4).³¹

A mais recente e surpreendente atitude ecumênica da Igreja Católica tem sido o diálogo com a Federação Luterana Mundial, gerando a Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação por Graça e Fé (1998).³²

²⁷ Em 1984 os membros da Federação Luterana Mundial declararam-se em comunhão de púlpito e altar com base na sua confissão comum.

²⁸ GAERTNER C. A. A Doutrina da Igreja com Referência Especial a Implicações Teológicas da Filiação à Federação Luterana Mundial. *Igreja Luterana*, Porto Alegre, Ano XVIII, No. 3, 1968, p. 96.

²⁹ WOLF, Elias. *O Ecumenismo no Brasil*. Uma introdução ao pensamento ecumênico da CNBB. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 43.

³⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *O que é Ecumenismo*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 42.

³¹ WOLF, op. cit., p. 42.

³² DECLARAÇÃO CONJUNTA CATÓLICA ROMANA- EVANGÉLICA LUTERANA. *Doutrina da Justificação por Graça e Fé*. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999

2 - SIGNIFICADO DO *SATIS EST* DO CA VII COMPARADO COM O MOVIMENTO ECUMÊNICO

Depois de termos feito uma introdução histórica da Confissão de Augsburg, especialmente o artigo VII, e também do Movimento Ecumênico, podemos agora comparar os aspectos teológicos do movimento com o *satis est* do CA VII.

2.1 - A Igreja e suas Marcas de Identificação (*notae*)

Ao falarmos em unidade na igreja precisamos saber, em primeiro lugar, onde está a igreja e como podemos identificá-la. Nós falamos, por isso, em marcas da igreja. A pergunta que queremos fazer inicialmente é: Como o Movimento Ecumênico identifica a igreja no mundo?

A forma de identificar a igreja por parte do Conselho Mundial de Igrejas pode ser definida:

A eclesiologia das assembleias de “Fé e Constituição”, seguindo uma linha estreitamente vinculada a Karl Barth e, mais recentemente, a Roger Mehl, insistiu que a Igreja “é a comunidade dos fiéis” que, se em Jesus Cristo é uma, na história se manifesta de modo múltiplo, até dividido. Ela existe aí onde os fiéis se declaram discípulos de Cristo e vivem nele. Não é necessário, sequer conveniente, a reintegração de todas as igrejas a uma única Igreja que pretendesse ser a Igreja de Cristo. Na realidade, todas são expressões verdadeiras da Igreja uma, que só escatologicamente se manifestará em sua plenitude.³³

Vemos que não é assumido um único padrão de identificação. Na verdade não temos uma eclesiologia padrão dentro do Conselho Mundial de Igrejas devido ao fato dele não querer ser uma escola teológica. Ele existe para que as igrejas mostrem suas diferenças. Mas isso não significa que uma é obrigada a deixar a sua própria eclesiologia por fazer parte do CMI. O objetivo é que cada ponto de vista seja posto numa relação dinâmica com as outras concepções.³⁴

³³ NAVARRO, op. cit., p. 162.

³⁴ BRINKMAN, Martien E. Progress in Unity? Fifty years of Theology Within the World Council of Churches: 1994-1995. In: *Louvain Theological & Pastoral Monographs*. Grand Rapids: Peeters Press/W. B. Eerdmans, 1995. p. 14.

Outra forma de encontrar as marcas da igreja é mediante uma visão ético-social da natureza da igreja. Desta forma:

... Deus é encontrado sempre ali onde os homens lidam com as grandes crises sociais, econômicas e políticas de nosso tempo. Esta eclesiologia define a igreja como qualquer grupo social ocupado com aquilo que é de importância e valor supremo na vida terrena (expressões de amor, misericórdia, perdão, reconciliação, dignidade humana etc.) O que é então a igreja cristã entre muitas “ecclesiae”? É a comunidade que respondeu claramente à ação de Deus em Jesus, uma ação para o mundo e não somente para a igreja. A igreja, assim se crê, encontrará certas relações de vida naturais com os demais constituintes do mundo. Tais relacionamentos terão mais o caráter de cooperação do que de exortação, informação que julgamento, diálogo que pregação. Eles levarão a apoio mútuo e a esclarecimento da obediência comum a Deus.³⁵

A Igreja Católica Romana, grande fomentadora do ecumenismo a partir do Vaticano II, tem uma concepção própria de como podemos encontrar a igreja no mundo.

A Igreja de Cristo se realiza de modo “perfeito” apenas na Igreja católica (LG/UR), sendo que nas outras comunidades cristãs a Igreja de Cristo possui graus de imperfeições institucionais (UR 3). Nesse sentido, é apenas a Igreja católica que integra a totalidade dos dons de Cristo, em sua doutrina, nos sacramentos e em sua estrutura visível ministerial e hierárquica, capaz de garantir a unidade e a unicidade da Igreja (LG 2)... Portanto é possível compreender as confissões não-católicas como espaços teológicos nos quais a Igreja de Cristo também está presente, não obstante a sua “imperfeição institucional.”³⁶

Vemos que a Igreja Católica Romana ainda pensa que é a única igreja onde “os dons de Cristo” aparecem na sua plenitude. Para ela, a unicidade, santidade, catolicidade e apostolicidade é que são as marcas da igreja.³⁷ E estas só são encontradas perfeitamente nela própria.

³⁵ ANSONS, Gunars J. O Movimento Ecumênico e a Tensão entre Correntes Sócio-Políticas e Evangelicais. In: *Desafio às Igrejas*. Rio de Janeiro/São Leopoldo: Loyola/Sinodal, 1976, p. 23.

³⁶ WOLF, op. cit., p. 89.

Olhemos agora o que o Artigo VII da CA diz sobre como podemos identificar a igreja no mundo. A palavra em português “marcas” não transmite perfeitamente o sentido do latim *notae*. Por isso é importante termos em mente que “marca” equivale ao termo alemão *Zeichen* (sinal), que é a tradução da palavra grega *semeion*, milagre.³⁸

Cullmann diz que no Evangelho de João nós podemos ver os Sacramentos como sendo a verdadeira manifestação, nos dias de hoje, dos milagres (sinais) de Jesus: “Claramente os sacramentos significam para a Igreja o que os milagres de Jesus significaram para seus contemporâneos”.³⁹

A Confissão de Augsburg fala destes sinais da seguinte forma: “...os Sacramentos foram instituídos não apenas para serem notas de profissão entre os homens, porém, mais, a fim de serem sinais e testemunhos da vontade de Deus para conosco, propostos para despertar e confirmar a fé nos que deles fazem uso.” (CA XIII, 1)

Marquart diz ser muito sugestivo que os anjos deram um “sinal” aos pastores quando Jesus nasceu (Lc 2.12). Sem este sinal os pastores não teriam encontrado o menino Jesus. Assim também hoje, sem sinais, não conseguiremos encontrar a verdadeira igreja e distingui-la de fraudes e falsificações.⁴⁰ As marcas, porém, não estão todas no mesmo nível, mas há uma certa hierarquia entre elas. Lutero deu uma lista de marcas vitais da igreja, como a oração, os Dez Mandamentos, sofrimento, esperança e vida eterna, etc. Mas as marcas infalíveis da igreja são o puro Evangelho e os Sacramentos. E através deles podemos reconhecer a igreja, pois eles são sinais e testemunhos da vontade de Deus, através do qual fé, esperança, amor e todos os dons espirituais são criados e mantidos.⁴¹ Segundo Lutero, citado por Marquart:

Verdadeiramente o Evangelho é a mais certa e nobre marca da igreja, muito mais do que o Batismo e o Sacramento do Altar. Isso porque (a igreja) é concebida, feita, criada, gerada, treinada, alimentada, vestida, adornada, armada e preservada somente através do Evangelho. Em resumo, toda a vida e essência da igreja consiste na Palavra de Deus [tota vita et substantia ecclesiae est in verbo Dei.]⁴²

³⁷MARQUART, Kurt E. The Church. In: *Confessional Lutheran Dogmatics*. St. Louis, Concordia Publishing House, 1995, p. 21.

³⁸ Idem, p. 20.

³⁹ CULLMANN, O. *Early Christian Worship*, London: SCM Press, 1959, p. 70.

⁴⁰MARQUART, op. cit., p. 21,

⁴¹ Ibid.

⁴² Ibid.

O Evangelho é o “ingrediente ativo” dos sacramentos. É por isso que elementos simples como a água, o pão e o vinho se tornam ativos e são sacramentos. É como diz Agostinho “Accedit verbum ad elementum, et fit sacramentum.”⁴³

As marcas externas da igreja a identificam e definem como uma comunhão externa nos meios da graça. Os hipócritas e descrentes, que não pertencem na verdade à igreja, estão misturados com os crentes nessa comunhão externa, mas não fazem parte da comunhão de fé. E não cabe a nós julgar se esta ou aquela pessoa é realmente um cristão. Pois nós sabemos quem é a igreja e onde ela está, mas não podemos aplicar isso, individualmente, a cada pessoa. Quando perguntamos “quem” é a igreja a resposta é: os crentes. E se perguntamos “onde” está a igreja, a resposta é: onde estiverem as suas marcas, ou seja, Palavra e Sacramentos. Em outras palavras, as marcas indicam onde os crentes podem ser encontrados, mas elas nunca identificam o cristão individualmente. As marcas se dirigem a igreja toda e não ao indivíduo.⁴⁴

Porém quando falamos nesses dois aspectos da igreja não a queremos separar, como se fossem duas coisas distintas. Não queremos dizer que há duas igrejas. O Calvinismo usa a terminologia “visível/invisível”. No Catecismo de Genebra (1545), citado por Marquart, encontramos:

Há realmente uma Igreja de Deus visível, a qual ele revela a nós através de certos sinais e marcas, mas nós estamos falando aqui propriamente da Assembléia daqueles que foram adotados para a salvação através da secreta eleição de Deus. Isto nem sempre é visível aos olhos, nem discernível através de sinais.⁴⁵

Tal visão traz muitos problemas na interpretação da eficácia dos meios da graça. Se Cristo redimiu apenas uma parte da humanidade, os eleitos, e não toda, então não pode haver algo como meios objetivos da graça, que oferecem salvação a todos.

Por isso, as Confissões falam em igreja no sentido próprio, os crentes verdadeiros, e no sentido amplo, que inclui também os descrentes. Desta maneira a doutrina da igreja pode refletir tanto a dimensão encarnacional, como a sacramental que os Evangelhos trazem.⁴⁶

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Idem, p. 25.

⁴⁶ Idem, p. 23.

Não há, portanto, duas igrejas (uma visível e outra invisível), mas uma única igreja. Esta única igreja verdadeira pode ser tomada no sentido restrito e no sentido amplo. Nossos olhos humanos vêem somente uma associação externa ou corpo eclesialístico, mas Deus vê quem realmente pertence à igreja verdadeira. Esta realidade da igreja só pode ser compreendida pela fé.⁴⁷

Podemos estar certos de que o Evangelho e os sacramentos são as verdadeiras marcas da igreja, que é universal, mas ao mesmo tempo se apresenta em determinado lugar com suas marcas.

2.2 - A doutrina do Evangelho

O evangelho tem sido usado pelo Movimento Ecumênico como um poderoso argumento para chamar as igrejas à união. Já na primeira conferência de “Vida e Obra” realizada em Estocolmo em 1925, foi feito um apelo aos cristãos para “revogarem as diferenças entre si e fazer do evangelho o poder decisivo em todas as áreas da vida”.⁴⁸ Porém sabemos que cada denominação tem a sua forma de ver o evangelho. Por isso o maior problema no diálogo ecumênico não é que as igrejas não sabem trabalhar sob a bandeira do mesmo evangelho, e sim que elas não têm uma mesma bandeira. Há diversas concepções do mesmo.⁴⁹

Scharlemann mostra a estreita conexão feita pelo Movimento Ecumênico entre assistência social e o evangelho:

Para a conferência de Vida e Trabalho o evangelho significava fundamentalmente o poder do amor de Deus para transformar todas as áreas da vida. Mais especificamente, isto iria acontecer com a reconstrução do mundo que havia sido saqueado pela Primeira Guerra Mundial.⁵⁰

Segundo Ansons, o Movimento Ecumênico entende o evangelho através de uma hermenêutica ético-social. Jesus não é encarado tanto na sua dimensão cósmica (morte e ressurreição), mas na dimensão ética de sua existência terrena. Jesus é visto como um modelo ético. Não que se deixe de lado a linguagem clássica quando se fala de Cristo, mas o engajamento social é o centro das discussões. Dessa forma:

⁴⁷SASSE, *We Confess the Church*, op. cit., p. 51.

⁴⁸SCHARLEMANN, Robert P. *The Gospel and the Ecumenical Movement. Concordia Theological Monthly*, Vol. XX, 1969, p. 99.

⁴⁹Ibidem.

⁵⁰Ibidem.

Comunicação do evangelho é o preenchimento da vida humana ou, inversamente, a atividade de serviço e o engajamento ético-social estão comunicando o evangelho. Nesse contexto pode/deve ser visto também o Programa do CMI de Combate ao Racismo, o qual inclui contribuições financeiras para alguns movimentos de libertação. Isto é visto não somente como preocupação humanitária ou apoio político, mas como testemunho e proclamação cristãs.⁵¹

Para tal visão a dinâmica de “Lei e Evangelho” seria a seguinte: a Lei significa todas as estruturas opressoras às quais o homem está preso e nas quais ele é escravo. Já o evangelho é o poder capaz de quebrar estas estruturas dominadoras, e capaz de libertar o homem dessas amarras humanas.⁵²

O evangelho é crido e confessado de outra forma na Igreja Luterana verdadeira. E para entendermos a doutrina do Evangelho segundo o entendimento da CA Artigo VII precisamos olhar para os Artigos de Schwabach (1529), onde a CA está baseada.⁵³

Pregar corretamente o Evangelho de que fala o Art. VII é falar em harmonia com todos os artigos e partes da CA. Ou seja, é ensinar e manter toda a doutrina. E segundo Marquart, vistos na perspectiva da graça de Deus em Cristo, em outras palavras, não como lei.⁵⁴ Pois Justificação é o principal artigo (Ap. IV.2) e que está integrado organicamente com todos os outros artigos. Os confessores quando falam sobre doutrina têm “numa mão o artigo da justificação e na outra os outros artigos”.⁵⁵ Por isso negar qualquer um deles significa distorcer o artigo da Justificação.⁵⁶ Sobre isso fala Sasse com palavras bem claras:

O artigo da justificação não pode ser corretamente ensinado onde os grandes artigos do Credo Apostólico e Niceno não são guardados. Negar o nascimento virginal de Cristo conduz

⁵¹ ANSONS, op. cit., p. 23.

⁵² SCHARLEMANN, op.cit. p. 102.

⁵³ MARQUART, *The Church*, op. cit., p. 51.

⁵⁴ MARQUART, Kurt. Augsburg Confession VII Revisited. *Concordia Theological Quarterly*, 45 (1/2), 1981 p. 20.

⁵⁵ ARAND, Charles P. The Future of Church Fellowship: A Confessional Proposal. *Concordia Journal*, Vol. 25, No 3, July 1999, p. 246.

⁵⁶ MARQUART, *The Church*, op. cit. p. 51.

a uma falsa doutrina sobre a encarnação. Uma falsa doutrina sobre a encarnação conduz a uma compreensão errônea sobre a justificação e os sacramentos. Deste modo, o artigo “stantis et cadentis” da igreja mantém unidos e ilumina a todos os artigos da fé cristã.⁵⁷

E administrar corretamente os Sacramentos é administrá-los segundo uma correta compreensão do que é o evangelho. Pois o evangelho inclui também os Sacramentos. Estes não são coisas vazias, atos que não necessitem uma precisa compreensão e confissão do que ele significa. Os sacramentos não podem ser entendidos à parte do Evangelho. Pois é o Evangelho que edifica a igreja, adorna, e a preserva.⁵⁸ Tanto que Lutero disse que “o púlpito pode e deve preservar sozinho o Batismo, Sacramento do Altar, doutrina, artigos da fé”⁵⁹. Os Sacramentos são formas específicas do evangelho (cf. Artigos de Esmalcalde, Parte III e IV), por isso as Confissões são bastante incisivas ao dizerem que é necessário que eles sejam administrados conforme a palavra divina.

Marquart deixa claro o que significa pregar corretamente o evangelho e administrar corretamente os sacramentos e, por outro lado, o que significa a má interpretação do mesmo: “O evangelho é ‘puramente’ pregado e os sacramentos ‘corretamente’ administrados se e somente se estiverem de acordo com a norma apostólica. Tudo o que não for apostólico é apostático. Proclamação contrária à norma apostólica é por esta razão pseudo-evangelho.”⁶⁰

Se, conforme Artigo VII, os Sacramentos devem ser administrados de acordo com a palavra divina, é importante olharmos na própria CA o que ela diz sobre ele:

- *No Artigo IX temos descrito a necessidade e o proveito do Batismo: “Do batismo se ensina que é necessário e que por ele se oferece graça; que também se devem batizar as crianças, as quais, pelo batismo, são entregues a Deus e a ele se tornam agradáveis. Por essa razão se rejeitam os anabatistas, os quais ensinam que o batismo infantil não é correto.”*⁶¹

⁵⁷ SASSE, H. Theses on the Seventh Article of the Augsburg Confession. *The Springfielder*, 25 (3), 1961, p. 15. Tradução nossa.

⁵⁸Idem, p. 21.

⁵⁹Ibidem.

⁶⁰ MARQUART. *The Church*, op. cit., p. 50.

⁶¹ LIVRO DE CONCÓRDIA: A CONFISSÃO DA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA, Arnaldo Schüler, trad., São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1993, p. 32.

- *Da natureza da Santa Ceia encontramos nos Artigo X: “Da ceia do Senhor se ensina que o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de Cristo estão verdadeiramente presentes na ceia sob a espécie do pão e do vinho e são nela distribuídos e recebidos. Por isso também se rejeita a doutrina contrária.”*⁶² Do uso dos sacramentos como meio da graça nos fala o artigo XIII:

Com respeito ao uso dos sacramentos se ensina que foram instituídos não somente para serem sinais por que se possam conhecer exteriormente os cristãos, mas para serem sinais e testemunhos da vontade divina para conosco, com o fim de que por eles se desperte e fortaleça a nossa fé. Essa também a razão por que exigem fé, sendo usados corretamente quando a gente os recebe em fé e com isso fortalece a fé.⁶³

Agindo assim, tomando o evangelho como não significando apenas o artigo da justificação, mas todos os artigos da fé cristã, estaremos compreendendo da mesma forma que Lutero o entendia: de maneira holística e não tomista.⁶⁴

2.2 - Unidade na Igreja

Depois de definirmos quais são as marcas (*notae*) da igreja, pelas quais a podemos encontrar na terra, e também o que significa pregar o evangelho puramente e administrar os sacramentos corretamente, podemos chegar à resposta do que é necessário para a comunhão entre as igrejas e o que não é necessário.

Novamente queremos ver o que o Movimento Ecumênico diz sobre a comunhão entre as igrejas e quais as razões para que devêssemos fazê-la.

Em primeiro lugar queremos avaliar algo que é chamado de “diversidade reconciliada”. A seguinte citação tirada de um documento feito em parceria pelo CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil) e o CLAI (Conselho Latino Americano de Igrejas no Brasil), mostra como este conceito é entendido:

Deus chamou um povo para ser portador de sua mensagem de salvação para toda a humanidade. Em Jesus Cristo, Deus am-

⁶² Ibidem.

⁶³ Idem, p. 34.

⁶⁴ MARQUART, *Augsburg Confession VII Revisited*, op. cit., p. 21.

pliou as fronteiras da escolha inicial e nos fez co-participantes na construção do seu Reino. No Reino de Deus há lugar para todas as pessoas que quiserem ser portadoras da mensagem de paz, solidariedade, respeito e amor que ele quer apregoar por todos os cantos da terra. Nesse Reino, que acontece na nossa história e que não se limita a espaços físicos determinados, há lugar para a convivência pacífica dos diferentes. Deus não nos quer iguais, ele nos quer unidos. Ele não exige que expressemos fé, sentimentos, conhecimentos, de uma mesma maneira, ele quer que nas diferenças encontremos o que nos une, nos torna um.... Temos o costume de analisar as outras pessoas pela confissão religiosa delas, isto é, costumamos conhecer o outro pelo que nos separa, e temos perdido a oportunidade de nos enriquecer mutuamente com as experiências diversificadas de expressão de fé. Ao pensar em unidade, muitos pensam que ser um é ter uma única confissão religiosa. Mas não é a uniformidade que constrói a unidade. Unidade pressupõe diversidade. Não há unidade se desconsiderarmos a diversidade. Muito embora as diferenças existam, elas não podem ser empecilhos para a construção da Unidade. A Unidade deve ser cultivada para que o mundo viva na esperança de uma vida nova. ⁶⁵

Brakemeier fala da diversidade confessional como algo da natureza histórica do homem. Também de um tipo de união onde se estuda o quanto de divergência doutrinária o corpo de Cristo é capaz de suportar. Diz ele:

A diversidade, incluindo a confessional, não decorre necessariamente de culpa. Até certo limite ela é fruto da natureza histórica do ser humano e do mundo. A uniformidade costuma ter por preço um regime ditatorial que suprime a variedade típica da criação. A diversidade, portanto, de alguma forma é “natural”. Em princípio, ela não conflita com a unidade. Assim sendo, a pergunta crucial do ecumenismo não pode consistir em como evitar a pluralidade, e sim, em como assegurar-lhe a função construtiva no corpo de Cristo... Nem toda a diversidade edifica (cf. 1Co 14). O “corporativismo” na comunidade de Corinto, por exemplo, manifesto na existência de grupos rivalizantes, foi considerado por Paulo altamente danoso, divisor da Igreja (1Co 1.10s.). Da mesma forma há que se admitir

⁶⁵ DIVERSIDADE E COMUNHÃO, 1998, p.31.

haver divergências doutrinárias, éticas ou outras que forcem a ruptura. Pois o evangelho não permite a cumplicidade com o mal ou com o erro. O ecumenismo procura estabelecer critérios para a delimitação e o manejo da diversidade na Igreja. Avalia diferenças na tentativa de fazê-las convergir. Ele pergunta: quanta base comum é necessária para a unidade da Igreja? As rupturas do passado se justificam ainda hoje? Enfim, quanta diversidade o corpo de Cristo é capaz de tolerar? ⁶⁶

Em primeiro lugar devemos dizer que o corpo de Cristo, de que tanto falam os ecumênicos, nunca esteve dividido e nem tem diversidade confessional. Pois é uma sociedade de fé e do Espírito Santo nos corações. Os Reformadores deixam bem claro isso na Ap. VII e VIII quando dizem:

Mas não é apenas sociedade de coisas externas e ritos, como acontece em outros governos, senão que é, principalmente, sociedade de fé e do Espírito Santo nos corações, sociedade que possui, contudo, notas externas, para que possa ser reconhecida, a saber: a pura doutrina do Evangelho e a administração dos sacramentos de acordo com o evangelho de Cristo. E somente esta igreja se chama corpo de Cristo, corpo ao qual ele renova, santifica e governa por seu Espírito. ⁶⁷

As marcas são a identificação da Igreja *una* e *sancta*. Por estas marcas (palavra pregada puramente e sacramentos corretamente administrados) podemos identificar onde essa igreja está.

A palavra *Koinonia* (comunhão) é muito usada para se referir ao ecumenismo. Marquart diz que:

A maior contribuição lingüística para a correta compreensão da comunhão da igreja é o fato de que o grupo de palavras *koinonéo/ koinonia/ koionos* vêm de *koinos* (comum) e denota um compartilhar ou uma comum participação em algo (Mt 23.30; Lc 5.10; Rm 15.27; 1Co 10.16-20; 2Co 1.7; 1Tm 5.22; 1Pe 4.13; 5.1). ⁶⁸

⁶⁶ BRAKEMEIER Gottfried. O Cânon do Novo Testamento – paradigma da unidade da Igreja? *Estudos Teológicos*, Vol. 37, n.3, 1997, p. 205.

⁶⁷ LIVRO DE CONCÓRDIA, op. cit., p. 66.

⁶⁸ MARQUART, *The Church*, op. cit., p. 41.

A comunhão é, em primeiro lugar, vertical, entre o crente e Cristo, e depois horizontal, com os santos, mediada por “coisas santas”. O Apóstolo João nos mostra em 1Jo 1.1-3 que a nossa comunhão é com o Pai, com o Filho e também com o Espírito Santo. Assim como Deus é amor (1Jo 4.8), assim também a comunhão da Igreja origina-se no amor divino. E esta sublime realidade é nossa através da fé (*sola fide*).⁶⁹

O que precisa estar claro é que quando falamos em separação na igreja cristã estamos falando em coisas externas. A Augustana VII deixa bem claro, e esta é a grande mensagem que ela traz, que o Corpo espiritual de Cristo, que é a sua igreja, de maneira nenhuma está dividido. “A CA, como um documento conciliatório, não buscou estabelecer a unidade da igreja; ele pressupôs a existência desta unidade”.⁷⁰ Mesmo debaixo da desunião organizacional, sua unidade permanece a mesma.⁷¹

Uma olhada mais atenta sobre o Artigo VII irá nos mostrar que nem é o seu objetivo principal falar sobre a unidade exterior da igreja. Nem mesmo está falando sobre união entre igrejas, ou denominações. O artigo está falando especificamente sobre a *una sancta ecclesia*. O *satis est* quer mostrar que sempre onde há pregação do evangelho e administração dos sacramentos conforme o nosso Senhor instituiu, ali a verdadeira igreja, o corpo de Cristo, unido, está presente. Por isso não se refere exclusivamente nem à Igreja Católica, nem Luterana, ou outra igreja qualquer. Está se falando sobre aquela que permanecerá para sempre. Por isso a conexão com Ef 4.4-6⁷². A verdadeira unidade da igreja, da qual o Artigo VII fala, é, ao mesmo tempo, um artigo de fé e uma realidade no mundo.⁷³

Mas então o que dizer sobre a unidade exterior da igrejas? Será que é legítimo tal procura e esforço? Será que o *satis est* do Artigo VII tem algo a nos revelar sobre a união das igrejas? A resposta é sim! O artigo não fala somente de uma unidade escondida, mas também daquilo que é observável, que não é nada mais do que o ensino e pregação do Evangelho e a correta administração dos santos sacramentos.⁷⁴ A importante mensagem do CA

⁶⁹ Idem, p. 42.

⁷⁰ HASHIMOTO, Akio, The Meaning of Satis est in CA VII and the Possibility of Levels of Fellowship. *Lutheran Theological Journal*, Vol. 33, No 1, April 1999, p. 47.

⁷¹ ARAND, Charles P. The Future of Church Fellowship: A Confessional Proposal. *Concordia Journal*, Vol. 25, No 3 July 1999, p. 244.

⁷² SCAER, David P. *The Lutheran World Federation Today*. St. Louis, Concordia Publishing House, 1971, p. 24-25.

⁷³ SASSE, *We Confess the Church*, op. cit., p. 53.

⁷⁴ MARQUART, *Augsburg Confession VII Revisited*, op. cit., p. 17.

VII é que unidade é criada e mantida pela Palavra e sacramentos. Desta forma a igreja precisa olhar para os meios da graça quando falar em comunhão entre igrejas. Sobre isso fala Sasse:

Comunhão é fundamentada no Batismo e acha a sua concreta expressão no Sacramento do partir do pão. Isto corresponde exatamente ao uso que Paulo faz quando diz que Deus tem chamado os crentes “à comunhão de seu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor... em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo... e a todos nós foi dado beber de um só Espírito” (1Co 1.9; 12.13). A conexão com a Ceia do Senhor se torna clara (1Co 10.16). A koinonia do corpo e sangue de Cristo coincide com a koinonia da igreja.⁷⁵

O Sacramento do Altar é a comunhão (koinonia) do corpo e sangue de Cristo. Este sacramento não é apenas um sinal vazio, mas está “embebida na matriz da doutrina dos apóstolos”. Comunhão do Altar é comunhão da igreja, e é claro, pressupõe e inclui comunhão no batismo e de púlpito.⁷⁶ E a koinonia do corpo de Cristo encontra sua suprema e objetiva expressão na koinonia do Seu corpo sacramental (1Co 10.16,17)⁷⁷

Isso difere bastante da concepção de koinonia apresentada por Brakemeier:

Koinonia é assim: cada qual contribui com o que é seu para o bem de todos. Muito embora a confessionalidade possa e deva manifestar-se também criticamente frente ao erro e ao abuso, sua finalidade precípua consiste no cultivo conjunto da lavoura de Deus neste mundo. O Novo Testamento congrega Pedro, Apolo, Paulo e muitos outros nesta tarefa comum.⁷⁸

A verdadeira comunhão não deve ser buscada no sentimentalismo, no subjetivismo. A discussão não pode estar centrada nas coisas que seguem o amor e dele devem brotar, mas sim naquilo que cria o amor. A discussão precisa estar na base.⁷⁹

⁷⁵ SASSE, *We Confess the Church*, op. cit., p. 141.

⁷⁶ MARQUART, *The Church*, op. cit., p. 43.

⁷⁷ Idem, p. 45.

⁷⁸ BRAKEMEIER, op. cit., p. 216.

⁷⁹ Ibidem.

Comunhão verdadeira é concordância nas doutrinas centrais da fé. Os confessores, baseados na palavra de Deus, disseram que a unidade não é encontrada na uniformidade de cerimônias, mas no Evangelho e nos sacramentos instituídos por nosso Senhor Jesus Cristo.⁸⁰

2.3 - O *satis est* e o *nesesse est*

O *satis est* do artigo mostra que a verdadeira unidade da igreja não é quebrada por causa de coisas exteriores, diferenças de ritos, práticas litúrgicas. Ele é positivo, não precisamos temer que diferenças exteriores possam quebrar a unidade exterior do corpo de Cristo.

A fé na igreja “una sancta” leva imediatamente a uma busca da preservação da verdadeira unidade na Palavra e nos sacramentos. Por isto o grande *satis est* do Art. VII traz consigo um *nesesse est*.⁸¹ Há somente uma verdade e esta cria a unidade exterior e não o caminho contrário. Por isso, comunhão da igreja (de púlpito e de altar) requer e pressupõe unanimidade no puro Evangelho e Sacramentos. E isso não pode ser encontrado em outras coisas, nem em boas intenções, nem em espírito ecumênico, nem na oração, nem no engajamento social a favor dos mais pobres. Palavra e sacramento são as notas que mostram onde a igreja está e é sobre isso que precisamos nos debruçar ao dialogarmos ecumenicamente. Segundo Elert, este foi o entendimento da Igreja Primitiva:

Através de sua participação na Santa Ceia em uma igreja, um cristão declara que a confissão dessa igreja é a sua própria confissão. Sendo assim, uma pessoa não pode, ao mesmo tempo, manter duas confissões. Se, no entanto, alguém faz isso, ele nega sua própria confissão ou não tem nenhuma delas.⁸²

O que deve ficar bem claro é que comunhão da igreja não acontece em graus. Duas igrejas estão em comunhão, ou não estão em comunhão. Se elas entram em comunhão de púlpito e altar elas se tornam uma igreja, embora com diferenças quanto à administração e organização. Não se pode usar a comunhão de púlpito e altar como uma arma político-eclesiástica para as igrejas mostrarem cortesia umas com as outras.⁸³ Comunhão é

⁸⁰ SASSE, *We Confess the Church*, op. cit., p. 56.

⁸¹ Idem, p. 55.

⁸² ELERT, Werner. *Eucharist and Church Fellowship in the First Four Centuries*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1966, p. 182. Tradução nossa.

⁸³ MARQUART, *The Church*, op. cit., p. 61.

fundamentada no batismo e encontra sua expressão concreta no sacramento do partir do pão. Isto corresponde exatamente ao uso que Paulo faz. Deus tem chamado os crentes “para a comunhão de Seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor”... em um só Espírito nós fomos todos batizados em um corpo... e a nós todos foi dado beber de um só Espírito.⁸⁴

O caminho para a comunhão segundo CA VII não acontece entre pessoas individuais, mas passa pela doutrina da igreja e suas marcas. Cristãos de diferentes denominações estão em comunhão externa verdadeira quando há comunhão de púlpito e altar entre essas denominações.⁸⁵ Pois é suficiente (*satis est*) que o evangelho seja pregado puramente e os sacramentos administrados conforme o nosso Senhor instituiu.

3 - PROPOSTAS PARA O DIÁLOGO

Depois de olharmos o Artigo VII e o Movimento Ecumênico, depois de os compararmos teologicamente, precisamos tirar coisas práticas para a nossa vida e a vida da IELB. O apelo do ecumenismo também nos atinge a todo o instante. E este apelo não pode ser atacado somente com proibições ou mesmo afastamento irresponsável, mas exige de nós luteranos uma adequada análise teológica e uma tomada de posição baseada numa firme eclesiologia.⁸⁶

3.1 - A Nossa Responsabilidade para com as Confissões

Luteranos estão agora buscando expressar a unidade da igreja de Cristo num nível confessional com outros luteranos e também num círculo ecumênico mais amplo. Isto porque as forças da globalização estão constantemente nos forçando a reconhecer que, gostemos ou não, nós somos continentes, nações, indivíduos e igrejas interdependentes.⁸⁷ Precisamos nos posicionar frente à questão do ecumenismo. Se não fizermos isso, talvez nos tornemos irrelevantes para a atual cristandade.⁸⁸

Nós temos um chamado, um mandamento divino também ao diálogo e à busca de comunhão:

⁸⁴ SASSE, We Confess the Sacraments. In: *We Confess – Anthology*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1999, p. 141.

⁸⁵ Idem, p. 66.

⁸⁶ MARQUART, *Augsburg Confession VII Revisited*, op. cit., p. 78.

⁸⁷ PREUS, W. David, LWF Membership an Inter-Communion between Member Churches, and Communio in Lutheran Confessions. *Lutheran Theological Journal*, Vol. 33, No. 1, 1999, p.18.

⁸⁸ ARAND, op. cit., p. 241.

As Escrituras ordenam àqueles que foram feitos um em Cristo através da virtude do Espírito, mediante a fé, que busquem concórdia na confissão da fé com todo aquele que professa a fé Nele, os quais reconhecem como membros do corpo de Cristo. Em outras palavras, a busca por unidade exterior na igreja e o reconhecimento, quando concordarem quanto a confissão, não é matéria opcional mas mandamento divino. Comunhão eclesiástica, no entanto, entendido como unidade exterior da igreja, não é uma “dádiva”. Apesar de que a conquista de comunhão eclesiástica é uma bênção de Deus, é matéria de confissão do evangelho, e, conseqüentemente, envolve esforço humano.⁸⁹

Em primeiro lugar, ao falarmos em propostas para o diálogo ecumênico, precisamos reafirmar a nossa responsabilidade para com a herança teológica da Reforma. Nós somos a igreja da justificação pela fé, e precisamos assim permanecer. Precisamos seguir o exemplo dos Reformadores que através da Confissão de Augsburg, da Apologia da Confissão, dos Artigos de Esmalcalde, dos Catecismos Maior e Menor, e a Fórmula de Concórdia disseram que a verdadeira igreja estava no meio deles devido ao fato de estarem: confessando o Evangelho de acordo com as Escrituras; confessando a sua concordância com o consenso doutrinário da igreja primitiva em matéria de Cristologia, e doutrina da Trindade nos credos ecumênicos; rejeitando as antigas heresias.⁹⁰

Sasse mostra o que significa ser uma igreja confessional:

Luteranismo confessional e profundo interesse pela união real entre os cristãos são coisas que pertencem uma à outra. A doutrina da *Una Sancta* nos leva a isso. A intenção dos confessores de Augsburg, quando transmitiram ao Imperador a confissão que ele havia exigido, foi ver a todos nós abraçando e aderindo a “uma e verdadeira religião” e vivendo juntos “em unidade e em uma comunhão e igreja, assim como todos estamos inscritos sob um só Cristo” (Prefácio da Confissão de Augsburg, 4).⁹¹

⁸⁹ NAFTZGER, Samuel H. LWF Membership and the Understanding of Communion in the Lutheran Confessions: a Missouri Synod Perspective. *Lutheran Theological Journal*, vol 33, No. 1, 1999, p. 61. Tradução nossa.

⁹⁰ ARAND, op. cit., p.241.

⁹¹ SASSE, *Igrejas Confessionais no Movimento Ecumênico*, op. cit., p. 4.

3.2 - A Nossa Responsabilidade Ecumênica

Nós conhecemos a explicação de Lutero para o Terceiro Artigo de que o Espírito congrega toda a cristandade na terra e, em Jesus Cristo, a conserva na verdadeira e única fé. Por isso, não podemos nos isolar dos outros cristãos sem negar a verdade dessa explicação.⁹²

Como temos visto durante todo este trabalho, tal aproximação e diálogo precisa ser sempre sobre os meios da graça, as marcas da verdadeira igreja na terra, o Santo Evangelho e os Santos Sacramentos. Pois verdadeiro ecumenismo, responsável e agradável a Deus, se faz em plena concordância com o Santo Evangelho, cuja mensagem principal é que Deus amou o mundo e deu o seu Filho Unigênito para que todo o que crer não pereça mas tenha a vida eterna (Jo 3.16).

Precisamos sempre lembrar que a unidade espiritual é matéria de “fé no coração” (*fides qua*) um relacionamento que liga cristãos com Cristo e uns com os outros na única e santa igreja cristã que transcende o tempo e espaço e qualquer divisão denominacional. Este relacionamento vem a existir através do poder do Espírito Santo, que trabalha através de Palavra e Sacramento. E assim como a fé (*fides qua*) se manifesta em atos de amor, assim aqueles que foram incorporados na unidade espiritual do Corpo de Cristo confessam e ensinam esta fé (*fides quae*). Amor edificante irá manifestar-se de várias maneiras, dependendo das circunstâncias, mas nunca comprometendo os meios pelos quais a igreja vem a existir.⁹³

A responsabilidade da Igreja Luterana para com o mundo é a do diálogo, do testemunho, da confissão de sua fé. Movidos pelo amor que o Espírito Santo fez brotar em nós através do Evangelho, e que é alimentado pelos sacramentos, queremos também advertir a cristandade para o grande perigo do ecumenismo sem amor à verdade. Ele pode levar a condenar atitudes que vão contra a pura doutrina. Sasse diz sobre isso:

A dor causada por se ouvir a verdade é a mais sábia das dores e que o mesmo Salvador que diz aos seus discípulos: “Deixovos a paz, minha paz vos dou” também pôde dizer: “Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada.... os inimigos do homem serão os de sua própria casa..⁹⁴

⁹² ARAND, op. cit. p.241.

⁹³ NAFTZGER, op. cit., p. 60.

⁹⁴ SASSE, *Igrejas Confessionais no Movimento Ecumênico* op. cit., p. 4.

A realidade luterana e das outras igrejas têm muito do que as palavras de Sasse denunciam:

Uma das realidades verdadeiramente ecumênicas na cristandade de hoje é a experiência comum de uma grande emergência que existe igualmente em todas as igrejas. Todas parecem estar sofrendo da mesma enfermidade, que se torna manifesta na perda de substância dogmática, na incapacidade de seus líderes para manter disciplina e obediência, na falta do povo cristão e de seus pastores no que se diz respeito a confessarem sem temor e a sofrerem por ela se necessário.⁹⁵

E ainda a sua seríssima advertência quanto ao perigo espiritual que o ecumenismo, da forma como está sendo desenvolvido atualmente, traz:

A história da igreja não pode ser entendida a menos que se tenha conhecimento do Anticristo, que aparece sempre de novo e em muitas formas na igreja de Cristo. Ele ama ofícios eclesiásticos e outros lugares santos. Sínodos constituem seu prazer e conferências teológicas são os lugares onde ele celebra os seus maiores triunfos. Prega sermões piedosos em nossos púlpitos e leciona em faculdades de teologia. Marcha orgulhosamente em nossas coloridas procissões. Escreve em revistas teológicas e inspira autores “criativos” de livros. Nenhum de nós está a salvo de seu poder persuasivo, a menos que façamos uso das armas de que fala o apóstolo Paulo em Efésios 6. 13-18.⁹⁶

Confessio é a mensagem da Reforma para este mundo do século XXI influenciado pelo ecumenismo. As confissões luteranas foram trabalhadas num espírito verdadeiramente ecumênico, o espírito da unidade baseada na Palavra de Deus. Esta posição precisa ser a nossa também hoje. Isso exigirá coragem para resistirmos a ideologias dominantes, religiões camufladas.⁹⁷

Podemos e devemos ser ecumênicos. O mundo precisa da pura doutrina que a Igreja Luterana possui. E nós precisamos confessar para assim assumirmos a nossa vocação: a de sermos a igreja da justificação pela fé.

⁹⁵ Ibidem.

⁹⁶ Ibidem.

⁹⁷ WARTH, Martim Carlos. A Mensagem da Reforma para o Século XX, *Igreja Luterana*, Ano XVIII, No 1 e 2, 1968, p. 164.

CONCLUSÃO

Avaliar o Movimento Ecumênico é um tanto quanto difícil, pois ele é uma forma diferente de pensar e não uma organização que podemos visualizar. Também os princípios do Artigo VII da CA são difíceis de aplicar devido ao contexto específico para o qual foi escrito, que foi a defesa contra as teses difamatórias de Eck. Mas mesmo assim algumas conclusões importantes podem ser tiradas.

Um das primeiras conclusões é que nós luteranos não podemos nos isolar. Sendo fiéis à nossa história, nós não podemos ser sectários, pois os confessores não o foram. Eles só se separaram da Igreja Católica Apostólica Romana devido a esta não querer se corrigir de seus erros. Mas apesar disso, eles foram ecumênicos no bom sentido do termo. Queriam o diálogo, queriam que permanecesse uma única igreja visível, mas mesmo assim, mesmo sob pressão, eles não deixaram de testemunhar a verdade.

A doutrina pura que nós luteranos temos é dom de Deus Espírito Santo dado a nós. Não para a escondermos, para ficarmos com ela só para nós, mas sim, para que seja proclamada ao mundo, confessada a outros cristãos que estão no caminho do erro e do engano.

Qualquer diálogo ecumênico não pode ser feito por motivos sentimentais, por motivos particulares ou baseado em princípios subjetivos. O diálogo deve ser doutrinário antes de qualquer coisa. É, portanto, através das marcas da igreja (palavra e sacramento) que iremos dialogar. Sabendo que o Evangelho inclui todos o outros artigos de fé.

Talvez hoje o cristianismo esteja perdendo um pouco a noção de qual é a sua função aqui neste mundo. Fala-se em mudanças sociais, em paz e amor, mas muitas vezes se esquece do principal que é o Evangelho. Precisamos testemunhar que nossa função como igreja é a de sermos instrumentos de Deus Espírito Santo para mudar as pessoas e não mudar o mundo. Nossa função é providenciar Palavra e Sacramento, para que as pessoas sejam salvas.

Este mundo precisa da doutrina pura do Evangelho. Por isso cabe a nós, firmes e convictos, continuarmos a obra da Reforma dizendo a este mundo pós-moderno, sincretista e sem rumo: “Cremos, ensinamos, confessamos, e rejeitamos”.

QUESTÕES BÁSICAS DA REFLEXÃO ÉTICA

*Manfred Zeuch**

Numa das últimas edições da revista *Veja* (11 de outubro 2000), saiu uma reportagem sobre a importância que a ética está tomando nos meios profissionais no Brasil. O título é: A vez da ética nas empresas. Como introdução, gostaria de citar duas, três frases do artigo: no leading se afirma que “[está crescendo] a preocupação com a fixação de normas de comportamento para as relações profissionais e os negócios”. Afirma-se ainda que o Instituto Ethos lançou um manual ético, que tem como função estabelecer parâmetros e diminuir o clima de incerteza entre os funcionários. O artigo cita Paulo Vanca, sócio de uma consultoria: “quando não existe um código ético claro, pressupõe-se que não exista também um padrão ético. Isso deixa os funcionários à mercê dos valores pessoais e do exemplo alheio”.¹

Reportar-me-ei principalmente aos textos de Hans Freudenberg e Klaus Goßmann no livro *Sachwissen Religion* (1988)², cujas linhas de pensamento seguirei globalmente nesta comunicação. De uma definição essencial da natureza da reflexão ética nas diferentes situações de vida humana, passamos a nos questionar sobre a necessidade da reflexão ética, e os tipos de questionamentos éticos.

I

O Ethos, significando estilo de vida, conduta, costumes ou prática, foi muitas vezes confundido com a moral, - a própria aplicação dos princípios éticos na vida particular - especialmente com o filósofo Immanuel Kant.

* Prof. Dr. Manfred Zeuch é professor e coordenador de pesquisa em Teologia e Filosofia bem como coordenador de pós-graduação em Teologia na Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS. Este artigo é uma versão modificada de conferência proferida em seminário sobre perícia psicológica na Universidade Luterana do Brasil em outubro de 2000.

¹ Cf. Angela Nunes em *Veja*, ano 33, n 41, 11/10/2000, 154-155.

² Hans Freudenberg e Klaus Goßmann. *Sachwissen Religion*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1988.

Ela reflete sobre o comportamento humano na medida em que estão em jogo valores e parâmetros de certo e errado. A ética ensaia uma teoria sobre o comportamento, que se espera bom e responsável. Ela abrange todo o espectro deste comportamento, tanto o agir ativo quanto o agir passivo ou o sofrer, ou seja, não só diz respeito à ação humana em relação a si, ao semelhante e à natureza, mas também às situações que o indivíduo experimenta como sujeito passivo, sendo desafiado a digerir e trabalhar internamente tais acontecimentos, como doença, limitações de seus potenciais, morte de entes queridos, fracasso, amor e rejeição, perspectiva da própria finitude. Estas coisas que compõem a vida desafiam para uma reflexão comportamental ética. A existência humana movimenta-se dentro de três âmbitos éticos que têm sido distinguidos (mas não separados), que são a ética do cotidiano, a ética da decisão e a ética do conflito. A atuação profissional também pode ser pensada nestes três âmbitos.

Freudenberg-Goßmann situam o primeiro âmbito na normalidade cotidiana, no fluxo da vida comum, que não exige permanentemente a tomada de decisões. A reflexão ética tem se concentrado sobre o comportar-se e o agir humano, subentendido que o ser humano é capaz de tomar decisões livremente em sua vida. Mas ter que tomar conscientemente uma determinada decisão ética é antes uma exceção na vida das pessoas. A situação ordinária é a situação cotidiana, o comportamento natural, evidente, que sempre é pré-formado, e já vem guiado por atitudes éticas fundamentais. Ele corresponde, com certa flexibilidade, a certas regras fundamentais, paradigmas de comportamento. O valor e a necessidade de atitudes e normas fundamentais para nosso comportamento cotidiano são incontestáveis. As normas e valores fundamentais são interiorizados, e orientam a atitude e comportamento humanos, dando continuidade ao agir dentro de um espaço social no qual todos confiam em certas regras de jogo gerais. Em psicologia entraria aqui a noção do superego, de Freud. Adriana Nogueira nos lembra que, segundo Freud, de nada adiantariam as leis e regras externas se elas não tivessem sido interiorizadas, dando vida ao superego: há a necessária introjeção da autoridade que emana preceitos e códigos. Esta autoridade é a lei moral, as regras do jogo em sociedade.³ Assim, o comportamento humano cotidiano caracteriza-se normalmente por intuição e uma certa irreflexão. O indivíduo seguidamente decide intuitivamente entre opções comportamentais já existentes, deixa-se orientar por paradigmas morais individuais e sociais já existentes e tradicionais, introjetados.

³ Adriana Tanese Nogueira: *Ética e psicologia do profundo: a conscientização como dever ético. Ética e Comunicação*, (Faculdades Integradas Alcântara Machado, SP) 1-7/2000, 39-49.

Aqui deve ser acrescentado que o fato da normalidade e da evidência do comportamento não dispensa da necessidade de uma reflexão ética sobre o mesmo. Também o agir cotidiano, evidente – incluindo o agir profissional, precisa ser refletido sempre de uma nova maneira, e ser sempre submetido a uma segunda reflexão ética. Porque a realidade de vida não consiste somente em continuidade das coisas, mas implica também transformação, e diante deste fato, as atitudes fundamentais que visam a estabilização e a conservação necessitam às vezes de um questionamento, uma revisão, uma modificação. Claro que muitas pessoas refletem *a posteriori* eticamente sobre suas atitudes, e procurarão avaliar e justificar ou modificar as mesmas.

Ao lado ou no meio destas exigências comportamentais quotidianas, também existem situações específicas, nas quais a pessoa reconhece imediatamente que terá que tomar uma decisão, que está sendo desafiada eticamente, ou moralmente. A situação de decisão leva a pessoa a refletir em termos de conceitos de valor, de objetivos, de finalidades, de alternativas comportamentais e suas possíveis conseqüências, havendo uma reflexão ética necessária. É o campo da ética da decisão onde, diante da necessidade de se tomar certas decisões de maneira consciente, o indivíduo repensa questões de valor, de paradigmas morais, que podem ser de ordem política, ambiental, social, pessoal, etc. É um processo de decisão em que necessariamente existe a argumentação para se justificar a decisão. Esta decisão pode acontecer seja por a pessoa estar pessoalmente tocada pelo problema, seja por ela aceitar processos de discussão e decisão públicos.

Na ética do conflito trata-se de um âmbito comportamental dentro do qual o indivíduo está confrontado a uma situação pessoal, um conflito moral pessoal, que o desafia existencialmente. Nestes casos é quase impossível que o indivíduo trate o assunto de maneira distanciada e racional, porque ele está diretamente atingido em seu próprio conceito de vida. Por exemplo, no caso de gravidez indesejada e dramática, embora a lei brasileira não admita o aborto, muitas mulheres e adolescentes assim atingidas se questionam se devem ou não pensar num aborto clandestino. Claro que o assunto pode ser e é discutido publicamente, por terceiros, onde há argumentação. Mas em casos onde o indivíduo é pessoalmente atingido, ele é levado a um conceito próprio e pessoal da situação, e a tomar decisões para seu comportamento.

Tendo em vista, para os três níveis de reflexão ética, de que o ser humano se encontra sempre dentro de uma cultura que lhe é anterior, dentro da qual lhe são transmitidas regras normativas de comportamento, ele se encontra inserido dentro de uma história de discussões axiológicas. Isto o obriga à reflexão e ao posicionamento crítico, à adesão ou rejeição pessoal em

relação a valores ou juízos introjetados. Não sendo limitado pelos instintos, mas aberto para o mundo e para o futuro, o ser humano é capaz de optar, avaliar, julgar. Também encontra-se sempre de novo em situações em que os interesses e desejos das pessoas não coincidem, mas muitas vezes se contradizem. São estas as situações de conflito em que se exige reflexão – ética e axiológica - sobre que interesses têm alguma prioridade, sobre quais opções são mais importantes ou têm mais valor.

II

A reflexão ética é fundamentalmente abrangente no âmbito científico, operando por exemplo com métodos da antropologia cultural, da história, da sociologia, da psicologia, da teologia. A ética descritiva ou “empírica” tenta descrever e explicar assim os diferentes fenômenos de comportamento moral, a história da reflexão ética, e as condições sociais e psicológicas da preservação de valores. A ética normativa estuda argumentos e fundamentações de comportamento moral, com o objetivo de encontrar ou desenvolver normas e suas justificativas que levem o interlocutor à adesão a essas normas. O objetivo da ética normativa é, então, tanto a crítica quanto a fundamentação e defesa de normas ou juízos normativos. Tem sido chamado de meta-ética a reflexão que se ocupa com as condições e pressupostos da própria reflexão ética. Ela discute, por exemplo, a pergunta de como se pode encontrar ou fundamentar normas éticas.

Sendo a ética a teoria do comportamento (moral), uma de suas atribuições é a procura de normas e critérios para o agir, o reconhecimento e fundamentação de normas e valores, sua validade e extensão. Por outro lado, também é esclarecer os processos de formação de opinião ética, de juízos éticos. A ética tenta aqui desenvolver uma teoria abrangente que identifique quais são os momentos capitais para a formação de opinião ou juízo ético, e que relacione estes momentos entre si. E, como já foi indicado, a reflexão abrange tanto a esfera ativa quanto passiva da existência humana, tanto o agir quanto o sofrer do indivíduo, sua relação com os outros e consigo mesmo, sua determinação de como ele é e quem ele quer ser.

A natureza das argumentações éticas pode variar em função de concepções axiológicas, como a que se reporta a um dever incondicional, bom, ou a que se orienta num determinado objetivo, num bom alvo a ser atingido. No caso da primeira, as orientações comportamentais são deduzidas de um compromisso ou dever fundamental, do *to deon*, do dever, do dever ser, como por exemplo o “deve-se dizer sempre a verdade”. A ética do dever caracteriza-se como ética deontológica. No entanto, este conceito pode entrar em conflito com outras necessidades ou objetivos, quando, neste caso, se

procurará derivar a orientação comportamental em função deles. O dizer sempre a verdade pode não ser sempre um bem, em determinada situação, como no caso da pergunta se se deve dizer a verdade sobre certa situação a uma pessoa psicologicamente sobrecarregada e fragilizada. Talvez, com o objetivo de poupar a pessoa, seja imperativo não lhe dizer a verdade. Neste caso é o dever em sua aplicação situacional. O dever neste caso é o objetivo de poupar a pessoa, enquadrando-se esta noção no que se chama de ética teleológica.

Neste ponto Freudenberg e Goßmann tocam a questão fundamental de saber se o bem é alguma coisa fixa, determinada uma vez por todas, e suficiente nela mesma, moralmente obrigatória, ou se as normas para comportamento moral devem ser induzidas a partir de propósitos e alvos, que podem perfeitamente ser discutidos. O questionamento vai mais longe: ele toca os conceitos de heteronomia e autonomia. A questão de saber se o bem é alguma coisa que é dada e determinada ao homem de fora, sem que ele tenha participação nessa determinação, ou se o bem, a “moral humana”, é alguma coisa que o ser humano se dá a si mesmo, determinando para si as próprias regras? A ética é heteronômica ou autônoma? Existe uma heteronomia possível? A *nomos*, a lei, pode ser determinada por uma autoridade terceira, de fora? Existe um valor moral absoluto, ou deve ser rejeitado, como o fizeram Bertrand Russel e Jean-Paul Sartre? Ou deve a ética ser até mesmo antinômica, como o sugerem outros? São questões que não podemos aprofundar aqui, evidentemente. Mas fazem parte de uma consideração mais filosófica, meta-ética, acerca da ética humana.

Distingue-se, ainda, entre o obter regras comportamentais a partir de um sistema de regras sempre válido, permanente, e a decisão situacional por um determinado comportamento, entre ética normativa e ética situacional. Na segunda, se concebe que é só nas diferentes situações concretas que se pode concluir qual é a atitude certa a ser tomada na ação humana, ou seja, obtém-se regras de orientação a partir da própria situação e na especificidade de cada situação. A questão fundamental colocada pelos autores aqui é se se pode derivar orientações comportamentais de regras e normas sempre válidas, dadas de antemão, independentes da situação concreta, e se se pode sempre julgar claramente tais orientações, ou se não é antes assim que cada situação é tão diferente uma da outra que somente um conhecimento adequado da situação específica permitirá conhecer o que é bom, sendo este bem sempre condicionado à situação?

Estes tipos de ética são, até certo ponto, abstrações, são conceitos da ética refletida, ou da meta-ética. Eles não se excluem mutuamente, mas

representam apenas algumas ênfases diferentes, que, na vida pessoal ou profissional, nos juízos éticos concretos, podem cruzar-se, ou operar em conflito.

III

Para toda ética é fundamental saber que visão de mundo e de realidade a subjaz, e especialmente que conceito de ser humano está na base de cada ética. Por exemplo, se temos a confiança de que a história da vida humana tem um sentido e um propósito ou alvo, a natureza da postura e das ações poderá ser diferente do que quando se concebe simplesmente que o ser humano não passa de um ponto minúsculo e sem sentido no cosmo.

Terminamos aqui, então, com a questão filosófico-religiosa. Nossa cultura ocidental foi fortemente marcada por valores cristãos, inclusive e especialmente no campo da moral e da ética. A religião tem aqui um papel importante. Nem que fosse um papel puramente instrumental, como o sustenta a já citada analista jungiana Adriana Nogueira, para quem – à maneira de Ludwig Feuerbach e Sigmund Freud - a religião não passa de uma ilusão.⁴ No entanto, esta seria a «função fundamental da religião»: a de ser o veículo para a introjeção das leis morais que de outra forma não teriam ascendência sobre os seres humanos. «Artifício necessário para a sobrevivência de nossa espécie, a religião, que em si não passa de uma ilusão, é o instrumento pedagógico para a educação deste animal chamado ser humano.»⁵

A ética cristã leva a sério a realidade do mal, a experiência do fracasso e do destruidor. Embora o conceito da criação à imagem de Deus coloque o homem numa posição privilegiada, a antropologia teológica também conhece, numa radicalidade incomparável, a potencialidade do mal, sendo que aqui mal e pecado não devem simplesmente ser identificados com mal moral. Nogueira atribui a Sigmund Freud a

descoberta – depois de longos anos de pesquisa de que o comportamento humano nem sempre é regido pela orientação racional (aliás, esta talvez seja mais a exceção do que a regra). Freud descobriu nos porões de nossos altos edifícios intelectuais uma vida primitiva, um agitar-se de instintos e pulsões que nada têm a ver com os ideais de nossa civilização ocidental. A

⁴ Idem, 40.

⁵ Ibidem.

besta humana está viva e podemos observar seus feitos com uma simples olhadela ao nosso redor.⁶

A concepção de Rousseau, segundo a qual o ser humano nasce moralmente neutro, ou bom, tem de ser abandonada, e nas ciências humanas e sociais se concorda, hoje, com isto. “Homo lupus homini”, o homem é o lobo do homem. Ele o é em todos os âmbitos: no político, econômico, social e religioso. A tradição cristã compreende que o mal inerente ao ser humano não pode ser superado com apelos éticos, nem por comportamento moralmente bom, que pode tão-somente reduzir e abrandar as manifestações do mal. Muitas vezes nem é possível optar, decidir entre o que é bom e o que é mau, porque toda opção comportamental incluiria más conseqüências. Por isso é importante que o indivíduo, em seu comportamento, esteja disposto também a assumir culpa, mesmo não podendo causar ou trazer a solução. Ele pode somente assumir a responsabilidade de, diante da onipresença do mal, manter as conseqüências do mal dentro de certos limites. Conseqüentemente não poderá ser o objetivo máximo do indivíduo que tem esta consciência manter-se em todos os casos fora de questão, isento de crítica. O comportamento do cristão será norteado pela consciência desta realidade de responsabilidade, culpa e perdão, que encontra no evangelho de Cristo.

Para terminar, podemos citar os passos dentro de um processo de decisão ética responsável, que os autores desenvolvem, e que poderiam consistir basicamente em seis pontos, distinguíveis mas não separáveis: 1) a constatação do problema; 2) a análise da situação ou do assunto; 3) a determinação das diferentes alternativas de ação; 4) a verificação das normas; 5) a decisão e 6) a avaliação posterior quanto à propriedade ou acerto da decisão. Isso tanto na vida pessoal quanto profissional, embora, muitas vezes, o profissional tomará decisões sem passar conscientemente por estes quatro passos anteriores, por confiar em valores e regras interiorizadas. Mas não deveria se prescindir da avaliação posterior, especialmente em decisões profissionais.

⁶ Ibidem, 43.

O PERFIL DO HOMEM DE FÉ - CHEIO DO ESPÍRITO

*Gerson Luís Linden**

O presente estudo traz como uma palavra de referência a descrição dada sobre o primeiro mártir da Igreja cristã: "... Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo" (Atos 6.5). Seu objetivo é investigar o que caracteriza um "homem de fé", especialmente conforme o livro de Atos dos Apóstolos. Será desenvolvido em cinco capítulos. No primeiro, traz-se um estudo de Atos 6.1-7, de onde vem o texto base, citado acima. No segundo capítulo, a figura de Estêvão será brevemente focalizada, acentuando especialmente sua característica como homem escolhido por Deus, seu testemunho e conseqüente martírio. No terceiro capítulo, a partir da descrição feita sobre Estêvão, investigaremos como o livro de Atos dos Apóstolos entende a expressão "homem cheio de fé". No quarto capítulo procuraremos responder à questão, "Como o homem chega à fé?" Neste ponto, analisaremos mais detidamente a expressão, "cheio do Espírito", levando em conta o testemunho bíblico e confessional luterano. Ao final, no quinto capítulo traremos algumas implicações das reflexões feitas para a vida dos leigos da IELB.¹

1 - UM ESTUDO DE ATOS 6.1-7

A tradução Almeida Revista e Atualizada traz como título, "A Instituição dos diáconos". Na verdade, o texto em nenhum momento chama os sete homens de "diáconos". Talvez um título que melhor traduza o que o texto apresenta seja, "Sete auxiliares para os apóstolos", como traz a Nova Tradução na Linguagem de Hoje. De fato, o texto vem mostrar a primeira organização feita pela Igreja apostólica, tendo em vista uma dificuldade surgida, para a qual os apóstolos não tinham condições de fazer frente sozinhos.

* Prof. Gerson Luis Linden, S.T.M., é professor de Teologia Exegética no Seminário Concórdia e na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). No seminário exerce também as funções de Vice-diretor e Deão de Alunos.

¹ Palestra apresentada no 15º Congresso Nacional da Liga de Leigos Luteranos do Brasil (LLLB), em Termas do Gravatá, SC, em 24 de agosto de 2001. O texto foi adaptado para o propósito desta publicação.

Há uma tensão na Igreja apostólica. Não foram apenas problemas externos (como a perseguição) que afligiram a Igreja. Havia problemas internos na vida da Igreja. O episódio de Ananias e Safira (At 5.1-11) é um exemplo. No texto em estudo, há um problema decorrente de uma prática que era, em si mesma, muito boa. Havia um serviço de auxílio especialmente dirigido para as viúvas da congregação. Não havia, na época, um serviço assistencial providenciado pelo estado. A igreja, porém, não deixou suas pessoas mais necessitadas desamparadas. No entanto, em Jerusalém, um grupo não estava recebendo a mesma atenção - as viúvas helenistas (possivelmente uma referência às pessoas que falavam preferencialmente a língua grega; os “hebreus” seriam os que usavam a língua hebraica [ou aramaica] como a linguagem do dia-a-dia). Houve, então, murmuração, reclamação. Nem tudo era paz na Igreja.

O texto é importante para a Igreja hoje. Por vezes fazemos uma idéia um tanto romântica da vida dos primeiros cristãos, como se estivessem livres de problemas. Aquela Igreja era a Igreja real, composta de pessoas pecadoras. O texto bíblico, porém, nos vem mostrar que a Igreja, corretamente orientada para sua missão no mundo, administra a tensão e até mesmo a torna ocasião de crescimento.

A questão colocada pelos apóstolos afeta profundamente a vida da Igreja: não é agradável (a Deus!) que em vista de um serviço importante - servir as mesas - eles deixem de se dedicar à palavra e à oração. “Palavra”, em Atos normalmente se refere à proclamação da Palavra de Deus. “Oração”, ao que parece indicar o singular, refere-se à vida devocional dos apóstolos (em contraste com At 2.42 - “orações” - que parece indicar as orações da Igreja em culto). Palavra e oração - para isto foram constituídos os apóstolos. Nisto os pastores hoje precisam dedicar tempo em seu ministério. Pois a Palavra de Deus é o meio pelo qual Deus atua no mundo; por causa da sua proclamação, Cristo instituiu o santo ministério. A vida devocional do pastor é fundamental. Acentua o fato de que a obra, a missão, o ministério, são de Deus. É importante acentuar que os apóstolos não estavam colocando lado a lado um trabalho importante e outro sem valor. Pelo contrário, eles estavam diante de uma opção difícil, por serem ambas tarefas importantes. “Servir às mesas”, ou seja, atender as pessoas necessitadas da Congregação, era serviço que não podia ser desprezado. Mas o chamado dos apóstolos impunha sobre eles a necessidade de colocarem Palavra e oração como prioritários.

A solução proposta pelos apóstolos se constitui em um excelente uso da liberdade cristã na organização da Congregação. Sua proposta é a escolha

de pessoas que realizem a importante tarefa do cuidado aos necessitados (no caso, as viúvas). Dois critérios básicos são colocados para a escolha daqueles homens:

- 1 - que sejam homens de boa reputação (literalmente: testemunhados; isto é, pessoas sobre os quais há um [bom] testemunho).
- 2 - cheios do Espírito e de sabedoria - o Espírito é a causa; a sabedoria é consequência, já que a verdadeira sabedoria é dom do Espírito Santo (1 Co 12.8). Tal sabedoria refere-se, possivelmente, à capacidade prática de discernir qual atitude é mais prudente em determinada situação.

A estes homens, dizem os apóstolos, “encarregaremos deste serviço”. A palavra serviço (*χρεία*) pode ser também traduzida por “necessidade”. A necessidade cria um serviço específico dentro da congregação. Vivemos em um tempo onde estrutura, planejamento e gerenciamento são palavras muito usadas em nosso meio. O texto nos leva a refletir sobre o que é realmente necessário que seja feito. Vale, pois, o questionamento: Estão nossas estruturas e planejamento a serviço das reais necessidades, ou criaram vida própria e são importantes por si mesmos? A primeira organização da Igreja não partiu de um mandamento específico quanto à forma de se estruturar. Veio, sim, do uso da liberdade cristã, levando em conta a absoluta necessidade da pregação da palavra, sem descuidar do amor ao próximo necessitado.

O texto conclui com a constatação: “Crescia a palavra de Deus”, isto é, crescia a proclamação da palavra. E houve conseqüente crescimento numérico da Congregação. Não há uma angustiada busca por números, mas eles são observados. Nem desleixo quanto aos números, nem preocupação excessiva - esta a postura de Lucas diante dos resultados. O importante, porém, é a constatação de que a Igreja primitiva não se deixou enredar pelo falso dilema: o que escolheremos, ou a evangelização, ou o cuidado aos pobres! Ao invés de “ou ... ou”, a Igreja se propôs a, movida pelo amor de Jesus, dizer um “e”! A proclamação da palavra da salvação é a dívida que temos para com o mundo. Tal tarefa é inadiável e intransferível. O amor ao próximo, o cuidado para com os necessitados, especialmente os da família da fé, é uma das marcas que os filhos de Deus deixam pelo caminho, marcas que refletem o amor sacrificial do Senhor, verdadeira fonte de motivação para todo e qualquer serviço do povo de Deus.

2 - ESTÊVÃO, “DIÁCONO”, TESTEMUNHA, MÁRTIR

O nome “Estêvão” é grego (*Στέφανος*) e significa “coroa”. A vida deste filho de Deus bem exemplifica as palavras de Jesus: “Sê fiel até a morte e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2.10). Estêvão, na verdade, tem um

registro muito breve no Novo Testamento. Tal registro restringe-se a algumas poucas situações em sua vida. No entanto, a importância destas situações pode ser notada claramente para a vida da Igreja. São basicamente três os eventos relatados a respeito de Estêvão, a respeito dos quais agora passamos a refletir.

Estêvão - o “diácono”

A primeira vez que Estêvão é mencionado em Atos dos Apóstolos encontra-se no texto estudado acima (At 6.1-7). O texto mostra, como vimos, a escolha de Estêvão como um dos encarregados do cuidado às pessoas em necessidade na Congregação. Sua característica fundamental era, conforme o texto, ser “homem cheio de fé e do Espírito Santo” (At 6.5).

Estêvão, a testemunha

Uma segunda situação é aquela relatada em At 6.8-7.53. O texto retrata o testemunho de Estêvão ante aqueles que se colocavam contra a mensagem de Cristo. Quanto aos seus oponentes, Lucas declara que estes “não podiam sobrepor-se à sabedoria e ao Espírito com que ele falava.” (At 6.10). Seu testemunho tem seu ponto alto no longo discurso que profere ante os judeus. Tendo como base a história do Antigo Testamento, Estêvão acusa os judeus de não terem a fé verdadeira, apesar da revelação de Deus estar tão perto.

A partir do debate empreendido por Estêvão com os judeus, levantam-se algumas advertências para os filhos de Deus também hoje. Wilson Scholz (Atos dos Apóstolos, volume 2, Concórdia Editora, p. 21,22) chama a atenção para três perigos que o texto aponta para aqueles que, a exemplo de Estêvão, dão testemunho da verdade.

Em primeiro lugar, o testemunho de Estêvão acentua o “escândalo da particularidade”, isto é, mostra que a fé verdadeira não pode fazer acordos com mensagens que desvirtuam o evangelho da salvação em Cristo. Scholz alerta para o fato de que em nosso tempo, assim como em outras épocas, “corremos o risco de não mais diferenciar o remendo novo do pano velho. Corremos o risco de misturar a novidade do Evangelho de Deus com a caducidade das idéias religiosas elaboradas pelos homens.” Uma das tentações para a Igreja cristã no século XXI, talvez mais do que em qualquer época, é ver-se no “compromisso” de fazer um discurso que acentue mais as semelhanças do que as diferenças com outras mensagens. O testemunho cristão, porém, não pode diluir o evangelho. A situação de Estêvão mostra o que já pode ser visto no ministério de Jesus, e será acentuado no de Paulo: os judeus professam uma fé que não é aquela revelada no Antigo

Testamento, mas é profundamente influenciada pela tradição humana e marcada pela rejeição ao Deus revelado na cruz (cf. 1 Co 1.21-23).

Scholz lembra ainda, a partir do texto, que “corremos o risco de nos prendermos à forma sem reter o conteúdo.” Estêvão foi considerado uma ameaça contra “a lei”, porque, conforme testemunho dos judeus, ele dizia “que esse Jesus, o Nazareno ... mudará os costumes que Moisés nos deu” (At 6.13,14). Formas e rituais precisam ser vistas como instrumentos pelos quais o conteúdo genuíno do Evangelho venha a ser veiculado. Nas palavras de Scholz, “há o perigo de vivermos um cristianismo mecânico, automático, que ignora o aspecto dinâmico da fé, da esperança e do amor. Devemos reter formas e rituais, mas jamais em detrimento do conteúdo, do espírito. Forma e conteúdo andam juntos.”

Em terceiro, o debate entre Estêvão e os judeus chama a atenção para “o risco de entender a vida espiritual essencialmente templocêntrica. Há o perigo de pensar que Deus está apenas na Igreja (O Deus ‘capturado’) e que o exercício da vida cristã se limita a esse recinto.” (Scholz, p. 22) O profeta Jeremias já havia alertado para um problema semelhante, muitos séculos antes. A confiança no templo, como se fora um amuleto, não salvará um povo que ignora a aliança de Deus, mas vive uma vida de idolatria e de impiedade contra o próximo (Jr 7 e 26). É preciso ter os olhos e a confiança voltados para o Deus que age dentro e fora do Templo.

Estêvão, o mártir

Estêvão é o primeiro mártir da Igreja cristã após o Pentecostes. Curiosamente, o termo que empregamos para falar de sua morte - “martírio” - vem da palavra grega que significa “testemunho” (μαρτυρία). Estêvão é “mártir” porque é “testemunha” de Jesus. No entanto, sua morte por apedrejamento mostra ter sido ele considerado um blasfemo, alguém que falou contra Deus (cf. Lv 24.14-16). É significativo que Estêvão, pouco antes de sua morte, tenha sido considerado um ímpio. Quem o acusou e matou julgava estar servindo a Deus. É este um caso extremo de “zelo por Deus, porém não com entendimento” (Rm 10.2). Mas o texto diz que mesmo aí, Estêvão estava “cheio do Espírito Santo ...” (At 7.55).

Estêvão, apesar do breve relato feito a seu respeito em Atos dos Apóstolos, marcou a história da Igreja. Podem ser encontradas diversas referências a ele nos Pais eclesiais². Irineu (140-202 AD) acentua o papel

² Martin H. Scharlemann, *Stephen: A Singular Saint*, Roma - Instituto Pontifício Bíblico, 1968, p. 21, n. 36.

de Estêvão como o primeiro diácono e o primeiro mártir. No 4º século Estêvão era lembrado em cultos como mártir. Possivelmente já daquela época os dias 2 de agosto e 26 de dezembro tenham sido escolhidos como dias especiais de lembrança do mártir.³ João Crisóstomo (345-407 AD) dedicou sua 15ª homilia sobre Atos à pessoa e mensagem de Estêvão. Agostinho (354-430 AD) referiu-se a ele repetidas vezes em seus sermões. No 22º livro da Cidade de Deus, ao falar de vários mártires, Agostinho por três vezes chama Estêvão de “gloriosíssimo mártir”. Uma vez o chama de “beatíssimo”. Eusébio (4º século) o chama de “mártir perfeito”. O que chama a atenção nas menções dos pais é que Estêvão é mencionado mais como mártir do que como diácono (termo que foi popularizado a partir de At 6, especialmente devido ao título editorial de algumas Bíblias para aquele texto).

A ênfase em Estêvão como mártir encontra fundamento no próprio livro de Atos, não apenas pelo relato em At 7.54-60. Estêvão é ainda mencionado em At 8.2; 11.19; 22.20. Ficam marcados o martírio e suas consequências: dispersão da igreja (8.2) e anúncio da palavra em outras regiões (11.19). O martírio desta fiel testemunha de Cristo vem mostrar um aspecto importante, mas por vezes desprezado, da vida cristã. O filho de Deus vive sob a cruz. Em primeiro lugar, porque é a partir da cruz de Cristo que vêm perdão, vida e salvação. Além disso, é ilusório pensar que tudo, humanamente falando, vai bem na vida do crente, por ser ele um filho de Deus. A atual “teologia da prosperidade” corre o risco de esquecer esta dimensão da vida cristã. Deus está agindo, é importante perceber, também em meio aos sofrimentos, fraquezas e tentações na vida dos Seus filhos. O Evangelho da salvação continua a ser anunciado, mesmo quando Estêvão, apedrejado, deixa de ser uma voz que testemunha. Outras vozes são levantadas, inclusive daquele jovem, chamado Saulo (At 7.58; 8.1). E a verdade da ressurreição de Jesus é o motivo da celebração para a Igreja que hoje é militante, mas que será triunfante.

3 - O “HOMEM DE FÉ” NA PERSPECTIVA DE ATOS DOS APÓSTOLOS

Ao falarmos sobre o “homem de fé”, com base em Estêvão, é inevitável pensarmos nele como um “modelo” para a vida daqueles que hoje são “homens de fé”. Um cuidado especial merece ser considerado. Estamos falando da vida de alguém que já está “na fé”. Ou seja, de uma certa forma estamos nos referindo ao que acontece a alguém que já é um cristão. Há

³ A segunda data é a que aparece no Anuário Luterano, editado pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB).

que se cuidar para não fazer destas conseqüências da fé na vida diária o “modelo” do que significa ser um “homem de fé”. Isso seria uma forma disfarçada, mas eficaz, de moralismo! Buscar modelos de pessoas de fé, sem que se observe o que as torna pessoas de fé, é uma postura que pode levar à falsa crença da salvação por meio de boas obras. A vida da pessoa se torna modelo e passa a ser objeto de imitação, para aqueles que pretendem ser “pessoas de fé”. As coisas passam a depender daquele que imita!

É preciso, por isso, antes perguntar pelo que fez estas pessoas serem pessoas de fé. É preciso, mesmo, perguntar sobre o que significa ser uma pessoa cheia de fé. Talvez isso nos pareça muito óbvio, mas vale a pena investigar este “óbvio”. Na concepção popular, especialmente em tempos de misticismo, “fé” é vista sobretudo como uma qualidade da pessoa. Ser alguém “cheio de fé” é apresentar convicção, força de vontade, ânimo naquilo que se faz, independentemente do conteúdo envolvido. Faz-se necessário, pois, considerar se tal visão se aplica quando homens de Deus, como Estêvão, são chamados de homens “cheios de fé”. Nada melhor, portanto, que o próprio livro de Atos dos Apóstolos sirva de guia nesta investigação.

A palavra “fé” (πίστις) é usada 15 vezes no livro de Atos.⁴ Em algumas destas situações parece bastante claro que o termo seja empregado para referir-se ao que os teólogos têm chamado de *fides qua*, isto é, a fé que crê. Trata-se, portanto, de uma referência ao ato de crer. Neste caso podem ser citados os textos em que Estêvão (6.5) e Barnabé (11.24) são denominados homens “cheios de fé”. Em outros textos, as traduções igualmente conduzem ao entendimento de que a referência é feita à *fides qua*. Por exemplo: 14.9; 14.27; 15.9; 26.18. No entanto, um exame mais cuidadoso mostra uma complexidade maior na tradução de πίστις.

No caso de At 14.9, temos: “este homem ouviu falar Paulo que, fixando nele os olhos e vendo que possuía fé para ser curado”. A Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) tem: “Esse homem ouviu as palavras de Paulo e Paulo viu que ele cria que podia ser curado”. A NTLH parece traduzir melhor o sentido do texto - πίστις τοῦ σωθῆναι - mostrando que o homem tinha confiança de que seria curado, ou seja, a ênfase se coloca não tanto na qualidade da fé, mas no fato objetivo. E isto está ligado ao fato de ele ter ouvido Paulo! Em outras palavras, a fé estava vinculada a um objeto claro, que em última análise é o assunto das palavras de Paulo - Cristo.

⁴ 3.16 (2 vezes); 6.5,7; 11.24; 13.8; 14.9,22,27; 15.9; 16.5; 17.31; 20.21; 24.24; 26.18.

Em At 14.27 lê-se: “... relataram quantas coisas fizera Deus com eles, e como abrira aos gentios a porta da fé.” A NTLH traduz: “... o caminho para que os não judeus também cressem.” Isto aconteceu, pelo que se vê em Atos, pelo fato de ter Deus dado oportunidade aos apóstolos para que eles proclamassem a palavra aos gentios - certamente uma referência ao que acontecera pouco antes, em Listra - 14.8-18. Em outras palavras, a fé (o crer) está diretamente ligada, neste texto, à proclamação do evangelho.

No texto de At 15.9 - “... purificando-lhes [os gentios] pela fé os corações”, novamente a NTLH faz a referência clara ao ato de crer: “... ele perdoou os pecados deles, porque eles creram.” As traduções tentam traduzir o dativo sem preposição πίστις seja com a idéia da instrumentalidade - Almeida, seja com uma referência à causa - NTLH. O dativo pode simplesmente referir-se à “esfera” na qual algo ocorre; ou seja, no âmbito da pregação de Cristo, as pessoas são purificadas. Afinal, foi isto que ocorreu no episódio em Cesaréia - 10.44, ao qual Pedro está se reportando. Interessante também é a referência à dádiva do Espírito Santo, no versículo imediatamente anterior ao texto considerado. Espírito Santo e fé são inseparáveis!

Finalmente, temos em At 26.18 - “... os que são santificados pela fé em mim.” Neste texto (a exemplo do que ocorre em 20.21 e 24.24) é usada a expressão πίστις εἰς, tendo Jesus como objeto desta fé. Tal forma de formular o pensamento indica que o objetivo é tratar tanto do ato de crer como do conteúdo em que se crê. Na verdade, não há crer sem que haja o conteúdo da fé. E, por outro lado, o conteúdo é anunciado, a fim de que a fé seja operada nos corações.

O rápido exame dos textos considerados mostra a complexidade de traduzir-se πίστις. Mesmo onde a referência parece, ao menos nas traduções, ser claramente feita ao crer, não se pode isolar isto do assunto em que se crê.

Outros textos em Atos dos Apóstolos mostram ainda mais claramente uma referência ao assunto do crer, o que teólogos têm chamado de *fides quae* (a fé que é crida, a doutrina). Alguns textos podem ser aqui brevemente considerados: 6.7; 13.8; 16.5; 20.21; 24.24.

At 6.7 traz o relato de um fato um tanto surpreendente, ao dizer que “... muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé”. A NTLH traduz: “aceitavam a fé cristã”. Há, neste caso, uma clara referência ao conteúdo da fé, não ao crer em si. A “fé” é considerada como um todo, um conteúdo ao qual a pessoa está vinculada. O contexto mostra a crescente proclamação do evangelho pelos apóstolos.

Em At 13.8 temos o relato a respeito de Elimas, que estava “procurando afastar da fé o procônsul”. A NTLH traz: “não queria que aceitasse a fé cristã”. Novamente, a exemplo de 6.7, a referência é feita ao conteúdo da fé, como sistema religioso, por assim dizer.

At 16.5 relata sobre o que ocorria nas Congregações locais visitadas por Paulo: “Assim as igrejas eram fortalecidas na fé e aumentavam em número dia a dia.” O que chama a atenção neste texto é que o referente são “as igrejas”, e não indivíduos. Pode-se perguntar: Como igrejas são fortalecidas na fé? O contexto esclarece, ao mostrar Paulo visitando as igrejas, levando as decisões tomadas no Concílio de Jerusalém. As igrejas estavam sendo orientadas naquilo que já haviam aprendido. O conteúdo do crer estava em jogo, através da ação dos “judaizantes”. Este conteúdo foi reafirmado pelo Concílio e levado às Igrejas. Desta forma, eram fortalecidas na fé.

Em At 20.21 Paulo, junto aos presbíteros da Igreja, relata que em seu ministério sempre esteve “testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo.” A NTLH traz: “Eu disse ... que eles deviam ... crer no nosso Senhor Jesus.” O verbo empregado (διαμαρτύρομαι - “testificando”) implica o entendimento de “fé” neste texto como conteúdo do testemunho/pregação de Paulo, mais do que a fé individual nas pessoas. O que é testificado é o assunto, não o ato de crer! Por outro lado, o ato de crer e o conteúdo estão relacionados; são os dois lados de um todo.

Por fim, temos em At 24.24 - “Félix ... passou a ouvi-lo [Paulo] a respeito da fé em Cristo Jesus.” O versículo seguinte mostra que Paulo passou a falar sobre “justiça, domínio próprio e juízo vindouro” - o conteúdo do ensino apostólico.⁵ Mais uma vez, o conteúdo do que se crê (*fides quae*) parece mais em questão, do que o ato de crer em si (*fides qua*).

A partir deste breve estudo, algumas conclusões podem ser esboçadas, a respeito do uso de “fé” em Atos dos Apóstolos.

Primeiro, há dois usos principais desta palavra (o mesmo pode ser verificado no restante do Novo Testamento):

- a) a fé no sentido do crer pessoal - *fides qua*;
- b) fé como aquilo em que se crê, a “doutrina” que é crida e confessada pela Igreja - *fides quae*.

⁵ Talvez um paralelo com a missão do Espírito Santo, conforme palavras de Jesus, ou seja, de que o Consolador viria para convencer o mundo “do pecado, da justiça e do juízo” - Jo 16.8.

Segundo, em Atos parece haver uma preponderância do segundo uso, ou seja, uma ênfase no assunto do crer, aquilo em que se crê, a doutrina. Esta jamais pode ser desprezada. Em Atos, tal conteúdo é expresso: trata-se de Cristo e sua obra salvadora.

Terceiro, ambos significados de “fé” estão, na verdade, interligados. Há que se fazer uma distinção entre os mesmos, mas não se os pode isolar um do outro. Quem crê, crê em algo! Quando algo é proclamado, é para ser crido!

Finalmente, tendo em vista as observações acima, pode-se concluir que ser alguém “de fé” está intimamente ligado ao assunto em que se crê; é preciso crer, mas não crer em qualquer coisa. A doutrina que a Igreja crê e confessa é fundamental. Tal fato vem a mostrar a inconveniência de se considerar “fé” como qualidade. Ao se falar de homens “cheios de fé” há que se lembrar de que também no erro há zelosos “crentes”. Dito de outra forma, a mera convicção, firme e zelosa, sobre determinada mensagem, ainda não serve para caracterizar, no padrão de Atos dos Apóstolos, um “homem de fé”. É preciso indagar a respeito do que é crido. Homens de fé não são super-homens, pessoas de qualidade superior. A diferença está no objeto da fé - a obra redentora de Cristo. Tais homens de fé continuam vivendo sob a cruz. Neles ainda continua a agir o “velho homem”, a carne pecaminosa. Ainda gemem sob tribulações, tentações, dúvidas. Sua força não está na qualidade da convicção, mas no conteúdo.

4 - COMO O HOMEM CHEGA À FÉ? “CHEIO DO ESPÍRITO”

Lorenz Wunderlich, que foi professor no Seminário Concórdia, em St. Louis, EUA, escreveu um importante livro, com um título bastante sugestivo: *The Half-known God*, ou seja, O Deus Pouco Conhecido. Seu livro trata da pessoa e da obra do Espírito Santo. Ele é o “Deus pouco conhecido”! Wunderlich mostra em seu livro que a Igreja cristã nem sempre tem dado a devida ênfase à obra do Espírito Santo. Por que seria isto? Citando Robert E. Cushman, Wunderlich atribui tal negligência a três fatores: “

- 1 - a ascensão do mundo científico, com seu desafio à soberania de Deus;
- 2 - a influência viciante do Pelagianismo com sua ênfase na realização moral do homem;
- 3 - a tendência de Schleiermacher e seus seguidores de substituírem o ministério do Espírito pela experiência religiosa do homem.” Wunderlich observa, então, que “cada uma destas três explicações envolve um demérito a Deus e uma elevação do homem, uma substituição da graça de Deus pelas realizações do homem, uma

deificação em menor escala do super-homem espiritual, um tipo de religião faça-você-mesmo.” (*The Half-Known God*, St. Louis: Concordia Publishing House, 1963, p. 21)

Wunderlich ainda ressalta que a Reforma Luterana foi um movimento que muito enfatizou a obra do Espírito Santo. No entanto, após a Reforma, diversos movimentos religiosos, alguns julgando-se herdeiros da Reforma, trouxeram ameaça à doutrina do Espírito Santo:

O Arminianismo sustentava que a vontade humana, não o Espírito Santo, determinava a questão da salvação pessoal. O Misticismo, com excessos em experiências espirituais e emocionais, freqüentemente se reportava ao Espírito Santo para revelações à parte da Palavra de Deus. O Racionalismo, com sua rejeição das Escrituras como norma e guia e, com isto, também da obra do Espírito Santo, levou ao ceticismo e ateísmo. O Pietismo estava relacionado ao Misticismo e freqüentemente separava o Espírito da graça dos meios da graça. O Perfeccionismo aplicava alguns princípios do Arminianismo e, por elevar o homem, tirava a importância de Deus e Seu Espírito. O Subjetivismo insistia na certeza da experiência pessoal e convicção interna, mais do que na garantia objetiva do Espírito Santo na Palavra. (93)

Neste ponto, faz-se necessário um exame, ainda que breve, da atuação do Espírito Santo, conforme Atos dos Apóstolos.

Estêvão é designado por Lucas como homem “cheio de fé e do Espírito Santo” (At 6.5; cf. 7.55). Atos dos Apóstolos bem poderia ser chamado também de “Atos do Espírito Santo”, tamanha a freqüência e importância da obra do Espírito Santo neste livro. Especialmente os primeiros capítulos de Atos acentuam o papel do Espírito na vida da Igreja. De um total de 55 vezes em que é mencionado no livro, há 37 ocorrências nos doze primeiros capítulos.

Quanto à expressão, “cheio do Espírito”, sua aplicação não se restringe a Estêvão. Nas outras ocasiões em que é empregada, refere-se: a toda a Congregação (2.4; 4.31); a Pedro (4.8); aos sete escolhidos (6.3); a Paulo (9.17; 13.9); a Barnabé (11.24); aos discípulos = os cristãos (13.52). Através destas menções, podem-se observar alguns fatos importantes a respeito da atuação do Espírito Santo. O Espírito não é propriedade de alguém e sua presença não é peculiaridade dos apóstolos. Ele é o Espírito de Deus, que atua com Sua Igreja. Ele é presença constante na vida do cristão (não

algo que vai e volta). Daí que ser “cheio do Espírito” não deveria ser entendido como um estado especial, ou como uma segunda etapa na trajetória do crente. O Espírito é dádiva de Deus e não conquista do homem (note-se o uso do verbo no passivo em At 4.8,31; 13.9.)

Uma situação particularmente importante é aquela descrita em At 2.38. Após o discurso de Pedro, no dia de Pentecostes, há uma reação entre os ouvintes (v. 37). Nas suas palavras seguintes, Pedro vincula o receber do Espírito Santo ao Batismo. Daí não haver inovação ao Paulo denominar o batismo o “lavar regenerador e renovador do Espírito Santo” (Tt 3.5). O Espírito Santo está em ação no propósito de levar pessoas à nova vida em Cristo. Isto pode ser visto em todo o livro de Atos dos Apóstolos, onde a missão, na qual os apóstolos são instrumentos escolhidos por Jesus, não ocorre sem que o Espírito Santo esteja atuando.

Daí se podem entender as situações especiais descritas nos capítulos 2 (Jerusalém), 8 (Samaria), 10 (Cesaréia) e 19 (Éfeso). Nem sempre se tem dado a devida atenção para o papel fundamental de Atos 1.8 na estrutura do livro: “Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra.” Cristo mesmo está mostrando a trajetória da ação do Espírito Santo. Não é a iniciativa humana, mas a obra do Espírito que conduz a missão desde Jerusalém, passando pela Samaria e chegando até os gentios (que culmina na ida de Paulo a Roma, ao final do livro). As situações dos capítulos observados são tomadas, por vezes, como exemplo para a Igreja de hoje. O Pentecostalismo procura encontrar em situações como estas justificativa para uma segunda experiência na fé, com uma atuação especial do Espírito Santo. Uma análise mais detalhada vai além dos propósitos deste estudo, mas pode demonstrar que tais situações em Atos são, de fato, especiais e servem para marcar a verdade de que a obra missionária depende do Espírito Santo. E, em momentos especiais já determinados pelo próprio Cristo (cf. 1.8), o Espírito Santo atuou. Em nenhum momento, o livro de Atos (ou qualquer outro livro do Novo Testamento) usa tais ocasiões como exemplo que a Igreja deve buscar em outros tempos.⁶ Assim sendo, o Espírito Santo, na perspectiva de Atos dos Apóstolos, não tem um papel de executar uma obra dissociada daquela de Cristo. Pelo contrário, sua atuação está ligada à proclamação do Evangelho e o uso dos meios da graça, particularmente o batismo.

⁶ Um excelente estudo sobre o assunto pode ser encontrado em: Michel Gourgues, *Atos 1-12 - Missão e Comunidade*, São Paulo, Paulinas, 1990.

A obra do Espírito Santo não é fazer barulho ou mesmo realizar milagres visíveis. Neste ponto, Atos dos Apóstolos tem um antecedente quanto à obra do Espírito Santo já no ministério e ensino de Cristo.

Jesus deixa claro, ao prometer que enviaria o Espírito Santo, qual seria sua missão:

“o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.” (João 14.26)

“Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim; e vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio.” (João 15.26,27)

“Quando ele (o Consolador) vier convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo; do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.” (João 16.8-11)

“Quando vier o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar.” (João 16.13,14)

Observe-se a importância da vinculação da obra do Espírito àquela de Cristo. Sua atuação não é independente, pelo contrário, depende inteiramente da obra de Jesus. Martinho Lutero soube reconhecer a importância da atuação do Espírito Santo, ligada ao Evangelho da salvação em Cristo. Alguns trechos de sua explicação ao 3º artigo do Credo são esclarecedores:

Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a Ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo Evangelho, iluminou com seus dons, santificou e conservou na verdadeira fé. Assim também chama, congrega, ilumina e santifica toda a cristandade na terra e em Jesus Cristo a conserva na verdadeira e única fé. Nesta cristandade perdoa a mim e a todos os crentes diária e abundantemente todos os pecados, e no dia derradeiro me ressuscitará a mim e a todos os mortos e me dará a mim e a todos os crentes em Cristo a vida eterna. Isto é certamente verdade. (Catecismo Menor)

Como se realiza este santificar? ... o Espírito Santo efetua a santificação por intermédio das partes seguintes: a congregação dos santos ou igreja cristã, o perdão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna. Isto é, primeiro nos conduz a sua santa congregação e nos põe no seio da igreja, pela qual nos prega e leva a Cristo. (Catecismo Maior, 2ª parte, 37)

Ao criticar o papado, que retinha a verdade do Evangelho, Lutero aponta para o real problema:

... lá não estava o Espírito Santo ... Lá estiveram, ao contrário, homens e espíritos malignos que nos ensinaram a obter a salvação e alcançar a graça por nossas obras. Por isso também não é igreja cristã. Pois onde não se prega de Cristo, aí não há Espírito Santo ... (Catecismo Maior, 2ª parte, 43-45)

Estas últimas palavras de Lutero são importantes, tendo em vista especialmente que em nosso tempo por vezes há muita confusão quanto a em que consiste a presença e obra do Espírito Santo. Principalmente por causa da intensa propaganda pentecostal, há os que em nosso meio se perguntam se também em nossa Igreja não deveria haver o mesmo tipo de ações que se mostram naqueles locais.

Tanto o testemunho de Atos dos Apóstolos, como o ensino do próprio Senhor Jesus deixam claro que o estar “cheio do Espírito” é algo diretamente ligado à proclamação de Cristo e sua obra. Onde Cristo não é anunciado, seria um erro falar de estar cheio do Espírito. Ao falarmos, pois, da importância do Espírito Santo na vida dos líderes cristãos, somos lembrados que isto não tem vida própria, à parte de Cristo e sua obra, anunciados no Evangelho.

É preciso, portanto, ter clareza de que a obra de Jesus é a grande tônica de nossas mensagens, devoções, estudos, aconselhamento. Isso é o que chamamos de “anunciar o evangelho”. Temos de desconfiar de mensagens onde Jesus e sua obra estão ausentes. Afinal, o que resta? Uma mensagem geral sobre Deus, que não tem nada de caracteristicamente cristão. Outra possibilidade, quando falta o evangelho, é uma mensagem que acentua o dever, a obrigação, a responsabilidade, a obediência, que muito facilmente podem levar ao orgulho e vaidade, ou ao desespero.

5 - IMPLICAÇÕES DESTE ESTUDO PARA A VIDA DOS LEIGOS DA IELB

Com base no livro de Atos e no perfil de Estêvão, pode-se constatar que o homem “cheio de fé e do Espírito Santo” é o cristão, nada mais e nada

menos! Ser um homem de fé e ser cheio do Espírito são correlatos, ou seja, são duas designações que não se podem separar. Sem a fé verdadeira - em Cristo e Sua obra - não há um viver no Espírito. Por outro lado, sem o Espírito Santo, não há como chegar à fé (1 Co 12.2). Isto, por um lado, deixa claro que ser alguém como Estêvão não é questão de escolha ou decisão própria; é dádiva de Deus. Por outro lado, esta verdade milita contra a idéia do perfeccionismo, ou de que alguns no povo de Deus são “mais espirituais” que outros. Nossa “espiritualidade”, “santidade”, “vida de fé” nos vem do Batismo.

A partir disto, sugerimos algumas implicações para a vida dos leigos da IELB. Antes, porém, parece-me apropriado lembrar o que queremos dizer ao designar algumas pessoas da Igreja como “leigos”. É conhecido o fato de esta palavra evocar o sentido de não conhecedor de determinado assunto (“Sou leigo no assunto”). Em nosso meio (na IELB) “leigo” é a designação para aqueles que não estão no ministério público da palavra. Mas especificamente, é uma designação para os homens da Igreja, muitos dos quais reúnem-se em “Ligas de Leigos”. Ainda assim, a designação de “não conhecedor” não se aplica, visto muitos “leigos” serem profundos conhecedores da palavra de Deus e da doutrina que a Igreja crê, ensina e confessa.

Neste estudo, porém, empregamos o termo em outro sentido. A origem está na palavra grega *λαϊκός*, algo que se refere ao povo, neste caso, o povo de Deus. “Leigo”, por isso, pode ser entendido (e, penso, deveria sê-lo em nosso meio) no sentido de “alguém que pertence ao povo de Deus”. É aquele povo de que fala Pedro: “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus” (1 Pe 2.9). É para este povo de Deus, constituído assim no batismo, que as implicações a seguir se aplicam.⁷

1. O homem “cheio de fé e do Espírito Santo” tem esta fé depositada em Cristo e Sua obra. “Ter muita fé” é uma expressão conhecida e bastante usada. Muitas vezes é empregada fora do contexto da fé cristã, simplesmente para falar da qualidade que uma pessoa tem, de ser convicta, dedicada, decidida, não importa pelo que. No caso dos “homens de fé” não se fala tanto da “qualidade” da fé, mas especialmente daquilo em que se crê.

⁷ Por este estudo ter sido originalmente elaborado e apresentado em um Congresso da Liga de Leigos Luteranos do Brasil, a aplicação é especialmente dirigida ao “homem cheio de fé e do Espírito Santo”. A aplicação pode ser feita igualmente às crianças, jovens e senhoras da Igreja.

Saulo era um homem cheio de fé, e por isso permitiu que Estêvão fosse morto e, mais tarde, liderou a perseguição aos cristãos. Mais tarde, convertido, ele confessa que os judeus, assim como ele era antes, tinham “zelo por Deus, porém não com entendimento.” (Rm 10.2) [“A dedicação deles não está baseada no verdadeiro conhecimento” - NTLH]. De si mesmo ele confessa: “o que para mim era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo.” (Fp 3.7)

O exemplo de Paulo vem mostrar que há uma distância muito pequena entre o fanatismo e o zelo fiel, se consideramos a qualidade que está na pessoa. Alguém pode ser muito dedicado, zeloso, por algo que está no erro. Importa ter a fé colocada no alvo certo. E este é nenhum outro senão o que o próprio Deus nos dá: Seu Filho e a obra de redenção, na cruz e ressurreição.

2. O homem “cheio de fé e do Espírito Santo” questiona uma religiosidade exterior, marcada por busca de justiça própria. Há uma luta que precisa ser travada incessantemente, aquela contra a tendência do ser humano de pensar que pode se salvar (tornar-se justo) perante Deus através de suas obras.
3. O homem “cheio de fé e do Espírito Santo” sabe que o crer, confessar e ensinar da doutrina pura da justificação pela fé é a maior necessidade para a Igreja, pois sem tal verdade, a Igreja cai e torna-se um clube ou um grupo de moralismo.
4. O homem “cheio de fé e do Espírito Santo” valoriza a vocação com a qual é chamado por Deus a atuar neste mundo. Uma destas vocações é aquela para o ofício do ministério. Precisamos de homens de fé e cheios do Espírito sendo enviados (por suas congregações!) para os Seminários de formação de pastores.

A tarefa de formar pessoas que serão chamadas ao santo ministério é nobre, importante e difícil. Os Seminários da Igreja receberam esta responsabilidade da IELB, a exemplo do que acontece em muitas outras denominações luteranas ou de outras igrejas cristãs no mundo todo. No entanto, tal tarefa é grandiosa. Os Seminários existem e atuam por causa da Igreja e em função da Igreja. É absolutamente necessária uma participação efetiva da Igreja como um todo na formação de pastores. São as congregações que enviam os jovens para os Seminários. É fundamental que atuem na sustentação destes jovens, com oração, auxílio financeiro e apoio. É preciso, ainda, que a Igreja esteja ciente de que nem todos serão aptos para o ministério. Isso não significa necessariamente incapacidade intelectual ou

despreparo moral. Há certas condições, que a própria Escritura exige daqueles que pretendem ser ministros da palavra. É muito difícil o momento em que os professores do Seminário têm a tarefa de dizer a um jovem que ele não deveria continuar seus estudos. Por vezes, porém, isto se faz necessário.

É importante lembrar, novamente, que a atuação no ofício do ministério pastoral não é a única vocação divina, nem a única forma de servir a Deus com fidelidade. Há outros “chamados” para o povo de Deus, seja na Igreja, seja na família, seja na sociedade.

Na Igreja - precisamos ter líderes leigos, que sejam de fato líderes cristãos. Que, acima de tudo, confiemos no Salvador Jesus e, a partir daí, sirvam de exemplo para os mais jovens; que sejam de apoio ao trabalho pastoral; que ofertem tempo, bens e dons para o trabalho da proclamação do evangelho.

Na família - precisamos de pais (e mães) cristãos, que eduquem seus filhos com amor (numa sociedade com tanta falta de amor verdadeiro); pais que saibam equilibrar autoridade com liberdade, sem deixar que haja exageros nem para um lado, nem para o outro; que eduquem seus filhos para este mundo e para a eternidade.

Na sociedade - precisamos ter pessoas que estudem, que trabalhem, que atuem, conforme os dons e oportunidades que têm. Alguns farão seu trabalho de maneira simples, talvez sem serem muito notados. Aí importa lembrar que o trabalho honesto de um filho de Deus, por mais humilde que possa parecer, mas que seja feito ali onde Deus o colocou, é um serviço santo, uma bênção para o mundo. Outros, porém, que tenham a oportunidade, devem estudar e crescer no conhecimento das ciências e artes. Precisamos de doutores, de engenheiros, de advogados, de professores, de líderes comunitários e de políticos, de cientistas, de escritores, de poetas, de comunicadores ... cristãos. Eles terão oportunidades de serem influentes para muitos e o farão, para o bem do semelhante e a glória de Deus.

5. O homem “cheio de fé e do Espírito Santo” e o papel da Liga de Leigos. Talvez se deva perguntar: será que a Liga de Leigos tem algum papel no preparar homens “cheios de fé e do Espírito Santo”? A fé e o Espírito Santo nos são dados no Batismo e pela proclamação da palavra.⁸ Muitos de nós chegamos à fé no Salvador Jesus através de nosso Batismo. Mas esta fé é fortalecida por meio da palavra de Deus. Por meio dela o Espírito Santo atua entre nós. A

Liga de Leigos é uma agência da Igreja em que a palavra de Deus é anunciada. (Isto sem desconsiderar toda a importância que tem como agência de comunhão, de preparo de lideranças, de serviço, de evangelismo, etc.)

Com isto estamos dizendo que, antes de falarmos de nossas funções, de nossas obras, de nossa atuação, é preciso termos clareza quanto à nossa identidade - quem nós somos? Por que nós somos o que somos? Ser alguém “cheio de fé” não deve ser visto meramente como uma qualidade da pessoa, ou seja, como algo que está dentro da pessoa; há algo mais nisso! Fé aponta para o “objeto da fé”, que é Cristo.

Creio que também aí a Liga de Leigos pode ser um instrumento muito bom. Como um braço da Congregação (que é povo de Deus, o corpo de Cristo, a comunhão dos santificados, a comunidade do perdão), a Liga de Leigos precisa ser um ambiente fraterno, onde as pessoas são valorizadas, queridas, tratadas, não pelo que elas possam render, trabalhar, mas pelo que elas são: pessoas amadas por Deus, redimidas por Jesus e necessitadas de perdão, amparo, comunhão, que são próprias da família de Deus, mesmo que ainda na imperfeição que nos caracteriza.

⁸ Na palestra apresentada no Congresso de Leigos, utilizamos a ilustração da casa construída com todo o zelo, mas em que algo importante foi esquecido. Ao faltar água da rua, o morador sentiu-se ainda confiante, por dispor de uma caixa d'água. Sua surpresa (e tristeza) vieram ao descobrir que esqueceram de colocar canos entre a caixa d'água e as torneiras da casa. Como qualquer ilustração, também esta é insuficiente e imprecisa. No entanto, é usada para ressaltar que os meios da graça são os “canos” pelos quais a água da vida (Cristo e sua obra de redenção) nos são trazidos hoje. Sem estes meios - a palavra anunciada e lida, o batismo, a absolvição, a santa ceia - a Igreja deixa de receber o evangelho, que é sua fonte de vida.

AUXÍLIOS HOMILÉTICOS

PRIMEIRO DOMINGO DE ADVENTO

Isaías 2.1-5

2 de dezembro de 2001

CONTEXTO

- a) Litúrgico. Estamos no 1º domingo de Advento, época da comemoração da vinda de Cristo. Cristo é a luz (Is 2.5; Lc 2.32) que havia de vir, e que efetivamente veio ao mundo. A época de Advento se presta magnificamente para a preparação dos corações em genuíno arrependimento e fé. Com a vinda de Cristo irrompeu uma nova era, a era do reino de Deus, da Sião do Senhor, da igreja. Advento também nos leva a lançar o olhar para o futuro, para a segunda e definitiva vinda de Cristo. O nosso texto se presta admiravelmente bem para esta época do ano da igreja.
- b) Histórico. Isaías profetizou na elite de Jerusalém entre 758 e 684 a.C. Era contemporâneo de Miquéias. Depois dos áureos tempos de Davi e Salomão, o reino é dividido e entra em franca decadência moral. Agora o reino de Judá é exemplo de idolatria grosseira, com sacrifícios humanos, profanação do templo, volta aos assírios por ajuda, o que só trouxe desgraça à terra. No tempo de Ezequias as coisas melhoraram um pouco, com a restauração dos serviços do templo, celebração da páscoa, renúncia à aliança com os assírios, do poder de quem Judá é miraculosamente libertado. Mas quando o orgulho voltou a reinar estava se ladrilhando o caminho para a posterior derrocada diante da emergente Babilônia.

Isaías está entre Moisés e Cristo. Isaías é ao mesmo tempo um grande pregador de arrependimento e o evangelista do Antigo Testamento. Para os descrentes, pregador da ira e juízo de Deus, da destruição inevitável; para os crentes, o pequeno remanescente fiel, pregador da mensagem de libertação através do Messias, o Servo do Senhor.

O TEXTO

O nosso texto (Is 2.1-5) é a primeira das três partes em que podem ser divididos os capítulos 2 a 4. Descreve a visão da glória futura de Sião. A segunda parte (Is 2.6-4.1) traz repreensões e anúncio de destruição de Sião.

E a terceira parte (Is 4.2-6) traz a promessa de purificação através do juízo e de implantação da cidade de Deus.

Vamos analisar a seguir o texto propriamente dito.

- V. 1 – É uma espécie de título para os capítulos 2 a 4, ou 2 a 5.
- V. 2 – Quando fala em últimos dias refere-se à era messiânica, a que precede o fim dos tempos. O monte da casa do Senhor é o monte Sião, Jerusalém, a igreja. Será estabelecido no cume dos montes, isto é, acima de qualquer organização humana e idólatra. Para ele afluirão todos os povos, o que mostra a cidade de Deus em toda a sua extensão. Está profetizada a igreja cristã, o Israel espiritual, do Novo Testamento, que será estabelecida no mundo inteiro, acima de todas as religiões falsas. Ela servirá de marco através do qual os povos verão o verdadeiro Deus.
- V. 3 – Na primeira metade do versículo 3 vemos as pessoas se incentivando mutuamente para seguirem e servirem o Senhor. Isto acontece porque de Sião (da igreja cristã) sairá a lei (palavra de Deus como um todo, lei e evangelho), e a palavra do Senhor de Jerusalém (idéia paralela à anterior).
- V. 4 – Ele, o Senhor, julgará entre os povos, e corrigirá muitas nações, isto quer dizer que Deus comandará, reinará e julgará de acordo com as suas regras. A resposta das nações, daqueles que vivem no Senhor por influência do Espírito de Deus, será converter as suas espadas em relhas de arado e as lanças em podadeiras. É a paz da era messiânica descrita, pois uma nação não se levantará contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra. Tudo isto o Príncipe da Paz (Is 9.6) veio trazer. É uma realidade espiritual, de paz de espírito.

A paz humana, física, está longe de acontecer. O reino de Deus já está instaurado na era messiânica, mas se tornará uma realidade total e definitiva no dia do derramamento total do Espírito Santo, o dia do retorno do Príncipe da Paz.

Nesta temática do Príncipe da Paz deve-se considerar os textos: Is 9.1-7 e 11.1-10.

- V. 5 – Quando o texto fala em casa de Jacó está se referindo aos filhos de Israel, especialmente aos habitantes de Jerusalém e Judá. Estes se incentivam mutuamente: andemos na luz do Senhor. É um apelo urgente a que conheçam o Senhor como ele se revela em sua Palavra, creiam nele, cresçam na fé, vivam dando provas do seu conheci-

mento através de sua conduta, testemunhem da luz para revelação aos gentios (Lc 2.32).

CONSIDERAÇÕES HOMILÉTICAS

1. Estamos no primeiro domingo de Advento. A luz (Is 2.5; Lc 2.32) está chegando, está entre nós. Advento é oportunidade ímpar de rever conceitos, de arrependimento, de retorno ao Senhor. Caso contrário, não haveria razão para enfatizar esta época do ano da igreja.
2. Vivemos em dias difíceis, de muita instabilidade, com guerras (Afeganistão), violência, miséria, ganância, egoísmo, falta de amor. A este mundo caído em pecado veio a luz. O contexto de Isaías é semelhante. Os versículos 2 a 4 do primeiro capítulo de Isaías já descrevem a péssima situação espiritual do próprio povo de Deus.
3. O texto de hoje é uma promessa maravilhosa de esperança, a única esperança, o reino prometido, a Sião do Senhor, o monte do Senhor, a cidade de Deus, o reino instaurado, o Israel espiritual, a igreja que cresce e permanece para sempre. Tudo obra de Deus, através do seu Ungido, pela operação do Espírito Santo.
4. Este reino já está instaurado com a primeira vinda do Messias prometido, o Príncipe da Paz (Is 9.6).
5. Ao monte do Senhor virão povos e nações (Is 2.2,3). É a missão de Deus, para a qual a igreja é desafiada, acontecendo.
6. Para que o objetivo final de redenção seja alcançado é aplicada a mesma lei em todo seu rigor e o mesmo evangelho em toda sua doçura que Isaías usou.
7. O irrompimento definitivo do reino de Deus se dará com o derramamento total do Espírito Santo no dia do segundo advento da luz, do Príncipe da Paz, do Senhor Jesus Cristo. Vivemos no já, mas ainda não, lutando bravamente neste mundo, estendendo o olhar em esperança para além deste vale de lágrimas, para a cidade de Deus que já recebemos.

*Edgar Züge
Porto Alegre, RS*

SEGUNDO DOMINGO DE ADVENTO

Isaías 11.1-10

9 de dezembro de 2001

CONTEXTO

O capítulo 11 segue imediatamente à narrativa da destruição de uma grande e altiva floresta (10.33,34), com a derrubada das majestosas árvores por causa da ação de um poderoso. O capítulo 11 é precedido de profecias que mostram que o poder humano, embora exaltado por algum tempo, acaba sendo colocado ao chão quando sua altivez o leva a voltar as costas ao Senhor e, até mesmo, a desafiá-lo. Assim aconteceu com o Israel outrora glorioso e também com a Assíria, a grande floresta derrubada pelo “poderoso” (10.34).

Do meio da assolação brotará um outro poderoso, cujo governo e reino serão descritos no capítulo 11. Tal reino e governo, todavia, possuem particularidades que os distinguem de qualquer idéia humana a tal respeito até então cultivada. Para revelar tais particularidades, está à nossa frente o capítulo 11. Conhecendo-as, saberemos a razão da presença da perícope no tempo do Advento.

TEXTO

V. 1 – Da outrora poderosa “árvore”, a casa e família de Davi, especialmente nos dias do reinado daquele rei e do de seu filho Salomão, restará apenas um tronco. É a casa de Davi retornando às suas humildes origens. Da desolação, entretanto, brota a esperança. Do tronco aparentemente seco e sem energia, procede um rebento, um galho e, das suas raízes, um broto. De onde nada seria de se esperar, miraculosamente surgem sinais de esperança. Em meio aos troncos mortos que cobriam a terra após a destruição da Assíria, haverá um que não morrerá.

Vv. 2, 3a – Segue-se agora aquilo que é novo a respeito daquele galho que brotará do tronco de Jessé: ele será divinamente equipado. Tudo acontecerá pela intermediação do Espírito do Senhor. O “equipamento divino”, concedido em extraordinária medida, será de uso perene e não intermitente, pois o Espírito do Senhor repousará sobre ele.

Os sete nomes dados ao Espírito levaram a igreja a falar no *Spiritus septiformis*. Descrevem o Espírito de Deus na diversidade dos seus dons, poderes e atividades.

De propósito deixaremos fora a análise de cada nome individualmente, pois julgamos ser prioridade apontar para um outro fato. O v. 2 concentra-se numa obra que o Messias realizará no poder do Espírito de Deus, durante sua presença visível e humilde sobre a terra. Em toda sua vida e ação sobre a terra, Cristo se valeu dos dons e poderes do Espírito. Virá ele do tronco de Jessé, o que nos lembra da sua natureza humana. No seu estado de humilhação, submeter-se-á completamente ao Pai, capacitado pelos dons do Espírito do Senhor a levar adiante a sua obra de Salvador. Todo o seu pensamento e ação transcorrerão em total submissão à vontade daquele que o comissionou. Não será submissão desagradável a ele, embora muito iria lhe custar, mas razão de deleite próprio, constituindo-se no próprio ar a ser respirado, conforme sentido do verbo ali usado.

Vv. 3b-5 – Na descrição do “perfeito juiz” que agora segue, estampa-se a notável diferença entre ele e os governantes que ocuparam o trono de Judá nos tempos do Antigo Testamento, cujos governos trouxeram razão para desapontamentos do povo em muitas situações.

A ênfase do texto recai sobre o perfeito cumprimento dos seus deveres de governante. Tendo todo o conhecimento à sua disposição, suas decisões serão as mais corretas. Seu agir estender-se-á como esperança para os pobres e mansos, porém como ameaça e juízo sobre aqueles que têm mentes más. Todo o seu reinado resumir-se-á na prática da “justiça” e da “fidelidade” (v.5). Seu comprometimento com a vontade e determinação do Senhor, que sobre ele fará repousar o Espírito, não será abalado, fato que garantirá a prática da justiça e fidelidade, assegurando a preservação daqueles que também vivem no temor do Senhor, ou seja, na igreja.

Vv. 6-8 – As imagens empregadas visam a descrever a paz e a harmonia do reinado do Messias. Quando será estabelecido tal reinado?

V. 9 – Em meio a diferentes interpretações que buscam resposta à pergunta anterior, julgamos apropriada aquela que entende o reinado do Messias durante a duração deste mundo, sem transportar as imagens necessariamente para os novos céus e a nova terra. Não há uma razão forte para colocar o texto dos versículos 6 a 8 numa realidade separada daquela que aparece descrita até o versículo 5. Amor e temor do Senhor encontram-se no povo de Deus, nos cidadãos do reino do Senhor. Tais virtudes conduzem-nos nas ações de uns para com os outros. São os frutos da presença do reino do Messias entre eles.

V. 10 – O santo monte, como em Is 57.13, Sl 78.54 e Êx 15.11, é identificado com a terra de Canaã, um terreno completamente montanhoso. É também, todavia, a Canaã, a Terra Santa do Novo Testamento, o reino e domínio do Filho de Davi.

A afirmação de que a terra se encherá do conhecimento do Senhor não deve ser entendida como se todos os habitantes da terra, sem exceção, venham a conhecer o Senhor e a se sujeitar ao seu reino, no reinado do Messias. O versículo 4 revela por que não há que se pensar nessa direção. Os inimigos de Deus e do seu Ungido sempre existirão. O verdadeiro povo de Deus continuará sendo um pequenino rebanho, o qual, porém, se espalhará por toda a terra. Por isso, se poderá dizer que a terra se encherá do conhecimento do Senhor.

APLICAÇÕES HOMILÉTICAS

- 1) Quanto ao tema de uma mensagem, há um notável elemento de esperança destacado na profecia sobre o reinado do Messias. A paz e harmonia descritas nas imagens dos versículos 6 a 8, dão a entender que o reinado do Messias é poderoso a tal ponto de tornar possível uma forma de convivência entre os pertencentes ao seu reino que é totalmente impossível “naturalmente” dentro de um mundo onde o pecado está presente. Em meio à mata arrasada em que se transformam muitos planos e esperanças humanos, no galho que brota do tronco de Jessé está a razão para se crer que vida diferente poderá surgir.
- 2) A esperança está bem fundamentada, pois repousa sobre ações Daquele que é justo e fiel. São ações divinas tão-somente que dão margem ao surgimento de esperança. Nisto reside um grande aspecto de realce na mensagem do profeta Isaías. O Espírito do Senhor capacita o Messias; tudo mais é obra dele. Por isso o “impossível” se torna possível.
- 3) A palavra de lei localiza-se na ameaça àqueles que optam pela morte porque não confiam no humilde broto do tronco de Jessé. Sobre eles se estenderá o agir severo e punitivo do novo Rei. A recusa da vida que vem com o broto do tronco de Jessé representará a morte, mesmo que a aparência perante olhos humanos revele grandiosidade e altivez.
- 4) É o convite à esperança, com sua razão e fundamento, que constitui a palavra evangélica da mensagem.

SUGESTÕES DE TEMAS E PARTES

Tema: O Messias da Esperança

I - A novidade do seu reino: Qual? Por quê? Fundamento do “novo”.

II - A oferta para nós: o novo acontece também entre nós.

TERCEIRO DOMINGO DE ADVENTO

Isaías 35.1-10

16 de dezembro de 2001

CONTEXTO HISTÓRICO

Não é possível determinar com exatidão a situação histórica deste texto. Ao que tudo indica, Judá estava vivendo tempos difíceis no exílio, sofrendo a opressão e perseguição de Edom,¹ que parece ter sido cúmplice da Babilônia na tomada de Jerusalém em 586 A.C. (Ob 11). Não se pode descartar, no entanto, que a Assíria também foi uma pedra no sapato de Israel (Is 36.1; 2 Rs 17.6) e pode ter colaborado com a desgraça do povo de Deus.

TEXTO

Ainda que tecnicamente o “Livro do Consolo” só comece em Isaías 40, os capítulos 34 e 35 já são abundantes doses de consolação para o povo de Deus no exílio. Primeiro pelo julgamento implacável do SENHOR sobre as várias nações, especialmente contra Edom (Is 34.5), um dos prováveis opressores de Israel e motivo de imprecações dos israelitas (Sl 137.7). E, segundo, porque as boas notícias descritas em Isaías 35 são em sua essência palavras de encorajamento e conforto.

Vv.1-2 – A personificação dos elementos da natureza parece ter sido um expediente bastante comum de Isaías a fim de tornar sua mensagem viva (Is 24.23; 33.9; 35.1; 44.23; 55.12). Aqui a referência é às regiões desérticas que já existiam, que tomaram proporções maiores depois da deportação (Is 32.13-14), mas cuja esterilidade está com os seus dias contados. A promessa do SENHOR em reverter um quadro extremamente deprimente para um altamente positivo se estende também à criação. As pessoas e a natureza experimentarão a mudança da situação de morte para a vida, da tristeza para alegria, do medo para a coragem, da escravidão para a liberdade. A aparência frágil será substituída pelos ornamentos da glória e do esplendor do SENHOR, tributos divinos a serem revelados em sua ação de restauração do seu povo e da natureza.

¹ Os Edomitas eram descendentes de Esaú (Gn 25.29-30; Mt 1.2-4)

Vv. 3-4 – A situação trágica vivida no exílio fez muitos do povo de Deus duvidar, desistir, ou perder as esperanças. Foi um estado negativo e depressivo que gerou tanto fraqueza espiritual como física. Mas os imperativos nestes versículos são próprios para o momento vivido por Israel: אַמְצוּ – Fiquem firmes! חֲזִקוּ – Sejam fortes! אַל-תִּירָאוּ - É proibido ter medo! Estas são manchetes divinas que caem bem para os desalentados de coração, para os fracos, para os medrosos, para os que vacilam em sua fé. É uma mensagem de otimismo para um povo entregue ao negativismo. São palavras do Deus que observa as maldades praticadas contra seu povo, ainda que se cale por um pouco (Salmo 50.21). São palavras do Deus reparador de situações cruéis e aparentemente insustentáveis do ponto de vista humano, para uma posição digna e de dias melhores.

Vv. 5-7 – As promessas de redenção agora se tornam realidade. A consequência é quase um sonho (Salmo 126.1). O retorno do exílio está assegurado. A ação de Deus se manifestará em curas de enfermidades físicas e espirituais.² Deus os recuperaria fisicamente e os estava chamando para enxergarem e ouvirem espiritualmente a ação recriadora em suas vidas. A oferta do alívio vem outra vez nas imagens vivas da natureza: águas refrescantes e solos frutíferos.

Vv. 8-10 – O mapa da estrada de volta a Jerusalém é traçado de maneira otimista e clara. O caminho é santo, como Israel é santo (Is 62.12), como o destino é santo. Nele não haverá impuros³ e nem mesmo pessoas sem entendimento⁴ se desviarão. Na estrada projetada pelo SENHOR não haverá mais percalços, nem perigos e os que foram comprados de volta andarão nela seguros e à vontade. Deus cumpriu o seu papel de resgatador e libertou seus filhos da dificuldade, da escravidão e das ameaças dos inimigos. Agora eles são propriedade do SENHOR. A estrada antes controlada por Edom, agora é dirigida pelo SENHOR. É interessante notar a ênfase na palavra אֲלֵי “ali” ou “lá”. Por três vezes nos vv. 8 e 9 o profeta insiste em mencioná-la.

² Evidentemente que esta dupla interpretação não é bem-vinda a todos. Sob o ímpeto do racionalismo, às vezes a cura espiritual é muito mais enfatizada, em detrimento da física. Para alguns vale apenas a primeira, para outros a segunda. Se olharmos para o ministério de Jesus, no qual também se cumpre esta profecia (Mt 11.5 e Lc 7.22), podemos admitir, sem forçar, que a dupla interpretação é encaixável, pois Cristo se notabilizou em curar olhos físicos e espirituais.

³ A referência parece não ser tanto a uma exclusão dos culticamente impuros, mas à diferença entre os que apenas trafegam por essa estrada, com os que andam pela fé.

⁴ “Louco” precisa ser entendido como alguém “insensato – precipitado – desequilibrado”, como em Pv 10.14; 12.16; 17.28 e 20.3. Esta palavra ainda pode ter o sentido de alguém que rejeita o conhecimento de Deus (Jr 4.22), que neste caso não se aplica aqui.

Não há outra opção de libertação senão andar por “ali”, pelo caminho santo do SENHOR. Ali as coisas que estavam erradas serão conser-tadas pelo ato de retribuição de Deus contra os inimigos e a salvação de Israel. Há um novo tempo em um novo lugar. Tudo o que o povo de Deus desejava. Agora só resta esperar e retornar com a boca cheia de riso (Salmo 126.2) e louvor. A amargura e os gritos de cho-ros sufocados já eram. Agora é tempo de alegria e sem hora para acabar, pois é alegria eterna וְשִׂמְחָה עוֹלָם.

CONSIDERAÇÕES HOMILÉTICAS

Por um lado esta profecia de Isaías já foi duplamente cumprida. Primei-ro no retorno de Israel do exílio e segundo com os milagres e a pregação no ministério do Senhor Jesus. Por outro lado, seu cumprimento não ficou só nisso. Ela ainda se cumpre e se cumprirá tantas vezes quantas forem ne-cessárias na vida de cada cristão que clama ao Senhor nas horas de seu exílio particular. E ainda se cumprirá pela última vez no resgate final e geral, quando se inaugurará o tempo dos novos céus e nova terra.

SUGESTÃO HOMILÉTICA E TEMA

Palavras doces em tempos amargos

Liturgicamente vivemos num tempo de alegre expectativa, pois estamos muito próximos de celebrarmos mais uma vez o cumprimento da profecia de Isaías. No entanto, isto não impede o cristão do século XXI de também viver e experimentar tempos de amargura em sua vida. Enfrentar situações complicadas e perceber a força destrutiva do pecado, sentindo e vivendo na pele a insegurança, a fragilidade, o abandono e o medo. Assim como Israel no tempo do profeta Isaías. Para aquele povo restava apenas esperar, con-fi-ar nas promessas do profeta e seguir pelo caminho apontado pelo SE-NHOR. Sua espera e confiança não caducaram. As palavras do profeta são poderosas promessas de Deus válidas para todos os tempos. São pala-vras doces, em tempos amargos. Fiquem firmes! Sejam fortes! Não tenham medo! Ergam-se e andem! Mas andem por ali! Em Jesus Cristo, o Caminho e a Água da vida (Jo 14.6; Jo 7.37-38). O caminho de volta dos pequenos exílios do tempo presente e da gloriosa redenção final. A água para nos refrescar, lavar dos pecados e nos revigorar nas horas desérticas de nossa vida e vivermos seguros e em paz.

*Anselmo Ernesto Graff
Barra do Garças, MT*

QUARTO DOMINGO DE ADVENTO

Isaías 7.10-14

23 de dezembro de 2001

INTRODUÇÃO

“Isaías profetizou no período mais crucial da história de Judá e Israel (cerca de 750 A.C.)... Nenhum livro do AT... fala mais poderosamente e apropriadamente à Igreja de hoje do que o Livro de Isaías... Isaías fala tão poderosamente em nossos dias como falou para a sociedade do seu tempo.”

Este é um comentário que a “Bíblia de Estudo Plenitude”, da SBB, faz na introdução ao Livro de Isaías.

O texto de Isaías que examinaremos, pronunciado há quase três milênios, é atualíssimo, também para o Natal 2001.

CONTEXTO

1 - Eclesiástico

- 1 – O ano civil inicia em 1º de janeiro. Em todo o mundo. Tem 12 meses, 52 semanas, 365 dias. O término de um ano e início de outro é celebrado com todos os instrumentos (fogo) e modalidades (festas) que expressam alegria e vibração. É a festa do Ano Novo.
- 2 – O ano da igreja, porém, inicia no 1º Domingo de Advento, quatro semanas antes do Natal de Jesus. Em todo o mundo é assim. A duração do ano eclesástico é a mesma do ano civil. Se o ano civil termina e inicia outro com balanços e vibrações, a igreja também faz algo semelhantes: um balanço “em saco de cinza”, de penitência, de arrependimento de seus pecados neste período considerado “tempus clausum” e também tempo de entusiasmo e alegria pelo nascimento do Messias Salvador.
- 3 – O texto de Is 7.10-14, escrito há três mil anos, é uma perícopé perfeita para o início deste novo ano da igreja, pois o 4ª Domingo de Advento praticamente coincide com o Natal do Salvador Jesus.

2 - Bíblico

- 1 – Isaías era profeta de Judá e residia em Jerusalém. Escreveu seu livro ao redor do ano 700 a.C. Seu nome é interpretado como “o Senhor é

Salvação”. É tido pela igreja cristã como integrante do grupo dos “grandes profetas do AT”, como “o profeta messiânico”, como “o profeta evangélico”, como o “evangelista do AT”. A razão? Porque não há outro profeta que descreva a pessoa e a obra do Salvador Jesus com tamanha precisão e detalhes como o faz Isaías, três mil anos antes dos fatos. Isaías fala sobre o nascimento de Jesus (nosso texto) e sobre o sofrimento e morte de Jesus Cristo (cap. 53) como se estivesse presente e vendo estes eventos.

- 2 – O NT cita, diretamente, 21 vezes o livro de Isaías. Nos livros do NT, encontramos 10 textos literalmente transcritos de Isaías, dentre os quais está o nosso: Is 7.14. Isso comprova, entre outras, a autenticidade e a importância que o livro profético de Isaías tem para a vida da igreja do NT.
- 3 – Acáz foi rei de Judá e governou por 16 anos, cerca de 734 A.C. Ele “fez o que era mau perante o Senhor”. Praticou a idolatria, desprezando a voz de Deus e sacrificando aos deuses mortos do povo pagão. Fez pacto com o rei da Assíria, a quem entregou os tesouros do templo e do palácio. No meio desta idolatria e falsos convênios, Deus enviou o profeta Isaías para adverti-lo e chamá-lo à sensatez e ao arrependimento. Inútil. Deus prometeu um sinal para provar o seu auxílio, mas Acáz foi irreverente, incrédulo, hipócrita e rejeitou o sinal de Deus.

Neste estranho contexto, o profeta Isaías faz a bela e clara promessa do Natal de Emanuel. O sinal de promessa do Salvador acontece, aqui, de uma maneira tão diferente e inesperada que parece um raio em pleno dia de sol.

TEXTO

1. **Sinal** – Ordenado por Deus, Isaías procura o rei Acáz e diz: “Pede ao Senhor teu Deus um sinal” (v.11). Com a máscara da hipocrisia, Acáz se nega a pedir o sinal. Então Deus, apesar da negativa do rei, resolve dar um sinal (v.14). Sinal é sinônimo de garantia e prova de algo: de fidelidade, de amor, de advertência, de abandono – positivo ou negativo! (Refletir sobre a sinalização de trânsito, com seus avisos e advertências ao longo das ruas e rodovias.) Deus queria, em primeiro lugar, dar um sinal a Acáz como prova de sua fidelidade e de seu auxílio na guerra contra os inimigos estrangeiros. Mas, em segundo lugar, Deus dá ao rei e a Judá o grande sinal de sua fidelidade e misericórdia: a promessa do nascimento do Messias, o Salvador de tudo e de todos.

A Bíblia fala muito em sinais. A Escritura, na verdade, é a grande Sina-leira de Deus, pois através de “sinais, prodígios e milagres” Deus sempre procura chamar e levar os pecadores ao Salvador Jesus. Deus prepara seu

povo para os acontecimentos. Não quer que alguém diga: Eu não sabia; eu não fui avisado. Deus não quer surpreender a ninguém despreparado. Exemplos de sinais de Deus: Dt 6.8; Jz 6.17; Sl 86.17; Mt 12.39; 24.3; Lc 2.12.

É preciso ver, ouvir, sentir e aprender as lições dos sinais de Deus – de ontem e de hoje! Deus continua mostrando sinais, muitos sinais! É preciso abrir os olhos!

- 2. A virgem conceberá** – O termo hebraico para virgem – *almah* – pode significar uma “virgem” como uma “jovem”. Para falar da “virgem Maria”, o grego usa o termo *parthénos*, a Vulgata usa *virgo*, Lutero traduz por *Jungfrau*, e a NTBLH (Nova Trad. Bíblia Linguagem de Hoje) usa jovem. O decisivo de *almah* do AT e *parthénos* do NT é esta lição: o que importa é que a mãe do filho Emanuel seria virgem e não casada, sem ter tido relação sexual. É a concepção milagrosa através do Espírito Santo (Mt 1.20): “Maria... gerado é do Espírito Santo”. No Credo Cristão, a igreja confessa: “Creio em Jesus Cristo... o qual foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da virgem Maria.”

A designação “virgem” ou “jovem” é para deixar bem claro o excepcional, o extraordinário, o sobrenatural, o milagroso na humanação de Deus, em Jesus Cristo, o Emanuel. Virgem não pode ser entendido como santa. Nesta concepção e nascimento do Filho, está a encarnação de Jesus Cristo (Jo 1.14), a sua humanização, sua natureza humana e divina, verdadeiro Deus e verdadeiro homem – mas sem pecado (1 Pe 2.22; Hb 4.15) para poder tirar o pecado do mundo.

- 3. Chamará Emanuel** – Não é um simples nome. Mas é um nome-mensagem: “Deus Conosco” (*théantropos*). Isaías 7.14 é uma profecia messiânica muito clara: o NT cita diretamente o texto do AT (Mt 1.23). É um nome-chave que traduz a encarnação de Deus em Cristo Jesus. É um nome que expressa a presença, o amor, o perdão, o auxílio, a salvação de Deus. Com a humanação do Emanuel é derubada a muralha que separava a criatura do Criador (Ef 2.14). Isaías, o “evangelista do AT”, apresenta os nomes mais lindos e significativos do Messias, nomes como esses: Emanuel, Senhor, Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz, Senhor, Renovo do Senhor, Raiz de Jessé, Rei, Servo do Senhor, Pedra Angular, Eleito, Cordeiro de Deus, Ungido, Redentor. Cada nome tem uma conotação diferente sobre a diversidade do exercício do ministério sacerdotal de Cristo. Cada nome, uma mensagem de conforto e salvação. Isto é Natal.

O sinal do Emanuel que Deus deu a Acáz se cumpriu no Cristo da manjedoura em Belém.

DISPOSIÇÃO

Introdução

1. Sinalização de Trânsito: Ruas e rodovias com sinaleiras – sinais de “pare”, “livre”, curva perigosa, 80km etc. São sinais de orientação e advertência para que o condutor chegue bem ao seu destino. (Falar apenas sobre um sinal ou uma idéia).
2. Discípulos pedem sinais: Interrompem o sermão profético de Jesus e pedem sinais visíveis que anunciem e provem o fim do mundo. E Jesus mostra sinais – Mt 24. (Advento também aponta para dois sinais: Jesus de Belém; o Jesus do fim do mundo – como Salvador, como Juiz).
3. Salmista pede um sinal do favor de Deus: Acáz podia pedir um sinal para confirmar a fidelidade das promessas de Deus. Mas, em sua incredulidade e hipocrisia, nega o sinal de Deus. O salmista Davi, porém, se dirige ao Senhor e exclama: “Mostra-me um sinal do teu favor” (Sl 86).

Na perícopes de hoje, Is 7.14, encontramos o grande sinal do favor de Deus, ao pré-anunciar, com muita clareza e antecendência, o nascimento do Messias, o Emanuel, o Salvador Jesus. O texto permite o tema:

TEMA

O sinal de Deus se cumpriu em Jesus

I – Porque Jesus foi concebido pelo Espírito Santo

1. Contexto: Advento e Natal; Acáz e Isaías
2. Tema: Os sinais de Deus e sua simbologia
3. 1º Parte: O milagre da Concepção sobrenatural (Espírito Santo)
- 4 – Aplic.: Deus é fiel e suas palavras são verdadeiras

II – Porque Jesus nasceu da virgem Maria

1. Transp.: Maria, conforme a igreja romana e conforme a Bíblia
2. 2º Parte: A humanação e as duas naturezas de Jesus
3. Aplic.: Credo e explicação de Lutero do 2º Artigo (Cf. as Confissões Luteranas).

III – Porque Jesus recebeu o nome de Emanuel

1. Transp.: Os muitos e significativos nomes de Jesus

2. 3ª Parte: O significado, doutrina e mensagem do nome Emanuel
3. Aplic.: Importância da presença de Deus em Cristo nos momentos mais difíceis.

CONCLUSÃO

1. Os sinais de Deus de ontem e hoje: fidelidade, advertência, chamamento e favor de Deus.
2. O grande sinal do favor de Deus: o Emanuel em Belém
3. Alegria e felicidade: com o Salvador, a esperança da vida eterna.

Leopoldo Heimann

NATAL - O NASCIMENTO DE NOSSO SENHOR

Isaías 9. 2-7

25 de dezembro de 2001

CONTEXTO

Conflito e crise. Poderíamos definir assim a situação na qual encontramos o nosso profeta Isaías. Estamos pelo ano de 734 a.C. A Assíria representava um dos povos mais violentos e sanguinários da época e estava em franca expansão. Peca, rei de Israel (reino do Norte) e Rezim, rei da Síria se unem para entrar em acordo contra os assírios e assim amenizar o perigo. Mas Acaz, rei de Judá (reino do Sul) se recusa a participar do acordo. Samuel Schultz (*A História de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1977, pp. 291-293), assim coloca a situação:

Quando Acaz se recusou a juntar-se a eles, Israel e Síria declararam guerra a Judá. No momento exato em que Acaz e seu povo estavam sendo aterrorizados pelas possibilidades de uma invasão, Isaías apareceu em cena trazendo uma mensagem de Deus. O simples conselho de Isaías, nesse momento crucial, foi que Acaz não deveria tomar iniciativa. A Assíria era a verdadeira ameaça a Judá (cf. Is 5.26). Conseqüentemente, Isaías avisou Acaz para que confiasse no livramento divino.

Isso porque Acaz, amedrontado, buscava aliança e acordo justamente com Tiglate-Pileser, rei da Assíria. Esta aliança, segundo os conselhos de Isaías, trariam conseqüências desastrosas. Schultz continua:

Isaías assegurou destemidamente a seu povo de Sião de que não deveriam temer a invasão da Assíria. Cumprir-se-iam os desígnios de Deus contra Jerusalém. A Assíria armaria o punho contra Jerusalém, mas Deus faria estacar ao rei em seus planos de destruir a cidade. A certeza de que essa nação pagã estava debaixo do controle divino foi a base do consolo e da esperança daqueles que depositavam confiança no Senhor dos Exércitos.

Em contraste com governantes iníquos, Isaías desdobra as perspectivas futuras de um piedoso rei que ocuparia o trono de Davi. Em contraste com o reino temporal de Judá, ele elabora promessa de um reino universal e perene.

O justo governante é apresentado em Is 7.14 como o Emanuel que significa “Deus Conosco”. Por certo, o ímpio Acaz, que se recusou a pedir um sinal, não compreendeu o significado pleno dessa promessa, cujo cumprimento não foi fixado quanto ao tempo. Sem dúvida, essa simples promessa apareceu vaga e ambígua para aqueles que ouviram Isaías proferi-las em um período de crise nacional – mui facilmente podem tê-la confundido com o nascimento do filho de Isaías, de nome Rápido- Despojo- Presa-Segura. Embora a terra de Emanuel houvesse de ser invadida pelos assírios (cf. Is. 8.5-10), para em seguida ser libertada, a promessa de um livramento futuro ainda maior é assegurada em Is 9.1-7. Isso seria concretizado através do nascimento de um filho que é identificado como “Poderoso Deus”, o qual haveria de estabelecer um governo pacífico que não teria fim. No décimo primeiro capítulo é indicada a sua origem davídica, mas suas características transcendem ao que é humano. Ele é divino, no exercício de julgamento justo, através da sua onisciência e onipotência. O reino será universal. O conhecimento do senhor prevalecerá e uma retidão absoluta prevalecerá sobre a humanidade.

TEXTO

Is 9.2-7 é um oásis em meio a um deserto de previsões nada agradáveis. O passado profético é uma certeza como se a libertação da futura escravidão já tivesse acontecido.

- V. 2 – Há um forte – e proposital – contraste entre “trevas”/“região da sombra da morte” e LUZ. Escravidão, opressão e humilhação são colocadas como situação de escuridão. Isso contrapõe-se fortemente com o momento da liberdade que Deus providenciará (situação colocada no passado de tão certa). Esta libertação só pode ser comparada como uma luz que vence a escuridão.
- V. 3 – Diante desta libertação, o povo só poderá se alegrar e se regozijar. Será tanta alegria que a festa só é comparada com a Festa da Colheita ou com o repartir dos despojos, que acontece depois da vitória sobre o inimigo, após uma exaustiva batalha.
- V. 4 – Aí está o motivo de tanta alegria: Deus concede a vitória ao povo sobre o inimigo. Uma vitória tão importante que é comparada àquela

vencida por Gideão e seus trezentos homens (Jz 7). A opressão é tirada de sobre os ombros.

- V. 5 – A situação agora é de paz. Todos vão descansar das guerras e batalhas. As botas e as vestimentas de guerra, inclusive manchadas de sangue, podem ser jogadas fora.
- V. 6 – Enfim, o motivo de tanta alegria e tanta paz: o verdadeiro Rei está aí, com alguns nomes que ilustram características de Jesus, marcas do que ele viria a ser: Maravilhoso (além da compreensão humana, excederia os limites da lógica, teria duas naturezas, já seu nascimento seria extraordinário), Conselheiro (suas palavras serviriam de alento, conforto e vida), Deus Forte (capaz de proteger seu povo, inclusive com a própria vida, o verdadeiro Pastor), Pai da Eternidade (sendo Deus Eterno, poderia dar vida a quem quisesse: “e eu lhes dou a vida eterna” (Jo 10.28), Príncipe da Paz (“Shalom” aqui simbolizando não apenas a cessação da luta, mas tudo o que a palavra representa: salvação, bênção, felicidade e até saúde física.

OBJETIVO

Natal é sempre tempo de reflexão e meditação sobre o verdadeiro sentido da encarnação do Filho de Deus. Assim como ao povo de Israel, Deus também vem até nós, que vivemos num mundo de escuridão e de atropelos, para nos mostrar a sua luz. E quando se fala em luz, há dois objetivos: o primeiro é que nós primeiro sejamos inundados por esta e que a nossa própria vida de cristãos seja conduzida e orientada por esta luz. O segundo objetivo é que esta luz brilhe através de nós e venha a iluminar o caminho de outras pessoas, mostrando-lhes o caminho verdadeiro da salvação. Através de nossa vida exemplar, é necessário que as pessoas reconheçam esta luz como o verdadeiro Messias, ou no dizer de Isaías: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.

MOLÉSTIA

É necessário que reconheçamos primeiramente os obstáculos que essa luz encontra em nossas próprias vidas. Muitas vezes, queremos caminhar com nossos próprios “geradores” de luz e vivemos tropeçando e caindo. Um dos grandes problemas que nós criamos para nossas vidas é o fato de acharmos que podemos encontrar solução sozinhos. A consequência é não ser “luz do mundo”, ou seja, esta luz não consegue filtrar-se através de nossas vidas em direção ao outro. Permitimos que a “filiação” fique velha demais e entre em curto, que sujeira se acumule na “lâmpada” de modo que o brilho fique mais fraco, ou erramos na voltagem, permanecemos uma lâmpada de 220v numa voltagem de 120v. Nestes casos, não há como o “povo que vive hoje em escuridão” beneficiar-se da luz que veio ao mundo.

Um dos jornais de nossa cidade estampou a seguinte manchete na Páscoa de 2001: “40% da população não sabe o que é Páscoa”. Fico curioso qual seria a porcentagem da população em relação ao Natal. Não é uma demonstração de “apagão cristão”?

MEIO

Não é maravilhoso o que Deus realizou para o povo de Israel? Mesmo contra toda a lógica, Deus se compadece e perdoa o povo que tanto o tinha ofendido e promete libertação, desafia o povo a confiar plenamente neste Deus que se coloca inteiramente à disposição mais uma vez. E assim como Deus libertou o povo da escravidão do Egito com mão milagrosa, ele não somente promete libertação do jugo físico, de um povo inimigo, mas liberdade da condenação, da morte, do pecado. O “menino” era nada mais nada menos que o “Filho do Homem”, o “Senhor Justiça Nossa”, o “Emanuel”, o próprio Filho de Deus.

A aplicação é a mesma quando se fala do povo de Deus hoje. Os feitos milagrosos de Deus são vistos e experimentados pelos cristãos. Deus quer mais: evidenciar através dos cristãos a salvação para aqueles que ainda vivem na “escuridão”. As qualidades de Jesus precisam ser evidenciadas na vida do cristão para que os outros possam ver, ouvir e crer.

PROPOSTA HOMILÉTICA

Tema: Jesus, a luz, quer brilhar

I – Em nossos corações e nossos caminhos

II – Através de nós, os caminhos e os corações dos outros

*Sérgio R. Flor
Ponta Grossa, PR*

PRIMEIRO DOMINGO APÓS O NATAL

Isaías 63.7-9

30 de dezembro de 2001

CONTEXTO

Antes do texto, o profeta anuncia os atos de juízo que Deus executa contra os inimigos de seu povo. O texto é uma introdução à oração do profeta, que iniciará no v. 15, seguindo até 64.12. Esta oração celebra a grandeza e bondade de Deus (63.15; 64.4), bem como reconhece o pecado do povo (64.6). Especialmente o profeta ora pela redenção que Deus prometeu a seu povo. É significativo que, na resposta, Deus anuncia que, se por um lado, trará juízo aos que o desprezam (65.1-7), por outro lado trará salvação ao remanescente fiel (65.8-16) e criará novos céus e nova terra para o seu povo (65.17-25).

O texto, propriamente, é uma celebração a Deus, por sua bondade para com Israel. É significativo que, na preparação da oração, o profeta nos conduza neste verdadeiro cântico de louvor a Deus. De fato, toda a oração dos cristãos está fundamentada na misericórdia e graça de Deus, manifestas em Cristo. Oramos a Deus porque confiamos nele; confiamos nele porque ele próprio se manifestou Salvador.

As leituras do dia são próprias para o período festivo, pós Natal, em que estamos vivendo. O Salmo do dia, Sl 111, é um cântico de louvor a Deus, que celebra suas obras gloriosas em favor de seu povo. Especialmente mencionados são o sustento, a herança, a redenção, a aliança. Note-se que entre o Salmo e a leitura do Antigo Testamento há uma clara semelhança de tema. Na Epístola, Gl 4.4-7, Paulo mostra a manifestação máxima da graça de Deus pela humanidade, ocorrida na “plenitude do tempo”, por ocasião da vinda de Jesus. O que é expectativa em Isaías, em Paulo é proclamação do fato histórico. No Evangelho do dia, Mt 2.13-15,19-23, podemos verificar um paralelo com o texto em estudo para o sermão. Isaías fala da misericórdia de Deus que, pelo seu Anjo, “salvou, remiu, tomou e conduziu” seu povo. Mateus mostra como isto se cumpre naquele que é o novo Israel - o próprio Jesus, que é preservado de muitas ameaças, pelo Pai, através de

seu anjo, guiando-o ao Egito e depois trazendo-o para Nazaré. Um tema geral para o Culto pode refletir o fato que Deus não está distante e inativo, mas vem estar com Seu povo, para agir de forma misericordiosa e concreta. No Natal isso ficou sobremodo evidenciado.

TEXTO

O v. 7, como observado acima, é uma apropriada base para a oração - a celebração dos feitos de Deus. Entretanto, não se deve perder a dimensão de proclamação que o texto contém. O povo de Deus, ao “celebrar as benignidades do Deus e os seus atos gloriosos”, está anunciando, proclamando o evangelho. No texto original, “benignidades” (em posição enfática, sendo a primeira palavra do texto) é a tradução de חסד , palavra que tem uma conotação semelhante ao que o Novo Testamento designa por $\chi\acute{\alpha}\rho\iota\varsigma$ (graça) e $\acute{\epsilon}\lambda\epsilon\omicron\varsigma$ (misericórdia). Seguem-se então uma série de vocábulos que lembram o amor imerecido e grandioso de Deus pelo seu povo.

Os vv. 8 e 9 parecem ecoar o evento do êxodo. Este é o povo da aliança, povo que o próprio Senhor escolheu, em Abraão. Em si mesmo, é um povo mau e infiel, mas aos olhos do Senhor, que os ama intensamente, é um povo santo (“filhos que não mentirão”). E Deus, por causa da aliança, lhes é “Salvador”.

O v. 9 traz alguns elementos de particular relevância teológica. Observamos três. Primeiro, “em toda a angústia deles foi ele angustiado”. Provavelmente poucos são os textos bíblicos que colocam com tanta concreticidade o alcance do amor de Deus pelo seu povo. Ele próprio é angustiado, na angústia de seu povo. Para quem lê o Antigo Testamento à luz do Novo, é inevitável lembrar aqui a profundidade da encarnação: Deus não só vem estar perto de seu povo; Ele vem a ser um dentre este povo, ao ponto de sofrer verdadeiramente, podendo, por isso também acudir as pessoas (cf. Hb 2.16-18). É, sem dúvida, palavra extremamente consoladora para o povo de Deus também hoje, que vive sob a cruz, em fraquezas e tentações.

Um segundo ponto digno de nota é a menção do “Anjo da sua presença”, que “os salvou”. É, ao que tudo indica, uma referência ao “Anjo do Senhor”, que é mencionado em diversas ocasiões do Antigo Testamento e que é identificado como o próprio Deus (por exemplo, Êx 3.2,4,6; Jz 6.11,14). Por isso, é tradicionalmente reconhecido como o Cristo pré-encarnado! É chamado de “Anjo” (=mensageiro) porque manifesta verdadeiramente a revelação de Deus e sua vontade.

Uma terceira observação sobre o v. 9 pode ser feita a partir dos verbos empregados: “salvou, remiu, tomou, conduziu”. A Nova Tradução na Lin-

guagem de Hoje traz ainda mais vividamente: “E todos os dias, ano após ano, ele os pegava e carregava no colo.” O Deus manifesto em Jesus não é um objeto de contemplação ou reflexão filosófica. Ele é o Deus que age, conforme sua promessa, em favor de todo o mundo. De uma forma muito especial, Ele atua entre Seu povo, trazendo-lhe conforto pela sua presença. A celebração do sacramento do altar é um evento que traz à Igreja a ação misericordiosa de Deus. Ali Deus verdadeiramente salva, toma e conduz seu povo, pelo perdão dos pecados em Cristo.

PROPOSTA HOMILÉTICA

Sugerimos que o pregador use o esboço que o próprio texto oferece. As leituras bíblicas do dia poderão ser aludidas em alguma parte do sermão, visto terem elementos muito próximos à mensagem do texto de Isaías.

Natal - celebração do Deus presente entre nós:

I – como Aquele de quem temos muito a celebrar e proclamar (v. 7)

II – como Aquele que nos escolhe como povo querido (v. 8)

III – como Aquele que se angustia em nossas angústias (v. 9a)

IV – como Aquele que está bem perto e nos carrega com carinho (v. 9b)

Gerson Luis Linden

EPIFANIA DE NOSSO SENHOR

Isaías 60.1-6

6 de janeiro de 2002

CONTEXTO

Isaías 60.1-6 é texto importante no ciclo de Natal e Epifania. Uma, porque está repleto de luz. Outra, porque os reis (v.3) e os camelos (v.6) da cena dos magos do Oriente foram tirados deste texto.

No contexto, Is 60.1-6, uma proclamação incondicional de salvação, contrasta com os capítulos precedentes (Is 56-59). É doce evangelho após a proclamação da lei. É resposta ao clamor de Is 59.9-11.

TEXTO

O texto é altamente poético, com imagens vívidas e linguagem dramática. Alguns destaques:

- 1 – O texto abre com dois imperativos: “dispõe-te”, “resplandece” (v.1). Não se diz a quem são dirigidos os imperativos, embora o leitor do texto hebraico saiba que os imperativos são femininos e estão no singular. A tradução de Almeida preserva esta vagueza. A Septuaginta deixou claro o que fica implícito, a saber, que a endereçada é Jerusalém. A Tradução na Linguagem de Hoje faz o mesmo: “Levante-se, Jerusalém!”
- 2 – Jerusalém pode resplandecer porque a glória do SENHOR nasce sobre ela (v.1). Resplandecer é “brilhar de alegria” (ver NTLH).
- 3 – A luz vem (v.1) para iluminar as trevas que cobrem a terra (v.2). Esta luz é o próprio SENHOR (v.2). Epifania no mais alto grau!
- 4 – As trevas (v.2) são símbolo de opressão e pecado (ver Is 8.22; 9.2; 59.9).
- 5 – O caráter poético do texto é evidente, podendo ser visto claramente no paralelismo sinônimo do v. 3.
- 6 – As nações se encaminham para a luz de Jerusalém: este tema foi anunciado pela primeira vez, em Isaías, no capítulo 2 (vv. 2-5).
- 7 – Os filhos e filhas (v.4) são membros do povo de Deus. Aqui a cidade, que é figura do povo de Deus, é apresentada como mãe.
- 8 – Alguns dos elementos deste capítulo ajudam a compor o quadro da Jerusalém celeste, no livro do Apocalipse. É o caso das riquezas das nações que são trazidas a Jerusalém (v.5; ver Ap 21.26). Confira também Is 60.18,19.

- 9 – Jerusalém chama a atenção de todo o mundo. O “mar” (v.5) fica no ocidente, Midiã (v.6), no oriente, e Sabá (v.6), no sul.
- 10 – As nações publicarão os louvores do SENHOR (v.6). “Publicar” é, a rigor, divulgar boas novas. Tanto assim que a Septuaginta traduziu por “proclamar boas novas” (εὐαγγελιοῦνται). O que seriam os “louvores do SENHOR” (v. 6)? A Septuaginta traduziu por “a salvação do SENHOR”. Já a Linguagem de Hoje prefere “as grandes coisas que o SENHOR fez”. Um exemplo dessa proclamação, no passado de Israel, é a rainha de Sabá (ver 1 Rs 10.9). Agora Isaías antevê todos vindo de Sabá (v. 6).

APLICAÇÕES HOMILÉTICAS

Ao se pregar este texto, é preciso, antes de mais nada, atentar para o caráter profético-poético do mesmo. Poesia não deve ser levada ao pé da letra. E profecia não é história escrita antecipadamente. Isto significa que esse texto não pode ser usado para “provar” que os magos do Oriente eram reis e que vieram montados em camelos, por mais acostumados que estejamos com tal cena natalina.

Por outro, o texto encerra uma grande mensagem de epifania. A glória que brilha é o próprio SENHOR no meio do seu povo. Isto se cumpre, parcialmente, na volta do exílio, no Natal (ver Jo 8.12), na visita dos magos, no Pentecostes, a cada proclamação do evangelho, e só encontrará seu cumprimento pleno e final na Jerusalém celeste. Cada cumprimento histórico é mais do que história: é sombra e promessa de coisas vindouras.

O movimento aqui ainda é centrípeto, ou seja, em consonância com a orientação missionária básica (embora não única) do Antigo Testamento, as nações se encaminham a Jerusalém. No Novo Testamento, a orientação básica (embora não única) passa a ser centrífuga, ou seja, de Jerusalém aos confins da terra.

A epifania é ação de Deus. Jerusalém é, em grande parte, passiva. A luz do SENHOR vem sobre ela, as nações se põem em marcha porque vêem essa luz, os filhos chegam de longe, e os que publicam os louvores do SENHOR são os que vêm de longe. Jerusalém resplandece (v.1) ou “brilha de alegria”, vê e fica radiante de alegria (v.5).

O texto tem, pelo menos, três ênfases de epifania: a) a glória do SENHOR vem e Jerusalém (“o povo de Deus”) brilha. b) a volta dos exilados (v.4); c) a marcha das nações e dos reis que vêm de toda parte.

SUGESTÃO DE TEMA

Epifania: Haja luz para tanta treva!

PRIMEIRO DOMINGO APÓS EPIFANIA

Isaías 42.1-7

13 de janeiro de 2002

O texto é uma das mais belas e expressivas profecias messiânicas do Antigo Testamento.

Como em todas as demais profecias messiânicas, também este texto nos mostra que a salvação do homem é um ato exclusivo do próprio Deus.

A particularidade do texto é a apresentação do agente desta obra redentora. E quem o apresenta é o próprio Deus Triúno (v.1). Chama-o de “meu Servo”. Quem é este “meu Servo”? Como se trata de uma profecia, buscamos a resposta no Novo Testamento. Assim lemos em Mateus 12.17-21, onde esta profecia de Isaías é repetida, que este “meu Servo” refere-se à obra redentora de Jesus Cristo. Também Pedro no seu sermão proferido no templo de Jerusalém (At 3.11-26) explica ao povo que este Jesus que há poucos dias fora crucificado, é o Servo de Deus (v.12 e 26). Uma alusão clara ao nosso texto.

“Eis aqui o meu Servo ...” Estranho! O Redentor da humanidade, Jesus, o Messias, a segunda pessoa da SS. Trindade, um servo? Isto não contradiz a onipotência de Deus? Sua glória e majestade ... sua própria onisciência e onipresença? Aparentemente sim, tanto que, para alguns, o fato de Jesus assumir a figura de um servo foi motivo de escândalo (Mt 11.6; Mt 13.55; Mc 6.3). Mas justamente nesta realidade de o Redentor da humanidade ter sido um servo, está a grandeza de Deus. Sua justiça e seu amor. Justiça - pelo fato de o homem ter caído em pecado, tendo como consequência a sua morte física e morte espiritual (eterna condenação), ou seja, o completo desligamento do Criador. Assim a justiça de Deus exigia que o próprio homem providenciasse a sua religação, uma vez que ele não atendeu à advertência de Deus (Gn 2.16,17) e se deixou ludibriar por Satanás (Gn 3. 1-6), caindo em pecado. Mas esta religação era impossível ao próprio homem (Rm 3.22,23). Deus, no entanto, levado pelo seu amor, entrou em ação e planejou a salvação para o homem. Qual a solução encontrada? A segunda pessoa da SS. Trindade – o Filho – prontificou-se a assumir a natureza humana – e como servo obediente e fiel – cumprir a justiça de Deus. Como verdadeiro homem – em lugar do homem –

“cumprir a Lei, padecer e morrer” – e como verdadeiro Deus “expiar a ira de Deus e vencer o pecado, a morte e o diabo”. Assim a justiça de Deus foi cumprida. O homem está reconciliado com o seu Criador, graças à prontidão do “seu Servo” em humanar-se. Daí a alegria de Deus (v.1 cf. Lc 2.10-14).

Este ato de justiça e amor de Deus através do “seu Servo” deverá agora ser promulgado, divulgado, também entre os gentios. Eles têm direito a esta salvação, uma vez que a salvação do “meu Servo” abrangeu a toda a humanidade, de todos os tempos e épocas. E cabe ao próprio “meu Servo” dar início a esta pregação (v.2). Ele se distinguirá de todos que o precederam (profetas e mesmo em relação ao seu precursor João Batista, cf Mt 3.1-10). Sua mensagem será pacífica, tranqüila, suave, cheia de paz e esperança, pois anunciará a sua obra de reconciliação entre Deus e o homem. Inaugurará a era do amor, resumida nas palavras de Jo 3.16, 1 Jo 4.9. Como Servo vitorioso – reassumirá a plenitude da sua divindade e imporá na terra o direito. Direito que garante a salvação a todos os povos, raças, tribos e nações. Uma vez que o Evangelho – a boa nova da salvação - será levado até aos confins da terra (v.4).

E como para não deixar dúvidas a respeito da veracidade deste plano da salvação através do “meu Servo”, Deus Pai faz um solene juramento. Invoca sua divina Criação do Universo (v.5). Assim como o Universo é uma realidade (Sl 19.1), a obra redentora do “meu Servo” está consumada integralmente pela sua obediência (v.6). Assim ele, “o meu Servo”, é o mediador da nova aliança (1 Tm 2.5; Hb 8.6; 9.15; 12.24). Ele é a Luz para todos os povos, luz que lhes ensina o caminho da salvação. Pela fé neste seu sacrifício os gentios verão a salvação (Evangelho), e serão libertos das crenças supersticiosas, dos falsos credos (Jo 8.12). A profecia messiânica encerra assim com a “Ordem da Grande Comissão” do AT, levar a luz para os gentios (v.6), renovada depois no dia da Ascensão de Jesus (Mt 28.19,20), pelo “Ide”, isto é, levar o evangelho até aos confins da terra. Resumindo: primeiramente a missão do “meu Servo” era como substituto de todos os homens, salvar pela sua morte e ressurreição a humanidade pecadora, e, segundo, levar esta mensagem da salvação e “abrir os olhos aos cegos, tirar da prisão o cativo e do cárcere aos que jazem em trevas” (v.7). Uma clara alusão ao objetivo de Deus: a conversão dos gentios, de todas as raças, tribos e nações (Lc 2.32; Gl 3.14; Ef 3.6).

O Deus Triúno apresenta o Messias profetizado: “Eis aqui o meu Servo”:

- 1 – Como promulgador do direito
- 2 – Como mediador da nova aliança
- 3 – Como luz para os gentios

Walter O. Steyer
São Leopoldo, RS

SEGUNDO DOMINGO APÓS EPIFANIA

Isaías 49.1-7
20 de janeiro de 2002

CONTEXTO GERAL

A partir do capítulo 42, o profeta nos traz quatro profecias relativas ao “Servo do SENHOR”. Essa expressão ocorre com frequência nas Escrituras, especialmente em Isaías 40 a 66.

Ela é usada tanto no singular quanto no plural, em relação aos piedosos, a homens de Deus, a profetas, ao povo de Israel. Mas, segundo o testemunho do Novo Testamento, na maior parte das vezes ela se refere a Cristo.

É um texto com caráter epifânico pois é revelação de Cristo e seu ofício a favor de todos os povos.

TEXTO

Em nosso texto, ela é a Segunda das quatro profecias de Isaías referentes ao Messias.

V.1 – O Servo do SENHOR é apresentado no ato de falar. Ele começa apelando aos habitantes das “terras do mar” (ilhas) e “povos de longe”; duas figuras que representam o mundo todo, para que o ouçam. O que ele tem a dizer é de importância vital para todos, também para o mundo gentílico.

Ele fala de sua vocação e chamamento pelo SENHOR, antes mesmo de seu nascimento. O cumprimento literal dessa profecia pode ser encontrado em Mt 1.20-23.

V.2 – Aqui o Servo do SENHOR descreve a forma como foi equipado e preparado para seu ofício. O SENHOR fez a sua boca “como uma espada aguda”, o que significa que sua palavra é poderosa e penetrante, ou seja, sua ação é cirúrgica e terapêutica a nível interior, no coração humano.

Essa função salvadora se complementa pela figura da “flecha polida”, igualmente instrumento penetrante. Assim o Servo é instrumento nas mãos do SENHOR pelo qual Ele, o SENHOR, penetra o coração das pessoas.

Note-se que o Servo está “escondido” e “guardado” – que tanto pode significar o ocultamento do Servo aos olhos humanos antes da fase pública e visível de sua vida e ministério, como o ocultamento aos que não o vêem com os olhos da fé legítima. Ambas indicam que sua revelação aos corações é ação de Deus, no tempo de Deus.

V.3 – “Tu és meu servo, és Israel por quem hei de ser glorificado”. Somente e graças ao cumprimento do ofício do “Servo do SENHOR” – o Messias, é que Israel também é servo e, como Ele, instrumento de glorificação de Deus.

V.4 – A queixa do Servo é em função da rejeição à sua pregação por Israel. Mas o Servo confia no SENHOR e se consola e se fortalece com o pensamento do que está preparado para Ele por seu Deus (cf. Hb 12.2). Nisto Ele é um exemplo também para aqueles que servem sob suas ordens (cf. Rm 4.8).

Vv. 5-6 – Aqui o caráter epifânico da profecia fica evidente, e pode ser o texto base para a pregação. Além de reforçar o caráter original de sua vocação, que é “restaurar as tribos de Jacó e tornar a trazer o remanescente de Israel”, o SENHOR a amplia estendendo-a também aos gentios. É o novo Israel, centralizado sob o governo do Servo. Esse novo povo não precisa de delimitações territoriais e de reis humanos, pois vive sob o reinado do Servo. Neste sentido, a restauração de Israel (povo/nação) não tem a ver só com uma existência nacional e territorial, mas espiritual também. Israel, o rebanho que se afastou do pastor, e se espalhou, desviando-se pelo caminho (Is 53.6), mediante o ensino e pastoreio do Servo é reconduzido ao seu Pastor e à sua vocação original. A volta dos exilados à Palestina acarreta um abandono da terra dos gentios e seus costumes (o espírito deste mundo (cf. Rm 12.1,2), com uma conseqüente perda de benefícios ali desfrutados, a fim de viver diante da face do SENHOR.

O Servo vem libertar e restaurar Israel para ser parceiro na missão do Servo aos gentios. Sem esse enfoque de revelação aos gentios, a restauração de Israel “é pouco” (v.6).

O Servo é glorificado, honrado e exaltado por Israel, quando esse participa de sua missão global.

PROPOSTA HOMILÉTICA

Tema: “O Servo do SENHOR nos liberta e restaura para sermos parceiros na sua missão para o mundo.

- Assim como o Servo confia e se alegra na recompensa do SENHOR, que lhe está reservada, também nós suportaremos as dificuldades da missão e a cumpriremos confiantes e alegres, porque no SENHOR está nossa força, nossa recompensa, nossa alegria.

BIBLIOGRAFIA:

- RIDDERBOS, J. *Isaías: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1986.

*João Carlos Tomm
São Leopoldo, RS*

TERCEIRO DOMINGO APÓS EPIFANIA

Isaías 9. 1-4
27 de janeiro de 2002

CONTEXTO

Isaías fora profeta entre o povo de Judá, reino do Sul, quando os assírios exerciam poderio sobre muitas nações vizinhas, inclusive destruíam Israel, o reino do Norte, em 732 a.C. A grande potência Assíria era ameaça constante e quase iminente. Não obstante o perigo que os cercava e, agora, a profecia clara e concreta de invasão, Isaías tinha uma forte mensagem de esperança e consolo, a saber, que aquela mesma região apresentaria ao mundo o seu Salvador, o Deus dos séculos, soberano sobre tudo e todos.

O significado do nome de Isaías: “Deus é Salvação”, reflete com saber o clímax da mensagem que partilharia àquele povo.

TEXTO

Comentários de Kretzmann sobre o texto de Isaías 9.1-4:

V. 1 – “Mas para a terra que estava aflita não continuará a obscuridade”: A terra agora oprimida com escuridão e aflições, será liberta da sua opressão. “Deus, nos primeiros tempos, tornou desprezível a terra de Zebulon e a terra de Naftali”: Este país, a oeste e noroeste do mar da Galiléia, havia sofrido severamente de invasões gentílicas em épocas anteriores. “Mas, nos últimos, tornará glorioso o caminho do mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios”: Por isso, nos últimos tempos Ele lhe trará honra. O significado disso, de alguma maneira, envolvia sentença, isto é, que os habitantes da alta e baixa Galiléia, incluindo também as partes densamente habitadas em ambos os lados do mar da Galiléia, iriam primeiro sofrer severamente dos invasores assírios e outros, havendo uma referência especial a Tiglat-Pileser IV (2 Rs 15.29), mas deveriam mais tarde, nos tempos do Messias, ser escolhidos para honras especiais por ter o Salvador devotado tanto tempo para a sua libertação.

- V. 2 – “O povo que andava em trevas”: Especificamente estes mesmos habitantes da Galiléia dos gentios, estes que foram oprimidos com escuridão espiritual. “Viu grande luz”: O Profeta falando como sendo a boca do eterno e o onisciente Deus, antevê o período messiânico como algo presente, tão certo é o cumprimento da promessa de Deus. “E aos que viviam na região da sombra da morte”: Na escuridão do gentilismo. “Resplandeceu-lhes a luz”: Especificamente aquela luz da salvação, das maravilhosas bênçãos espirituais do Salvador. Como o evangelista mostra em Mateus 4.12-17, esta profecia cumpriu-se literalmente durante o ministério de Jesus na Galiléia, quando ele fez de Cafarnaum o seu quartel general, e de lá iniciou as suas jornadas, não somente através da Galiléia, mas também para o leste do Jordão.
- V. 3 – “Tens multiplicado este povo”: Assim o profeta se dirige ao Senhor num hino direto de louvor, pois Ele, começando na Galiléia, estendeu o círculo de crentes nele até a sua igreja estar espalhada por todo mundo. “A alegria lhe aumentaste”: A referência mais uma vez se remete aos tempos de grande tristeza e infortúnio debaixo das condições gentílicas. “Alegram-se eles diante de ti, como se alegram na ceifa”: Quando os festas sacrificiais eram comidas por adoradores cheios de gratidão (Dt 12.7; 14.26). “E como exultam quando reparam os despojos”: Depois de uma campanha vitoriosa contra os seus inimigos.
- V. 4 – “Porque tu quebraste o jugo que pesava sobre eles”: A escravidão espiritual com a qual as pessoas estavam subjugadas. “A vara que lhes feria os ombros”: A referência é ao bordão que o que cuidava dos escravos usava para bater no escravo. “E o cetro do seu opressor”: Com o qual as pessoas eram mantidas em sujeição. “Como no dia dos midianitas”: Jz 7.15-22. Assim como o Senhor, no tempo de Gideão, havia libertado Israel da pressão dos midianitas, de modo miraculoso, assim ele efetuou a libertação da escravidão eterna, da escravidão espiritual, assim o Messias venceu todos os inimigos da humanidade e agora divide os despojos com os crentes em todos os lugares.

LEITURAS DO DIA

Considerando o tema maior, o de Isaías, podemos relacionar as leituras assim:

SALMO

Salmo 27.1-9:

“A companhia de Jesus traz NOVAS PERSPECTIVAS de confiança e segurança, tanto nesta quanto na outra vida, a eterna”.

EPÍSTOLA

1 Coríntios 1.10-17:

“Paulo lembra a NOVA PERSPECTIVA que Jesus, na cruz, apresentou aos seus fiéis sobre divisão: unidade nos atos de amor e perdão”.

EVANGELHO

Mateus 4.12-23:

“Jesus deu NOVA PERSPECTIVA ao arrependimento e discipulado, e a pregou”.

PROPOSTA HOMILÉTICA

Este esboço tem base nos comentários de Kretzmann:

Tema: “Jesus, Uma Nova Perspectiva”

- Liberta do pecado e aliados, v.1
- Aponta caminho iluminado e seguro, v.2
- Torna o coração alegre e agradecido, v.3
- Dá vitória sem fim, v.4

Roberto Kunzendorff Júnior
Porto Alegre, RS

QUARTO DOMINGO APÓS EPIFANIA

Miquéias 6.1-8

3 de fevereiro de 2002

CONTEXTO

Tempo de Epifania é ainda tempo de Natal e continuamos a ser iluminados pelos lampejos da Estrela e pelo esplendor do Sol da Justiça. Miquéias, profeta do 8^o séc. a.C., anuncia a boa-nova do nascimento em Belém-Efrata daquele “que há de reinar em Israel” (cap. 5). Mas, nesse ínterim, o povo não acredita na boa-nova e até duvida (não lembra) dos atos de justiça que o SENHOR promovera na história e vida desse povo. Numa atitude de amor, Yahweh quer um encontro com o povo para esclarecer as dúvidas e restabelecer as relações.

ESTUDO DO TEXTO

A perícope divide-se em três partes distintas: nos vv. 1-2, o SENHOR convoca uma sessão do tribunal; nos vv. 3-5, Yahweh apresenta Sua ações na história do povo de Israel; nos vv. 6-8 acontecem perguntas e respostas. Esta subdivisão poderia servir de estrutura para o sermão.

Os vv. 1-2 pintam o quadro de uma sala de júri em que se esboça um julgamento. A palavra hebraica ריב aplica-se a um julgamento público, aberto, em que há testemunhas. Os montes, outeiros e fundamentos da terra são convocados para serem testemunhas. Eles já o foram na ocasião em que Yahweh estabeleceu a Sua aliança com Israel (Dt 32.1; Js 24.27; Is 1.2), numa demonstração de importância cósmica, universal, para o evento. Estes elementos da natureza serão imparciais no julgamento e, por outro, têm testemunhado em silêncio a infidelidade do povo de Deus. Embora haja uma controvérsia, ריב, Yahweh continua a chamar Israel de עמי, “meu povo”, com ênfase intencional não apenas para indicar que Ele tem o direito de entrar em controvérsia com o povo como também pretende afiar a consciência de Israel, apontando para a sua eleição. “Meu povo” na teologia do AT sempre implica uma abordagem em aliança e, portanto, carinhosa, paterna. O SENHOR apresenta-se como um pai que tem o coração triste pela rebelião (cf. v. 7, פשע) de seus filhos, mas que deseja com amor reconduzi-

los a si. Para evitar a acusação direta ao povo, O SENHOR até se submete primeiro ao julgamento, buscando alguma evidência passível de erro nele mesmo. “Que tenho feito? E com que te enfadei?” O verbo לָאָה no Hiphil significa tornar alguém cansado, cansar a paciência de alguém seja por exigência demasiada (Is 43.23) ou descumprimento de promessa (Jr 2.31). As perguntas de Yahweh, ao fim e ao cabo, se tornam perguntas retóricas que visam despertar um “não” na mente daqueles que o ouvem. As palavras de defesa têm a força de uma acusação implícita ao outro lado.

A história de Israel (e a nossa!) é uma história de manifestação da graça de Deus. O maior ato gracioso de Deus em favor do seu povo fora o Êxodo que, no AT, é um acontecimento investido de tamanho significado como a cruz e a ressurreição o são para o NT. O episódio do Êxodo (v. 4), portanto, tipifica a vitória de Cristo na Páscoa. Os personagens mencionados lembram ao povo de Deus hoje que Deus continua a vocacionar profetas, líderes, sacerdotes, profetisas que, como Moisés, Arão e Miriam, dedicam-se a, com as bênçãos de Deus, indicar ao povo o caminho da Terra Prometida.

No v. 5, Israel (o reino do Sul, chamado pelo nome de batismo) é convidado a lembrar-se de determinados eventos na sua história da salvação. Este lembrar não significa um exercício de memória como se o povo se preparasse para prestar um exame de história. “Lembrar” designa atualizar o impacto da ação de Deus na história passada de Israel para a geração atual. Segundo o livro de Números, o rei de Moabe e os anciãos de Midiã uniram-se num desesperado esforço de impedir que Israel chegasse à Terra Prometida. O desespero chega ao extremo de contratarem Balaão para amaldiçoar Israel e desviá-lo de seu propósito, seduzindo-o (Nm 31.16). Mas a maldição, Deus a transformou em bênção. Foi por pouco. Entre Sitim, onde ocorreu esta ameaça (último acampamento de Israel na Transjordânia) até Gilgal (primeiro acampamento na Terra Prometida) acontece, evidentemente, o milagre da passagem pelo rio Jordão – um marco que deverá ser repassado aos filhos e para que “todos os povos da terra conheçam que a mão do SENHOR é forte” (Js 4.19-24). Estes são os, em síntese, צדקות יהוה, os “atos de justiça” ou, antes, “atos de salvação” de Yahweh para com o Seu povo.

Há um silêncio entre o v. 5 e os vv. 6-7. Deus aguarda a reação de Israel. O silêncio é quebrado por uma reação que é esperada: a reação da *opinio legis*. É a reação do ser humano no seu lado *peccator*, no seu lado não regenerado: O que eu devo fazer? A pergunta: O que é necessário eu fazer para recuperar meu status diante de Deus é formulada a partir de elementos puramente humanos e pagãos. O que, enfim, preciso dar para

Deus? Minhas riquezas em quantidade cada vez maior? Quem sabe o que me é mais precioso – meu primogênito – mesmo que o meu nome desapareça da terra? Mas, não é por esse caminho. Nem Israel, nem nós, nem ninguém pode propiciar a Deus senão o próprio Deus.

Homileticamente, é preciso notar que há uma elipse entre os vv. 7 e 8. O verbo “declarou” está relacionado a uma experiência histórica onde os atos salvíficos de Deus se manifestam a Seu povo. Neles está implícito o evangelho, sublinhado na expressão “o que é bom”. Termos como “justiça”, “misericórdia” e “humildade” são termos da aliança, comuns em todo o AT, e que são resultados da eleição de Deus, ou seja, frutos da ação de Deus em nosso batismo pelo Espírito Santo. Logo, a pergunta certa – e que pode ser o tema do sermão – é: “O que Deus tem feito para a nossa salvação?”

Acir Raymann

ÚLTIMO DOMINGO APÓS EPIFANIA - TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS

Êxodo 24. 12, 15-18
10 de fevereiro de 2002

CONTEXTOS

- **Histórico-teológico:** O livro do Êxodo pode ser considerado como a constituição do povo de Israel, tratando da organização de sua vida social e religiosa, de sua construção nacional, tendo origem no pacto feito por Deus com Abraão cf. Gn 15 e 17. É composto de duas partes. A primeira, caps. 1-18, narra a formação e redenção do povo de Deus, sua formação enquanto povo e seu salvamento e proteção até a formação da teocracia. A segunda parte, caps. 19-40, narra a instituição da aliança e a lei ética e profética de Deus, sendo a lei inteira um “treinamento para Cristo”, até a presença permanente daquele que traz a nova aliança. (Cf. Mesquita e Lange).
- **Histórico-litúrgico:** A dedicação da igreja da transfiguração, no Monte Tabor, foi provavelmente a primeira celebração da Transfiguração de Jesus. No nono século foi celebrada em igrejas espanholas, alemãs e italianas. Foi somente no ano de 1457 que toda a igreja ocidental a incorporou no calendário. Dois colegas de Lutero, Johannes Bugenhagen e Veit Dietrich, usando os textos do relato em seus sermões, introduziram a celebração da festa no último Domingo depois da Epifania. O batismo e a transfiguração de Jesus são manifestações (epifanias) presentes e futuras de Jesus, assemelhando-se à sua primeira epifania aos magos do Oriente.
- **Teológico-litúrgico:** A transfiguração de Jesus Cristo é relatada em Mt 17.1-8, Mc 9.2-9 e Lc 9.28-36, textos utilizados rotativamente na série trienal. O evento tenciona mostrar para Jesus como o filho amado de Deus que traz palavras importantes, às quais se deve prestar ouvidos (Mt 17.5). A epístola de 2 Pe 1.16-21 confirma o cumprimento deste propósito, nas palavras de uma testemunha ocular do evento. Os dois elementos de destaque são: “nós mesmos somos testemunhas oculares de sua majestade” (v. 16b) e “temos [...] tanto mais confirmada a

palavra profética” (v. 19a). No Salmo (2.6-12), Deus declara que todos os reis e autoridades terão que curvar-se diante do Filho, que estabeleceu como regente de todas as coisas. Quanto ao nosso texto para pregação, trata-se de uma confirmação da primeira aliança, mediada por Moisés para Israel. Há paralelos em relação ao texto de Mateus (veja acima), no qual a nova aliança é mediada por Jesus para os discípulos, que representam a nova Israel. Como na transfiguração, o propósito da teofania no AT foi preparar o povo para ouvir atentamente as palavras de Deus (v. 12). Note a “nuvem” (que aparece quatro vezes em vv.15-18) da “glória” de Yaweh (que aparece duas vezes em vv. 16-17). Assim, todos os textos deste Domingo preparam o povo de Deus para ouvir sua palavra de graça e boas novas, ditas pelo seu filho. (Cf. Dickerson e Gerken).

TEXTO

Explicação e meditação

V. 12 – “dar-te-ei [...]a lei, e os mandamentos”: por um lado a tarefa de Moisés foi a de receber a lei, e ser dela o mediador; por outro, recebeu a incumbência da construção do tabernáculo. São duas formas fundamentais de legislação. A lei, originalmente instrução oral, é dada por escrito por Yahweh para ser novamente transformada em viva instrução para o povo pela boca do profeta.

V. 15-18 –A nuvem simultaneamente revelava e escondia a glória de Yahweh. Seu significado assemelha-se à coluna de nuvem no deserto. Lange traz belas analogias quando diz que no sétimo dia, Moisés entra na presença de Deus como através do fogo da justiça perfeita de Deus, cf. Hb 12.18,29, ou dos relâmpagos da espada incandescente do Querubim, Gn. 3, para receber a lei de Deus como fogo, Dt 33.2, que perpassa a história de Deus neste mundo protegida pela escuridão da nuvem e pela luz do fogo, Sl 18.8-13; Is 6.2-4; Sf 1.15; Zc 14.7; Ml 4.1; Mt 24.29; 2 Pe 3.10; Ap 18, para santificar o povo através de juízo e libertação, e preparar a reconstrução do velho mundo. Quando Moisés “desapareceu” dentro da nuvem por quarenta dias, onde teve a visão do tabernáculo, a imagem da presença de Deus, o povo imaginou que ele tivesse perecido no terror da montanha. Pode-se aqui desenvolver uma reflexão sobre o significado simbólico de períodos especiais na vida do povo de Deus. Vejamos ocorrências sobre “40 dias” na Bíblia:

O juízo do dilúvio: Gn 7.17.

A presença de Moisés diante de Deus na montanha: Êx 24.18.

A intercessão de Moisés para seu povo: Dt 9.25.

Os espias dos israelitas em Canaã: Nm 9.25.

Elias foi alimentado “do alto”: 1 Rs 19.8.

A tentação de Jesus no deserto: Mc 1.13.

A comunhão dos discípulos com Jesus: At 1.3.

No evento do presente texto, Deus fala ao povo numa aliança através de Moisés. No evento de Cristo e sua transfiguração fica claro que agora Deus fala a todos os seres humanos através de seu filho numa nova aliança, que é universal: “a ele ouvi”, diz o Pai, falando de seu filho (Mt 17.5). Ouvindo-o, teremos vida em abundância, provinda da comunhão com o Pai e o Espírito Santo, que compartilhamos com ele. Sua voz nos chama a uma nova existência, sua voz chama a um novo Reino, capaz de destruir as forças anti-Reino do egoísmo, fanatismo, opressão, terrorismo, exploração, ódio, indiferença, capaz de transformar a realidade do “homo lupus homini” (o homem é o lobo do homem) numa realidade onde um cuida do direito e bem-estar do outro. Por isso,

DISPOSIÇÃO

A voz de Cristo, que somos convidados a ouvir, com Elias, Moisés e os discípulos:

- é poderosa: Ap 1.15;
- é convincente: At 9.4;
- dá vida: Jo 11.43;
- é convidativa: Mt 11.23;
- é consoladora: Jo 11.23,25,26;
- é orientadora: Jo 10.27-28;
- nos chama para a comunhão: Ap 3.20.

ILUSTRAÇÃO

Transfiguração: “Bom é estarmos aqui”

Num final de tarde, um garoto de cinco anos subiu numa árvore grande num parque. Quando havia chegado quase ao topo, ele olhou para baixo para ver o quanto conseguira avançar em altura. Pânico! Ele agarrou o primeiro galho e segurou-o firme como sendo sua vida. Paralisado pelo medo, não conseguia mover-se para descer da árvore. Durante 30 minutos ficou agarrado ao galho. Quando chegou o resgate, um homem subiu na árvore. “Não olhe para baixo”, disse. “Olhe para mim. Continue olhando simplesmente para meu rosto”. Quando os olhos do garoto fixaram o rosto do bombeiro, ele conseguiu relaxar o bastante para que este o trouxesse para baixo são e salvo. Quando nós estamos paralisados pelo medo, angústia, preocupação ou amargura, fixamos nossos olhos no salva-vidas, “olhando firmemente para Jesus”, Hb 12.2, (Cf. *CPR* vol 6, part 1, 1996, 12), e ouvindo sua voz.

Para finalizar, lembre de explorar, para a edificação da comunidade, a importância da *pregação* profética e evangélica e a *comunhão sacramental* com Cristo.

Literatura

- Dickerson, D. When We Listen to Him. *CPR* vol. 8, part 1, 1998, 47-48.
- Gerken, O. You Are There. *CPR*, vol. 6, part 1, 1996, 47-49.
- Jamieson, R. et alii. *Comentario Exegetico y Explicativo de la Biblia*. Vol. I. El Paso, TE – Buenos Aires: CBP – JBP, s.d.
- Koch, A. We Are Being Transformed into the Lord's Likeness. *CPR*, vol. 7, part 1, 1997, 43-44.
- Lange, J.P. *A Commentary on the Holy Scriptures*. Exodus, Leviticus. Ph. Schaff, trad. Grand Rapids 2, Michigan: Zondervan, s.d. (1a ed. 1874).
- Lobien, G. The Bare-Faced Truth. *CPR*, vol. 4, part 1, 1994, 48-49.
- Mesquita, A. N. *Estudo no Livro de Êxodo*. Rio de Janeiro: Juerp, 1979.

Manfred Zeuch
Canoas, RS

PRIMEIRO DOMINGO NA QUARESMA

Gênesis 2.7-9, 15-17; 3.1-7

17 de fevereiro de 2002

CONTEXTO

Gn 2, embora alguns sugiram ser um relato da Criação paralelo a Gn 1.1-2.3, é na verdade um complemento específico sobre a criação do ser humano, e como tal encontra-se organicamente ligado aos capítulos 3 e 4, onde se narra a corrupção do gênero humano. É importante notar que, colocado após o relato da criação do cosmo, Gn 2 encontra-se sob a luz de Gn 1.31: “eis que tudo era muito bom”.

Gn 3 tem um papel importante na narrativa dos primórdios (Gn 1-11), já que introduz a ruptura entre a perfeição da criação divina (Gn 1-2) e a crescente maldade humana (Gn 4-11), que resiste ao castigo (morte, maldição, dilúvio, divisão) e não cede mesmo diante da graça (4.15; 6.8; 8.21 etc.). Como um todo, Gn 1-11 introduz a aliança com Abrão e o povo de Israel, a partir de Gn 12.

TEXTO E COMENTÁRIO

V. 7 – יָצַר – Aqui, ao contrário de 1.27, não é dito que Deus criou o ser humano, mas que formou-o do pó da terra. O particípio יָצַר significa oleiro, artesão, e pode enfatizar tanto a autoridade do criador sobre a obra quanto a relação afetiva entre ambos. Neste texto, claramente se trata de ressaltar o caráter afetivo da criação do ser humano por Deus, e não a soberania deste sobre aquele (cf. Is 43.1,21; Sl 139.14-16). Deus forma o ser humano e sopra (נָפַח, cf. Ez 37.9) nele o fôlego de vida, de modo que o ser humano passa a ser alma que vive. No decorrer dos capítulos 2 e 3 serão contrastados o dom da vida, vindo de Deus, e a morte, consequência da rebelião contra Deus e do afastamento da relação afetiva com o criador em busca de independência.

V. 9 – Mais uma vez a bondosa providência de Deus para com o ser humano é enfatizada através dos adjetivos aqui usados: todas as ár-

vores plantadas no jardim e colocadas à disposição do ser humano eram agradáveis à vista e boas para alimento.

O termo נִחְמָד, é usado também em Pv 21.20, exatamente em referência ao tesouro guardado pelo sábio e desperdiçado pelo insensato. Quanto a נָבוֹב comum no AT, é usado especialmente em relação a Deus (Sl 118.1; Mc 10.18). O texto provê ao leitor pistas mais do que suficientes para avaliar a ação de Adão e Eva, que, em busca de conhecimento e diante da aparência agradável do fruto proibido, rebelam-se contra Deus. Com isso desprezam o dom da vida e da providência divina, descobrem-se insensatos ao invés de sábios, e passam a ter conhecimento do mal, ao invés do bem.

V. 9 – Estas duas árvores simbólicas do versículo 9 representam duas realidades opostas. Vida e conhecimento do bem e do mal estão em pólos opostos: Deus concedeu ao ser humano o primeiro dom, e aconselhou-o a não buscar o segundo – exatamente por que tal escolha implicaria a troca do dom divino da vida pela morte.

V. 17 – Ordenar, dar ordens, também faz parte do Evangelho. A lei, em seu primeiro e segundo usos, destina-se a pecadores, não a quem não conhece o pecado, como era o caso de Adão e Eva. A quem está sob a graça, a lei vem sempre em seu terceiro uso - como norma, instrução através da qual a comunhão com Deus é desfrutada em sua plenitude.

Cap 3. vv 4-5 – Certamente não morreréis! A palavra de Deus é contrariada e declarada equivocada. Pode o conhecimento trazer a morte? A voz da serpente ecoa ainda hoje em nossa sociedade. O próprio lema da bandeira do Brasil - Ordem e Progresso - é uma máxima positivista, doutrina filosófica segundo a qual o conhecimento sempre traz progresso e bem-estar. Basta olhar para as transformações ocorridas no último século, período em que o conhecimento da humanidade cresceu em ritmo exponencial, para perceber a falácia da teoria positivista.

O conhecimento é sempre neutro, podendo levar ao bem ou ao mal. Pode servir para beneficiar a muitos, ou para privilegiar alguns poucos. Em nossa sociedade, conhecimento é sinal de poder, monopólio tecnológico e científico, controle sobre outras pessoas que passam a ser dependentes de quem detém o conhecimento. Como tal, o conhecimento nem sempre é dom de Deus, mas muitas vezes é o fruto que cobiçamos para tentar nos igualar a Deus (פְּאִלְיָהוּ).

O conhecimento sobre a genética humana é apenas um exemplo de como Adão e Eva continuam sendo repetidos em nosso meio - que maravilha

podermos brincar de Deus! Escolher a cor dos olhos, altura, traços físicos, aptidões orgânicas de nossas crianças! Poderemos, porém, dar felicidade a essas crianças? Poderemos garantir que elas serão gratas por nossas escolhas? Que tipo de preconceitos e discriminações guiariam essas escolhas? Não se esconde por trás desse empreendimento a rejeição de pessoas portadoras de síndromes ou deficiências, pessoas de determinados traços fisionômicos, sexo, cor da pele, etc.?

Ter conhecimento não significa saber usá-lo. Adão e Eva descobriram isto tarde demais. Quando seus olhos se abriram, perceberam que o único conhecimento que lhes faltava anteriormente era o de sua nudez. A nudez, símbolo de vergonha em todas as sociedades, inclusive no Israel antigo, aponta para a indignidade da criatura diante de Deus. Conhecer o bem e o mal, o dom tão cobiçado que a árvore no centro do jardim oferecia, simplesmente fez com que Adão e Eva tomassem conhecimento de sua nudez, e do amor de Deus, que não lhes imputava culpa alguma. Descubrem que eram felizes e não o sabiam. Agora, como aprendiz de feiticeiro, o ser humano não consegue parar a maldição desencadeada pela desobediência, pela cobiça da glória divina.

A Palavra de Deus seguidamente nos lembra que o temor de Deus é o princípio da sabedoria. Esta sabedoria sobrepassa qualquer conhecimento humano, uma vez que não apenas nos informa sobre o bem e o mal, mas nos capacita a evitar o mal e andar pelo caminho do bem, o caminho traçado por Deus para nós. Este caminho, como a Escritura ensina, é o próprio Jesus Cristo. Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Não é nos afastando dos caminhos que Deus nos indica no Evangelho de Jesus Cristo que encontraremos a verdade e a vida, como pensaram Adão e Eva. Sabemos que este caminho é loucura e escândalo para o mundo, mas seguimos firme por ele, com o auxílio do Espírito Santo, pois Jesus Cristo é o poder de Deus para a nossa salvação. Graças a Deus que esta mensagem ainda soa, vindo incansavelmente ao nosso encontro. Que Deus nos ensine e ajude a resistir à tentação de buscarmos outros caminhos, ainda que aparentemente sejam mais planos, sábios e promissores.

PROPOSTA HOMILÉTICA

A verdade e a vida - onde encontrá-los?
Nos caminhos que nos afastam de Deus?
Não! Ouvindo o conselho gracioso de Deus:
Jesus – Ele é o caminho, a verdade e a vida.

*Gerson L. Flor
Windsor, ON, Canadá*

SEGUNDO DOMINGO NA QUARESMA

Gênesis 12.1-8

24 de fevereiro de 2002

CONTEXTO

- a – Histórico: (Veja-se primeiramente o cap. 11.26-32) . Trata-se da vocação de Abraão, chamado por Javé, primeiramente da terra de Ur e depois de Harã, para ir em direção da terra de Canaã. Abraão partiu por ordem de Javé. Conforme Josué 24.2 e 3, Abraão deixou a sua terra para se livrar da idolatria reinante entre a sua “parentela”, a fim de conservar-se fiel a Javé. Há uma mudança radical na vida de Abraão, que leva consigo sua esposa Sarai e seu sobrinho Ló, muitos rebanhos e posses, pois era homem muito rico. Abraão rompe radicalmente com os costumes e com a religião de sua parentela para servir ao único e verdadeiro Deus e Senhor.
- b – Litúrgico: Quaresma é tempo especial de romper com velhos costumes e passar por uma constante “metanoia”, uma volta em arrependimento a Deus. Diariamente somos chamados e vocacionados para deixarmos a nossa velha natureza pecaminosa para trás e vivermos conforme a nova natureza que Deus mesmo nos dá. Somos igualmente vocacionados para sermos uma bênção.

TEXTO

Vv. 1-3 – Na história da Salvação, desde os primeiros registros, Javé é o agente, é ele quem toma a iniciativa e é ele quem fala, chama e promete abençoar. “Disse o SENHOR”- A mesma palavra criadora de Javé é a que chama para estabelecer o seu reino, o seu plano gracioso para salvar toda a humanidade. “Deixa a tua terra e vai...” – Ur, e posteriormente Harã, são mencionados como sua terra e de seus parentes. Tudo isso deveria ser deixado para trás. A parte que cabe a Abraão é resumida numa única ordem: “Deixa ... e vai”. É um chamado com autoridade, e muito duro para ser atendido, envolvendo “sangue, suor e lágrimas”. Por outro lado, a parte que cabe a Javé é expressa nos futuros: “De ti farei uma grande nação, e te abençoarei e te engrandecerei o nome”. – O Senhor tem muito mais para dar do que para pedir a Abraão. Fica também evidente que o que o Senhor requer de Abraão exige fé e coragem, “deixar o conhecido e trocar pelo desconhecido”.

do” (Hb 11.8), e ver a sua recompensa naquilo que não viveria para ver, ou seja, uma grande nação. Segue outra recomendação: “Sê uma bênção” - A função de Abraão é ser um veículo de bênção para as pessoas de sua casa, de seu convívio e para o mundo todo. Não se trata apenas de uma função como pai, esposo ou patrão, fazendo o bem aos que o cercam, mas sendo representante do próprio Senhor, sendo seu mensageiro, seu escolhido. O versículo 3 exprime a idéia de que a descendência de Abraão deverá ter uma missão benéfica no seio das nações. Estar com Abraão, ou melhor, com o Deus de Abraão, significa ser abençoado. Amaldiçoar a Abraão e ao seu Deus, significa privar-se daquelas bênçãos. A culminância desta bênção dá-se em Jesus Cristo, o descendente que há de abençoar (salvar) todas as famílias da terra.

Vv. 4-8 – A idade de Abraão é mencionada como mais um sinal de como Deus pode e quer abençoá-lo, mesmo que ainda não tivesse filhos. Deus promete um lugar a Abraão e, especialmente, promete estar com ele nessa terra. Tipologicamente, esta terra é muito mais do que um lugar geográfico; pode-se dizer, primeiramente, que toda a terra é herança dos filhos de Deus e, especialmente, a pátria celeste é essa terra prometida. “Edificou um altar... e invocou o nome do SENHOR”. - Enquanto que sua parentela edificava altares para invocar o nome de deuses falsos, Abraão edificou altares para invocar o nome do Senhor. É como se fixasse uma bandeira no coração da terra prometida e dissesse que o mando do Senhor impera em toda a parte: como ameaça aos que nada querem saber dele e como bênção e proteção aos que nele confiam.

APLICAÇÕES HOMILÉTICAS

- a – Deus chama com o propósito de abençoar;
- b – A resposta ao chamado implica “metanoia”;
- c – Viver com o SENHOR é ser uma bênção no lar, no trabalho e na sociedade;
- d – Somos chamados a erguer altares ao Senhor num mundo que ergue altares a deuses falsos;
- e – Temos a garantia da terra prometida como Dom de Deus.

SUGESTÃO DE TEMA E PARTES

O SENHOR NOS CHAMOU:

- I – Para nos mostrar o seu caminho
- II – Para nos abençoar
- III – Para engrandecer o nosso nome no livro da vida
- IV – Para nos tornar uma bênção.

TERCEIRO DOMINGO NA QUARESMA

Isaías 42.14-21
3 de março de 2002

CONTEXTO LITÚRGICO

No ponto mais alto da Paixão de nosso Senhor, “o véu do santuário se rasgou em duas partes, ...tremeu a terra, fenderam-se as rochas, abriram-se os sepulcros e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram” (Mt 27.51,52); tudo para espanto de todos os que viram o fato.

O Terceiro Domingo na Quaresma já teve o nome de OCULI (Olhos). Este é então o “Domingo dos Olhos”. As leituras indicadas para o Domingo apontam para os olhos. O tema das leituras tem a ver com os olhos, com o ver ou enxergar.

Quaresma é tempo mais que oportuno para a pregação de arrependimento; arrependimento do mal, para que no Dia do Senhor, ao vermos os gloriosos feitos dEle, não vejamos um Cristo Justo-Juiz, mas um Cristo Salvador-Amoroso. Porém, o propósito da pregação com vistas ao arrependimento não deve ser o mais importante no período da Quaresma. O primeiro e mais nobre propósito da Quaresma é oferecer ao povo oportunidades para contemplar os eventos centrais do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo: Seu sofrimento e Sua morte vicários, por causa do pecado de todos os homens.

LEITURAS DO DIA

O Salmista demonstra profunda confiança no SENHOR porque Ele conhece a sua vereda e os Seus olhos estão sobre ele (Sl 142). Na Epístola (Ef 5.8-14) Paulo nos lembra que nós estávamos nas trevas do pecado, trevas que são comparadas à morte no versículo 14. Mas Cristo mudou esta história. Cristo, que é a luz, nos iluminou, para que pudéssemos estar despertos, para que outros pudessem ver a luz de Cristo. Em João 9 Jesus dá a visão a um cego de nascença. Ele abre os olhos cegos de um homem, para que este homem possa ver. Cristo não somente traz a eterna luz espiritual para a vida humana, mas Ele também mostra-se compadecido com a realidade física daquele cego de nas-

cença. Igualmente poderíamos dizer de forma inversa: Jesus não apenas cura a cegueira física, mas Ele verdadeiramente aponta para Si, como sendo Aquele que tira pessoas das trevas espirituais.

CONTEXTO

O capítulo 42 de Isaías é parte integrante do texto que forma o conhecido “Evangelho do Antigo Testamento” ou “O Livro da Consolação”. Alguns chamam esta parte da obra de Isaías de “A libertação de Israel: antecipação da libertação final do pecado”. Duras pregações de juízo, ao lado de confortadoras palavras de esperança formam os capítulos 40 e 41. Nosso texto é antecedido pelo anúncio do Servo do SENHOR e de seus atos salvíficos. A mescla de Juízo e Graça segue-se também a partir da perícope que focamos.

TEXTO

Nos versículos 10-13 é o profeta que fala. A partir do versículo 14 o SENHOR passa a falar. No versículo 13 o profeta fala de forma abreviada da ira do SENHOR. No versículo 14, especialmente na Segunda metade, o próprio SENHOR diz com detalhes como porá sua ira em ação: “darei gritos como a que está de parto, ofegarei e estarei esbaforido”.

Se nos vier a pergunta sobre o que vem a ser o significado dessas expressões, a resposta aparece já na seqüência, no v. 15: “os montes e outeiros devastarei, e toda a sua erva farei secar; tornarei os rios em terra firme, e secarei os lagos” (e essa linguagem descreve algo que é bem visível aos olhos!). O SENHOR não dirige sua ira contra seus inimigos, mas a direciona a uma destruição da natureza.

Um detalhe interessante: aqui é prometida uma destruição da natureza, por sua vez, em 41.18 lê-se o oposto; lá fala-se de uma “transformação de desertos em fontes de água e da terra seca em mananciais” (seria isso o efeito da mesma pregação: lei para aqueles e evangelho para estes? Parece que sim; afinal, “a Palavra que sai da boca do SENHOR não volta para Ele vazia”).

Osvalt escreve: “Os elementos a serem destruídos, descritos no v. 15, não representam homens ou instituições humanas ou nações, mas são imagens de tudo o que é sólido e seguro sobre a terra. Como tal podem ser compreendidos de diferentes maneiras: nada pode obstruir a vinda de Deus com salvação (40.4); nada é tão triste ao ponto de não se alegrar na salvação de Deus (55.12); nada é tão seguro a ponto de poder escapar do juízo de Deus (2.14; 41.5; Mt 24.35); nada é tão certo como o amor de Deus (54.10). O que está sendo exaltado aqui é o absoluto poder do SENHOR

sobre a criação. Ele pode tornar os jardins dos poderosos em desertos, e pode tornar os desertos dos desfavorecidos em jardins (34 – 35)” (Osvalt. *The Book of Isaiah* - 40-66; Pg 126).

O versículo 16 é Boa Nova, essência evangélica. As palavras são da boca do próprio SENHOR.

Alguns destaques:

- והולכתִי – hifil de הלך - “caminhar”. Portanto, o Senhor causará andar: “Eu causarei andar”. Toda a caminhada da Igreja é causada pelo SENHOR. Foi assim no Êxodo. Foi assim nas idas e vindas exílicas. Foi assim com Jesus à frente de seus apóstolos. Foi assim com a Igreja Apostólica e com a Primitiva: o mundo atrás, perseguindo, matando, mas o Senhor adiante, causando seu caminhar. E ainda é assim hoje com toda a Igreja Cristã: através da Palavra – lida, pregada, ouvida, vivenciada, repartida - , da consolação fraterna dos fiéis e da participação e vivência dos mistérios do Batismo e da Santa Ceia o Senhor está causando a Igreja caminhar.
- עִוְרִים (עָוָר) – “cegos”. No versículo 7 nos é dito que o Servo do SENHOR abrirá os olhos cegos. No capítulo 35 v. 5 está a promessa de que “serão abertos os olhos cegos”. Em João 9 vemos Jesus Cristo abrindo olhos físicos (“lavou-se e voltou vendo”) e os olhos espirituais (“se este homem não fosse de Deus, nada poderia ter feito” 9.33). Em nós esses olhos foram abertos para que pudéssemos ver o Rei (Is 33.7), e manter o nosso olho firme no Servo que abriu-nos os olhos da fé (Hb 12 – Texto de onde é extraído o Gradual para o Domingo Oculi).

Para Osvalt, cegos aqui “não são os literalmente cegos, mas cegueira é simbólica para a falta de condições para percorrer o caminho. Pessoas cegas podem saber caminhar sozinhas quando estão em territórios familiares; mas quando estão em terreno desconhecido – um caminho que eles não conhecem – eles não podem caminhar sem um guia. E isso é exatamente assim conosco, seres humanos, ao menos que Deus nos tome pelas mãos para livrar-nos das conseqüências de nossos pecados, nós estaremos perdidos. Por isso é importante voltarmos nosso olhar para 42.7 onde o SENHOR diz que o Servo do SENHOR libertará os cegos. Sendo assim, o Servo do SENHOR é O guia”.

- בְּנִיבוֹת (בְּנִיבָה) “veredas”, “curso de vida”. O mesmo substantivo que aparece no Salmo 119.105, onde a “Tua Palavra é luz que ilumina

as nossas veredas”. A mesma vereda que o SENHOR conhece (Sl 142.3). Veredas que foram oferecidas ao povo, mas que ele não quis seguir (Jr 6.16). Curso de vida no qual os ímpios não conseguem permanecer (Jó 19.8). Em todas as épocas, mas de forma especial na Quaresma, o pregador convida a Igreja a olhar para a vereda que Cristo seguiu rumo à cruz.

Ao menos que sejamos guiados pelo SENHOR, estaremos envolvidos numa idolatria vergonhosa (v.17), tão vergonhosa que até conseguimos fundir imagens e esculturas e depois dizer que essas são os nossos deuses. Cegueira total. Não uma simples miopia, mas cegueira de verdade, é assim a idolatria contemporânea a Isaías.

Em 42.7 está a declaração de que o Servo do SENHOR irá abrir os olhos cegos. Logo, o Servo no v. 7 não pode ser nenhum outro senão o Messias, Aquele que perguntou se era possível “um cego guiar a outro cego”. No v. 19 a expressão “meu servo” é claramente a nação de Israel. Israel é cego; portanto, não pode percorrer “um caminho que não conhece”. O servo do SENHOR precisa da ação do Servo do SENHOR. A Igreja precisa do Guia que abre os olhos, ou seja, lidera a caminhada.

PROPOSTA HOMILÉTICA

1 – Penso que o culto todo, especialmente o sermão, pode girar em torno do tema ver, visão, cegueira. 2. Emocionados vemos o Servo do SENHOR e Seus feitos por nós. 3. Temos muitas coisas para ver, mas olhemos o mais importante: o Servo do SENHOR.

*Nestor Duemes
Goiatuba, GO*

QUARTO DOMINGO NA QUARESMA

Oséias 5.15-6.2

10 de março de 2002

O CONTEXTO

A pregação de Oséias é de uma intensidade raramente atingida na Escritura. O seu matrimônio e a nomeação dos seus filhos e filhas em função da sua pregação atinge dimensões que hoje não tem paralelos. O chocante desta imagem ainda mais se agudiza quando precisamos dimensionar a realidade que a vida e a obra do profeta figuram: a relação de Deus com os seus escolhidos, o seu povo.

Fica a impressão de que, por causa dessa intensidade de imagens na pregação de Oséias que até não haja ambiente para descrevermos do púlito a figura do profeta e a sua relação com a mulher e filhos. Isso talvez seja indício que nos permita algumas reflexões sobre a nossa concepção de pecado e graça em nossos dias.

Se, por um lado, nos tempos atuais estamos sendo conscientizados da carga de significados muitas vezes preconceituosos de muitas frases e palavras, os tempos atuais também parecem impor aos pregadores e outras figuras públicas a utilização de um vocabulário que empalidece e enfraquece o sentido daquilo que necessita ser expresso.

Certamente o discurso de Oséias nada tinha de “politicamente correto”. Certamente haveria quem o considerasse grosseiro, simplório e até ofensivo a Deus, à mulher, ao ministério profético. Mas ele aí está a desafiar-nos a falar do pecado e do juízo, bem como do perdão e da salvação de tal maneira que as pessoas efetivamente saibam do que se trata quando Deus tem algo a dizer.

Talvez queiramos entender que o pecado de Israel, do povo do Norte era merecedor deste tipo de linguagem. Talvez queiramos entender que a época exigia esse nível de comparações. Creio que essa reflexão se faz necessária quando examinamos a maneira como hoje descrevemos o contraste entre pecado e graça, lei e evangelho, promessa e castigo.

O TEXTO

Nesse texto o profeta declara a graça de Deus que espera até que se reconheçam culpados e busquem a face de Deus.

As pessoas não costumam conhecer Deus dessa maneira. Em geral, Deus é descrito como aquele que observa para julgar e condenar. Oséias aponta para um Deus diferente. Um Deus que vê a maldade em toda a sua dimensão, nada escondendo, não empregando frases que soem politicamente corretas. Deus dá nome à maldade, ao roubo, à ingratidão e chama a infidelidade à sua mensagem de prostituição. O profeta desse Deus fala uma linguagem clara. Tão clara e contundente que ostenta na sua vida pessoal a ilustração da prostituição, da infidelidade e da traição para dizer que o povo de Deus se tornara infiel.

Aqueles que ouviram e viram Oséias certamente ficaram chocados. Na sociedade pluralista em que vivemos, com tantas formas alternativas de vida, de pensamento e de moralidade e ética, em que procuramos construir espaços de convivência harmoniosa, é de se perguntar se isso não resulta num enfraquecimento e numa falta de clareza do que realmente deveríamos estar dizendo aos nossos parceiros sociais. Qual é o Deus que fala através de nós? Será que o Deus de Oséias não está sendo amordaçado em nome do politicamente correto, do educado e do apropriado?

Deus se retira (5.15) para o seu lugar até que . . . Deus dá um tempo, à espera do reconhecimento do arrependimento e do retorno do seu povo, que lhe foi infiel. Uma ausência que pune o povo porque essa ausência significa retirada do apoio e da proteção. Mas também pode ser a ausência que revela paciência e que dá tempo ao arrependimento. Faz lembrar também a atitude o pai dos dois filhos na parábola. O pai que espera o retorno do filho perdido confia em quê? Na clareza e na contundência da palavra de lei presente na decadência inevitável do filho rebelde. Mas acima de tudo, confia na clareza da mensagem de amor e perdão que a casa do pai irradiava como uma luz ao alcance permanente para chamar ao retorno à casa e à comunhão plena.

Deus pode esperar porque a palavra, quando fiel, jamais volta vazia. A palavra de denúncia e condenação, que não se deixa enfraquecer ou intimidar pelo espírito da época. Mas que por isso mesmo é tão mais viva e intensa em assegurar que o pior povo é o povo mais amado, o povo, como o filho, mais esperado e mais bem-vindo.

Vinde - E assim como no episódio do filho perdido, a clareza da mensa-

gem frutificará. Essa é a confiança que Deus tem em função da atividade do seu profeta Oséias. O povo vai dizer: Vinde. A palavra do profeta os descrevera claramente. Eles sabiam que o seu pecado, sua situação era claramente conhecida. Não tinham ilusões. Pois fora para eles mesmos que ele anunciara: onde se dizia: ‘Vós não sois meu povo’, se lhes dirá: ‘Vós sois meu povo’.”

A palavra do evangelho do perdão e da graça de Deus, anunciado com clareza e convicção, foi acolhida ao ponto de ser agora uma palavra de poder para vencer o orgulho, o medo do castigo, a confrontação, certos de que Deus os reconhece como filhos.

E viveremos diante dele. - É a vida plena. Vida não somente de sobreviventes, mas vida de quem voltou ao lar e foi instituído como filho e herdeiro.

Essa vida está presente na permanente revelação e confirmação da graça de Deus em palavra e sacramento. Porque não há abominação pior aos olhos de Deus do que transformar seu Evangelho e anunciar uma salvação prostituída pela justiça humana.

SUGESTÕES PARA UTILIZAÇÃO HOMILÉTICA

Tema: *Vinde e tornemos ao Senhor*

Porque somente ele nos dá força

Porque somente na sua força podemos estar em pé

Porque somente ele nos faz viver

Tema: *Esperemos pelo regresso do Senhor*

Mesmo que ele tenha se ausentado de nós

Somente a sua presença pode nos devolver a vida.

Paulo P. Weirich

QUINTO DOMINGO NA QUARESMA

Ezequiel 37.1-3(4-10) 11-14

17 de março de 2002

CONTEXTO

Ezequiel vivia na Babilônia junto ao rio Quebar quando se “abriram os céus e eu tive visões de Deus” (1.1). Provavelmente, era um lugar perto da cidade de Nipur, que era uma espécie de campo de concentração povoado por israelitas deportados, que eram usados em trabalhos forçados no sistema de irrigação da Babilônia. Fora deportado junto com o rei Jeoaquim em 597. Tinha uma casa que chama de sua (8.1). Foi chamado a tornar-se profeta 5 anos depois da sua deportação (1.2).

O livro do profeta Ezequiel é mais caracterizado por *experiências visionárias* do que os outros livros proféticos. Tinha certas peculiaridades no comportamento (surdez, estado prolongado na mesma posição corporal 3.24-27; 4.4-8).

Os 48 capítulos do livro têm um plano muito claro que pode ser dividido nos seguintes segmentos:

1-3: Visão inaugural

4-21: Ameaças contra Judá, tanto aos que foram deportados quanto aos que permaneceram na Palestina após 597.

25-32: Contra as nações estrangeiras

33: Notícias da queda de Jerusalém

34-48: Promessas messiânicas.

TEXTO

Vv.1-3: Num estado de êxtase em que o profeta foi transportado para dentro do seu íntimo, desligado das coisas a sua volta, ele viu e andou em torno de uma enorme sepultura na qual os corpos e ossos não estavam cobertos. Ezequiel pode observar tudo com muito cuidado e detalhes (ossos sequíssimos, v.2), até porque os ossos estavam espalhados por toda superfície do vale, da sepultura. E o Senhor perguntou ao profeta: será possível a olhos humanos imaginar que esses ossos poderão ser restaurados e reviver? Ao que Ezequiel respondeu: “SENHOR Deus, tu o sabes” (v.3), deixando a resposta para seu todo-poderoso Deus e Senhor, para o qual nada é impossível e no qual os

fiéis depositam toda sua confiança, certos de que o Senhor manifestará todo seu poder e proezas na hora oportuna e a seu tempo.

Vv. 11-14: Evidentemente que todo processo descrito nos vv.4-10 não se refere à ressurreição dos mortos em geral, de toda humanidade. Refere-se, magnificamente, à restauração do povo de Deus no seu sentido ideal e perfeito. Os israelitas que retornariam dos quatros cantos da terra, na medida em que fossem fiéis, mais uma vez formariam o núcleo da igreja de Deus, na qual mais tarde seriam incluídos todos os crentes de todas as partes do mundo.

... *são toda a casa de Israel* (v.11), os que propriamente foram incluídos no povo de Deus, o Israel espiritual.

... *Eis que abrirei a vossa sepultura ... vos farei sair... e vos trarei...* (v.12), uma forma de considerar as cidades onde viviam como “sepulturas”. Serão abertas, ou seja, vocês serão levados à terra de Israel, ao lugar onde poderão usufruir, na sua plenitude, bênçãos espirituais da parte do Senhor.

...*Eu sou o SENHOR...*(v.13) para ficar estabelecida e fortemente arraigada a convicção de que Yahweh era verdadeiramente o Deus da aliança.

...*Porei em vós o meu Espírito...* (v.14), o fôlego da vida com o poder do Espírito Santo.

Poder-se-ia perguntar: a doutrina da ressurreição dos mortos no dia derradeiro tirou a sua figura do vale de ossos secos, ou esse vale de ossos secos são uma figura da ressurreição dos mortos no dia derradeiro? Essa pergunta é inoportuna, pois tanto uma como a outra são obra poderosa e misericordiosa de Deus.

Na verdade, esse texto bíblico, mesmo não sendo uma prova direta a respeito do ensino da ressurreição dos mortos, fornece uma exuberante figura, ou pré-figura, sobre a forma pela qual nosso Senhor Deus chamará todas as pessoas de volta à vida no último dia.

PROPOSTA HOMILÉTICA

O nosso Deus é, verdadeiramente, o Deus da Aliança:

- mesmo transformados em “ossos sequíssimos” por causa da desobediência, do pecado;
- nosso Deus, o Deus da Aliança, restaura os seus e os reúne na sua santa Igreja;
- todos seremos ressuscitados no dia derradeiro para estarmos reunidos para sempre com o Senhor.

DOMINGO DE RAMOS - DOMINGO DA PAIXÃO

Isaías 50.4-9b

24 de março de 2002

CONTEXTO

Com o Domingo de Ramos inicia-se a Semana Santa, por isso, este Domingo também é chamado de Domingo da Paixão. As leituras dão-nos a oportunidade para refletir sobre toda a Paixão de Cristo, de certo modo antevendo tudo o que está para ocorrer durante a Semana Santa. Normalmente, neste Domingo, é feito um contraste entre a humilhação e a exaltação de Cristo, contudo o objetivo primeiro deveria ser: buscar um preparo adequado para a semana que inicia.

AS LEITURAS DO DIA

O Salmo 92 é um hino de gratidão a Deus por causa de sua fidelidade no cumprimento de todas as promessas feitas a seu povo fiel. Deus é fundamento sólido, Deus é Rocha, sobre a qual vale a pena edificar.

A epístola de Filipenses 2.5-11 apresenta o amor do Servo de Deus por nós. Ele se humilhou, se esvaziou completamente de sua glória, tornando-se servo até à cruz, para salvar a humanidade. Por isso, também foi exaltado por Deus a fim de que todos reconheçam nele o Salvador.

O Evangelho do Domingo, Mateus 26.1-27.66 na sua apresentação mais longa, ou Mateus 27.11-54 na sua apresentação mais breve. Na sua apresentação mais longa são apresentados os acontecimentos da semana que culminaram na morte e crucificação de Jesus, enquanto que a apresentação mais breve restringe-se aos acontecimentos da Paixão propriamente dita. Contudo, o evangelho do dia mostra como Deus, em Cristo, se humilhou para a salvação de todas as pessoas.

TEXTO

V. 4 – A profecia apresenta o próprio Servo de Deus, Jesus Cristo, falando de seus atributos, sentimentos e missão. “Língua de eruditos” representa uma pessoa versada na arte da oratória. Por isso, é cor-

retamente dito a respeito de Jesus: “Jamais alguém falou como este homem” (Jo 7. 46). Para poder dizer uma boa palavra ao cansado, ou seja, para aquele que é espírito contrito e quebrantado (Mt 11.28). “Para ouvir como os eruditos” – para ter a correta compreensão espiritual da vontade do Senhor e para também poder andar em obediência a essa vontade (Salmo 40.6-8)

V. 5 – “O Senhor Deus me abriu os ouvidos”: para ouvir voluntariamente e com alegria. “E eu não fui rebelde, não me retraí”: nem mesmo quando a sua alma estava tão triste até a morte e a sua natureza humana estava trêmula por causa da severidade das aflições que sofreu, em nenhum momento houve rebeldia contra a vontade de Deus e muito menos desistência. Isto tudo porque Deus é quem lhe tinha aberto os ouvidos (Sl 22.12-21; 1Pe 2.22). Quando Deus nos abre os nossos ouvidos para a sua Palavra, quando o Espírito Santo toca os corações há força, coragem e vontade para fazer a obra do Senhor.

V. 6 – “Ofereci as costas aos que me feriram”: palavras que se referem aos terríveis castigos a que ele foi submetido na sua grande paixão conforme relatados no evangelho do dia. “E as faces, aos que me arrancavam os cabelos”: de acordo com o ensinamento de Jesus nos evangelhos, se refere a uma oferta voluntária, a um sofrimento, ao qual uma pessoa se submete para alcançar um objetivo maior: a paz. “Não escondi aos que me afrontavam e me cuspiam”: Jesus aceitou toda aquela zombaria blasfema e todas aquelas afrontas e castigos com o mesmo espírito de humildade divina que o caracterizou durante todo seu sofrimento.

V. 7 – O Servo de Deus sabia e conhecia a quem estava servindo, o Senhor, todo-poderoso Jeová, que assiste a alma do seu Servo com provas retumbantes do passado. Por que, então, a vergonha, se o Deus da aliança o ajuda? – A ajuda do Senhor manteve-o de sucumbir em vergonha e miséria.

“Por isso, fiz o meu rosto como um seixo”: Assim recebia toda zombaria com o poder conquistador de sua vontade inabalável.

“E sei que não serei envergonhado”: por causa de tudo isso, vinha esta sua absoluta certeza: a sua obra finalmente traria seu efeito.

V. 8 – “Perto está o que me justifica”: a sua inocência seria estabelecida no grande dia do julgamento. “Quem contenderá comigo?”: haverá

alguém, por acaso, disposto a lançar alguma argumentação contra este trabalho do Servo de Deus? – A culpa de toda humanidade estava realmente sobre ele, mas na sua própria pessoa ele sempre foi o santo de Deus, a quem nenhum homem poderia convencer de pecado. “Apresentemo-nos juntamente”: todos vamos ter que nos apresentar diante do tribunal do Todo-Poderoso juiz do universo. “Quem é o meu adversário?”: deixe aquele que é contra, e acha que tem um argumento convincente contra o Messias, dar um passo à frente. “Chegue-se para mim”: é um desafio provocante que o servo de Jeová coloca pelo fato de ter certeza de sua inocência.

V. 9 – “Eis que o Senhor Deus me ajuda”: este é o maior argumento para garantir a vitória: se o Senhor está do nosso lado, quem poderá nos derrotar? “Quem há que me condene?”: o mesmo é verdadeiro a respeito do Servo de Deus que cumpriu, com perfeição absoluta, tudo aquilo que era necessário para a salvação, ou seja, quem poderá trazer alguma acusação que seja substancial?

SUGESTÃO HOMILÉTICA

Tema: O Servo de Deus que serve perfeitamente a Deus e aos homens

I – Serve a Deus

- a) preenchendo o Seu maior desejo: salvar a humanidade
- b) cumprindo as Suas promessas
- c) serviço perfeito

II – Serve aos homens

- a) sofrendo em seu lugar
- b) morrendo por eles
- c) serviço perfeito

*Mario Lehenbauer
Porto Alegre, RS*

SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

Oséias 6.1-6

29 de março de 2002

CONTEXTO

Oséias profetizou no reino do Norte, que, naquela época (8º séc. a.C.), estava no auge do seu poder. Jeroboão era o Rei, e tinha aumentado em muito suas fronteiras. A prosperidade material do país era grande. Contrastando com a glória externa, havia uma grande corrupção moral, pois a idolatria era aberta. O povo da terra esqueceu-se dos mandamentos de Deus e seguia outros deuses.

As profecias de Oséias levaram estas condições em conta. Por isso, várias partes de seu livro são severas advertências ao povo. Oséias expõe os pecados desse povo, falando de sua infidelidade para com Deus e sua idolatria grosseira – um verdadeiro adultério espiritual. Mas há também mensagem de esperança e restauração, da parte de Deus para o povo.

A perícopre deste fim de semana contém estes dois aspectos. Após a severa condenação da idolatria no cap. 5, o cap. 6 inicia com uma doce palavra evangélica. E, nestes 6 versículos, lei e evangelho são alternados, “casando” muito bem com o dia, a sexta-feira santa.

CONTEXTO LITÚRGICO

Os textos do dia falam do sacrifício realizado por Cristo. Ele suportou tudo – humilhação, tortura, zombaria, desprezo. Obedeceu até o fim para tornar-se o autor da salvação. Foi crucificado e completou a sua obra com fidelidade. Realizou até o fim o sacrifício da salvação.

Entretanto, Oséias diz que Deus não quer sacrifícios, e sim, misericórdia. Parece que Jesus enganou-se. Não precisava fazer tudo isso. Bastava ter amor, misericórdia, e teria agradado a Deus...

TEXTO

Destacamos os versículos 3 e 6.

V. 3 – “Conheçamos e prossigamos em conhecer o SENHOR”. Segundo o Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento [L. Laird Harris, Gleason L. Archer Jr. e Bruce Waltke], Oséias utiliza a palavra “conhecimento” especialmente no sentido de que o conhecimento de Deus deriva daqueles acontecimentos históricos em que Deus revelou-se às pessoas. “Esse conhecimento deve ser ensinado a outros. Exercitar o juízo e a justiça, e julgar a causa do necessitado é conhecer a Deus (Jr 22.15-16). Por outro lado, onde não há nenhum conhecimento de Deus, existe o perjúrio, a mentira, o homicídio, o roubo, o adultério, a quebra de todos os limites (Oséias 4.1-2)” (p.599).

O convite, desde o v. 1, é nesse sentido. O povo está em miséria espiritual, é idólatra, está longe de Deus, o traiu, adulterando com outros deuses. Abandonou sua Lei. Mas esse Deus está disposto a sarar esta ferida. Ele revigorará e levantará. Ele enviará o Messias que será o restaurador, que sarará a ferida e fará com que todos aqueles que confiam nessa promessa “vivam diante dele” (v.2).

Por isso, o conhecimento de Deus torna-se fundamental. Pelo visto, o profeta constatou que o povo já não mais conhecia seu Deus. Seu coração andava longe, atrás de outras idéias. Deus convida para tornar-se para Ele e para tornar a Conhecê-lo.

V. 6 – “Pois misericórdia quero, e não sacrifícios; e o conhecimento de Deus mais que holocaustos”.

As duas traduções para conhecimento na NTLH não parecem ser as melhores. Não estão erradas, mas parecem não dar o sentido abrangente do termo hebraico. “Vamos nos dedicar mais e mais ao SENHOR” (v.3) e “eu prefiro que meu povo me obedeça” (v.6) deixam a ênfase apenas no campo das atitudes, deixando implícito demais o fato de que obedecer e se dedicar passam pelo conhecer mais profundo, o saber, o reconhecer a Deus em Sua Palavra e em seus feitos. Parece que o povo até estava “se dedicando”, em parte, e “obedecendo”, uma vez que os sacrifícios eram trazidos e leis cerimoniais eram cumpridas, pelo menos em parte.

O profeta dirige-se ao centro da mente e do coração do povo. Sua mente e coração estavam desviados dos princípios corretos da Palavra de Deus. Estavam vivendo ao sabor do momento, deixando-se levar por sentimentos passageiros, seguindo deuses e idéias “da moda”, que aparentemente causavam satisfação, mas que eram o caminho mais perto para se ir mais longe de Deus. Isso é demonstrado pela comparação com o orvalho, que “cedo passa”.

Deus quer fidelidade a princípios. E isso custa caro. Custa lutar contra o velho homem. Custa conhecer e prosseguir em conhecer. Custa colocar as atitudes e os sacrifícios na perspectiva da fé, do amor, da bondade. Custa ter misericórdia e conhecimento. Custa tão caro que o ser humano não tem dinheiro para pagar.

Por isso que Jesus Cristo pagou. Por isso que Ele morreu e ressuscitou. Por isso que Ele apresentou seu sacrifício na cruz, tornando-se o autor da salvação. Seu sacrifício brotou de um coração cheio de misericórdia (רַחֲמִים), cheio de conhecimento de Deus – na verdade, Ele era o próprio Deus! Por isso seu sacrifício foi valioso. Por isso, não foi uma nuvem da manhã ou o orvalho da madrugada – foi o sol, que continuará presente até o fim dos tempos.

PROPOSTA HOMILÉTICA

O amor – o sacrifício – o conhecimento – a liberdade para amar!

Há uma frase que diz: só o conhecimento garante a liberdade.

O povo de Israel era escravo por não ter conhecimento.

Ainda hoje, quem não tem conhecimento é escravo. Mesmo que se esforce ao máximo (sacrifícios), jamais agradará a Deus.

Jesus morre na sexta-feira santa. Pagou o alto preço da nossa liberdade, preço que não podíamos pagar. Sacrificou-se por amor/misericórdia, para nos dar o conhecimento de Deus, pela fé. Para nos dar acesso a Ele. Para nos dar liberdade do pecado e para nos mostrar que o ser humano não “aplaça a ira” de Deus com sacrifícios, mas é alvo do Seu amor mediante a fé, para crescer no conhecimento de Deus.

E este conhecimento nos garante a liberdade. A liberdade dada por Deus para amar! E, a partir do amor, os sacrifícios (oferta) tornam-se aceitáveis a Deus.

*Lucas André Albrecht
Campo Bom, RS*

A RESSURREIÇÃO DO SENHOR - DIA DA PÁSCOA

Atos 10.34-43

31 de março de 2002

O contexto imediatamente anterior ao texto deste dia memorável mostra-nos o apóstolo Pedro na praia de Jope, na casa de Simão, o curtidor. O apóstolo ora com frequência. Que se passa por seu espírito? Quantas dúvidas ainda sobem ao seu coração? Jesus Cristo deve ser anunciado somente aos judeus, ou também aos gentios?

Enquanto Pedro se hospeda em Jope, em Cesaréia o centurião romano Cornélio tem uma visão mais ou menos às 15h, hora costumeira de oração (“cerca da hora nona do dia”, cf. 10, v.3). Nessa visão um anjo de Deus lhe diz que suas orações foram ouvidas, suas esmolas observadas, e que o desejo de ouvir mais sobre o evangelho seria atendido. “Agora, envia mensageiros a Jope e manda chamar Simão, que tem por sobrenome Pedro”, diz o anjo (10, v.5).

No dia seguinte, enquanto os mensageiros de Cornélio (dois empregados e um soldado piedoso a seu serviço, cf. 10, v.7) viajavam a Jope, era a vez de Pedro ter uma visão.

Por volta do meio-dia (“hora sexta”, 10, v.9), Pedro subiu ao eirado (piso superior da casa de Simão), com o propósito de orar. Sentindo fome, pediu que lhe preparassem algo para comer.

Enquanto aguardava a comida, o Senhor fez que tivesse uma visão. Pedro viu o céu aberto e algo parecido com um grande lençol que vinha baixando para a terra, sustentado pelas quatro pontas. No seu interior quadrúpedes, répteis, aves dos céus, cujas carnes eram consideradas impuras para Israel desde os tempos antigos. E surpreendentemente a voz de Deus soou, dizendo-lhe: “Levanta-te, Pedro! Mata e come” (10, v.13).

Tendo-se negado a fazê-lo, argumentando inclusive com a regra milenar da impureza de tais comidas, mais uma vez Pedro é surpreendido pela voz de Deus que lhe diz: “Ao que Deus purificou não consideres comum” (10, v.15). Por três vezes o fato se repetiu na visão de Pedro.

Perplexo!

Esta palavra resume bem a situação. Pedro simplesmente não sabe o significado disso. Uma regra estabelecida pelo próprio Deus há tantos séculos simplesmente agora não existe mais. Mas por quê? Meu Deus, como posso comer o que foi proibido a nossos pais há tanto tempo? Pedro haveria de compreender o que jamais entendera em toda a sua vida.

Enquanto medita nisso, ainda sob o impacto da visão, os mensageiros de Cornélio chamam por ele junto à porta de Simão. Imediatamente o Espírito Santo lhe diz para não duvidar de nada do que irá ouvir daqueles homens “porque eu os enviei” (10, v. 20). Então Pedro simplesmente vai com eles para Cesaréia.

Certamente ali haveria de encontrar uma grande platéia. Toda a casa de Cornélio, amigos, talvez até alguns soldados do batalhão da chamada Coorte Itálica II, sob seu comando na Síria daquele tempo, seus serviçais, soldados da guarda pessoal. Enfim, uma grande platéia de gentios!

Agora, diante de todos, tendo ouvido e percebido que aquele momento era da vontade do Senhor, finalmente compreende o sentido da visão que tivera. Revela-nos isto a primeira frase de seu sermão: “Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável” (10, vv.34,35).

Assim, pela primeira vez diante de uma platéia composta apenas por gentios, Pedro pode ter a consciência tranqüila e, com grande convicção, anunciar-lhes JESUS! No v. 36 afirma-lhes que este evangelho que anuncia é “evangelho da paz, por meio de Jesus Cristo” – e sinaliza que “este é o Senhor de todos”.

Em seguida, Pedro retoma as partes principais do ministério de JESUS, desde seu início na Galiléia, discorrendo sobre o batismo de João, que preparou caminho nas mentes e corações de todos para a chegada do Messias, na unção do Espírito Santo, no poder conferido a JESUS de Nazaré – e que pode ser notado em todo o bem que ele fez, na cura a todos os oprimidos do diabo, em toda a sua obra de redenção entre os judeus.

Pedro conclui que de todas estas coisas ele e os apóstolos constituem testemunhas, e que finalmente os judeus o crucificaram. E então anuncia solenemente a maior manchete da história: “A este ressuscitou Deus no terceiro dia e concedeu que fosse manifesto, não a todo o povo, mas às

testemunhas que foram anteriormente escolhidas por Deus, isto é, a nós que comemos e bebemos com ele, depois que ressurgiu dos mortos; e nos mandou pregar ao povo e testificar que ele é quem foi constituído por Deus Juiz de vivos e de mortos” (10, vv.40-42).

O apóstolo deixa claro que não se trata de um discurso qualquer, mas da proclamação de uma palavra poderosa de Deus que pode mudar para sempre o destino de todos os que ali estão para ouvir aquela mensagem.

Interessante é notar o contraste entre o “e nos mandou pregar ao povo” (do v. 42) e o “não a todo o povo” (do v. 41). Deus não se revelou a todo o povo. Ele escolheu alguns como fiéis depositários de sua palavra profética. Mas ordenou que esta palavra fosse, isto sim, anunciada a todo o povo, sem qualquer exceção! E isto constituía nova compreensão para Pedro.

Ainda mais quando, examinando o contexto posterior, até a conclusão do capítulo 10, Pedro e os que o acompanharam de Jope perceberam que sobre aquela platéia de gentios fora derramado o dom do Espírito Santo. Não poderia mais haver qualquer sombra de dúvida para a igreja acerca de quais nações deveriam constituir-se objeto direto do amor de Deus: à humanidade toda! Cristo queria ser CRISTO PARA TODOS... e isto o Espírito Santo deixara claro para Pedro e para a igreja.

Cumpria-se assim o que JESUS prometera pouco antes de subir aos céus – que o Espírito Santo faria os discípulos recordarem-se de tudo o que haviam aprendido e que igualmente conduziria a igreja pelo caminho da verdade.

Todos nós, pelo mistério da fé cristã implantada em nossos corações, somos igualmente testemunhas destas verdades bíblicas. A fé em Cristo nos projeta para dentro da história do povo de Deus, e nos chama à responsabilidade de compartilhar a **MAIOR MANCHETE DA HISTÓRIA: ELE VIVE!**

Aquele que morreu, mas agora eis que vive, nos diz: **EU VIVO! VÓS TAMBÉM VIVEREIS! AQUELE QUE VIVE E CRÊ EM MIM, AINDA QUE MORRA, TORNARÁ A VIVER... VIVERÁ PARA SEMPRE!**

A Bíblia relata sobre fatos de ressurreição!

O filho único da viúva de Sarepta, por Elias. A filha de Jairo, o filho único da viúva de Naim, e Lázaro, por JESUS. Dorcas, também chamada Tabita, moradora de Jope, por Pedro. O jovem Êutico, por Paulo.

Igreja Luterana - nº 2 - 2001

Fatos de ressurreição! E sobre todos estes, a ressurreição do próprio Salvador JESUS!

Pedro anunciou com ousadia a ressurreição de JESUS, de Nazaré. Semelhante notícia de ressurreição da própria carne, ocorrida com alguém que se mantinha vivo, jamais houvera sido anunciada! Pedro diz: Eu vi. Meus companheiros também viram! Nós comemos e bebemos com ele, após a sua ressurreição!

Imaginem a mesma mídia da guerra voltando-se para a notícia da PAZ!

A Missão de Deus, permanente Desafio da Igreja, esteja encarnado em cada um de nós!

Às vezes sinto vontade de propor que a palavra PÁSCOA seja escrita com “Z”: “PAZCOA!”

Simplemente porque ELE (JESUS) É A NOSSA PAZ.

*Vilson Regina
Porto Alegre, RS*

SEGUNDO DOMINGO DE PÁSCOA

Atos 2. 14a, 22-32

7 de abril de 2002

CONTEXTO

Para nós que conhecemos a mensagem da Páscoa seria um desperdício não a divulgar. Obviamente, não por méritos próprios, mas certamente pelos méritos e benefícios que a mensagem da Páscoa nos proporciona.

Atos, a partir de suas páginas iniciais, demonstra este interesse: proclamar a certeza da ressurreição de Cristo e tornando esta certeza em algo pessoal. Desde 1.8, texto este que de certa forma estrutura o livro de Atos, a intenção de Jesus é de que o mundo conheça a mensagem da Páscoa. E esta divulgação começa em Jerusalém. E é com Pedro que se tem o ponto inicial.

Não podemos esquecer um ingrediente a mais neste texto: a presença do Espírito Santo, que dá testemunho eficaz da verdade da Páscoa.

TEXTO

V.14a – Observar que a fala de Pedro se dá como quem tem autoridade.

Almeida coloca em termos de “chamar a atenção”, mas a idéia por trás nos sugere que a atitude de Pedro é caracterizada por uma palavra “oficial”. O Espírito de Deus está por trás destas palavras.

Vv. 22-24 – “Israelitas” contrasta com “Judeus” do v. 14. Por que Pedro muda o nome de seus interlocutores? Talvez por uma questão estratégica com o que irá dizer mais adiante. Mas, no primeiro momento ele lembra de um personagem bem conhecido, que andava entre eles. “Jesus, o Nazareno”, melhor entendido como proveniente de Nazaré. Esta identidade de Jesus é usada com frequência em Atos e nos Evangelhos. Ele era bem conhecido pelos seus atos (e não por sua mensagem): a essência de Jesus, Deus, é demonstrada em seus atos – sinais e maravilhas são a base da argumentação usada até Atos 15.12 para identificar Jesus (ver mais 2.19, 22, 34; 4.30; 5.12; 6.8; 7.36; 14.3). Quando identifica seus ouvintes como sendo os autores da morte deste que fizera sinais e maravilhas, inclui não só os israelitas

(talvez aqui a razão: Israel representa todos os descendentes de Jacó, não só os judeus, mas também nazarenos e samaritanos), mas os gentios romanos (“os iníquos” ou aqueles que não têm a Lei). Na realidade, mesmo que o ato tenha sido cometido por algumas pessoas, ele é universal – todos são culpados pela morte de Jesus. Mas esta ação não é casual – ela já estava preparada pelo próprio Deus. Aqui Pedro lembra seus ouvintes do próprio texto bíblico – Deus já havia determinado a morte de Jesus muito antes dela acontecer. E a vontade de Deus foi além – além da morte, há outro ingrediente presente – a ressurreição, que “quebrou os laços da morte” (Sl 18.4-5; 116.3). Se Jesus ficasse na morte, o plano de Deus teria sido ineficaz.

Vv. 25-28 – Aqui há uma exegese do Salmo 16.8-11. Pedro diz que o texto não descreve Davi, mas sim Jesus. Este salmo é messiânico, sendo Davi apenas uma figura dentro deste reino que escreve estas palavras. Jesus é descrito com termos que nos sugerem eternidade, poder, vitória e vida. São termos que nos remetem à ressurreição do corpo, que acontecera há alguns dias atrás (50) com Jesus.

Vv. 29-32 – Aqui Pedro confirma a sua exegese anterior. Davi, como mero homem, era lembrado, pois o seu túmulo estava entre eles. Enquanto que os atributos de Cristo nos levam à eternidade, os atributos de Davi são apenas passageiros, que nos trazem lembrança. Pedro conclui com a razão da existência do cristianismo na terra: testemunha ocular ou testemunha de fé. Tanto faz.

APLICAÇÕES HOMILÉTICAS

a) A dinâmica lei e evangelho está bem clara no texto. Não podemos deixar de lembrar que temos culpa também na morte de Jesus (tornar a aplicação pessoal).

b) Jesus precisa ser conhecido bem mais pela sua dádiva do que pelo seu exemplo (Ele pode!). Não moralizar a obra de Jesus significa colocar a ênfase certa na sua essência e obra. É por elas que conhecemos Jesus.

c) Lembrar os atributos de Jesus a partir do texto: eternidade, santidade (servidão), poder, vida e vitória. Estes atributos identificam a essência de Jesus (Ele é verdadeiro Deus), que se manifestam em atitudes em relação aos que Nele confiam. Estes atributos contrastam com a transitoriedade da nossa vida (exemplo de Davi).

SUGESTÃO TEMA

Procure demonstrar porque “Somos testemunhas da ressurreição de Cristo”.

Clóvis Jair Prunzel

TERCEIRO DOMINGO DE PÁSCOA

*Atos 2. 14a, 36-47
14 de abril de 2002*

CONTEXTO

O texto se insere no contexto do episódio do primeiro Pentecostes da igreja cristã em Jerusalém, relatado por Lucas em Atos 2. Estando os 12 discípulos de Jesus com alguns irmãos e irmãs em Cristo (cerca de cento e vinte pessoas – At 1.15), reunidos no mesmo lugar (talvez no cenáculo em que Jesus pela última vez neste mundo esteve reunido com seus discípulos, na noite em que foi traído), foi derramado sobre eles o Espírito Santo de maneira milagrosa que os habilitou a falar em outras línguas, que podiam ser entendidas pelos peregrinos judeus, vindos de outros países, cujas línguas falavam (At 2.8-11). Foi então Pedro que, em nome dos onze, tomou a palavra, e dirigiu aos milhares que haviam sido atraídos pelo espetáculo, aquele vibrante discurso que teve como resultado a conversão de quase três mil pessoas. O nosso texto apresenta a conclusão do discurso de Pedro, sua reação entre os ouvintes e seus versículos finais descrevem a vida espiritual da primeira congregação cristã em Jerusalém.

TEXTO

- V. 14a – O discurso de Pedro segue um modelo que se tornou comum na Igreja Primitiva. Faz primeiro uma explanação dos acontecimentos. Segue depois a boa nova de Jesus: sua morte, ressurreição e exaltação e conclui com um apelo ao arrependimento e batismo. Um esboço similar ocorre também em Atos 3, 10 e 13. “Pedro, de pé com os onze, ergueu a voz e assim lhes falou”, lemos na Bíblia de Jerusalém, traduzindo mais acuradamente o particípio *σταθείς* que não descreve exatamente a ação de levantar, mas o fato de já estar em pé.
- V. 36 – Do começo do discurso de Pedro o nosso texto salta até o final, mas é oportuno passarmos em revista o discurso todo. Citemos apenas os tópicos principais. Introdução (vv. 14-21). Tema: Jesus é o Ungido de Deus. Principais partes do tema: 1) Suas obras demonstram a aprovação de Deus (v.22). 2) Sua morte, predeterminada por Deus, foi executada pelas mãos criminosas dos romanos, instigados

pelos judeus (v. 23). 3) Deus o ressuscitou (v.24). 4) Davi falou detalhadamente sobre a ressurreição e exaltação de Jesus, não se referindo a si mesmo (vv.25-31). 5) A ressurreição de Jesus foi confirmada por testemunhas oculares (v. 32). 6) Jesus derramou o Espírito em virtude de uma promessa do Pai, que recebera quando exaltado à destra de Deus (vv.33-35). Conclusão: Que todos estejam certos, pois, de que Jesus crucificado foi feito por Deus Senhor e Cristo (v. 36). A conclusiva pois tira a conclusão de todo o discurso. Eles crucificaram aquele a quem Deus fez Senhor e Cristo. É uma peroração poderosa. Ele foi feito Senhor pela exaltação à mão direita do Pai e ele foi feito Cristo ou Messias por nele se terem cumprido todas as promessas do Antigo Testamento. A palavra Cristo se refere a um ofício, que ao mesmo tempo é tríplice: profeta, sumo sacerdote e rei. A palavra senhor fez dele o Senhor por excelência, o Senhor dos senhores de um reino que jamais teria fim. O martelo da lei no segundo uso acertou em cheio a bigorna da culpa dos judeus. Pedro não mediu suas palavras. Lenski diz que não houve aqui nenhuma súplica ou mendicância sentimental que tantas vezes falha em atingir o alvo. Nenhum pecador faz um favor a Deus quando aceita a Cristo. Pedro pregou a verdade divina com todo o seu poder. O efeito viria por si mesmo (The Interpretation of the Acts of the Apostles, p. 103).

V. 37 – Ao ouvir isso, foram apunhalados em seu coração. É essa a tradução exata de *κατανύσσομαι*, que o nosso texto de Almeida traduz por “compungiu-se-lhes o coração”, a Bíblia de Jerusalém por “sentiram o coração transpassado” e a nova tradução na linguagem de hoje por “todos ficaram muito aflitos.” A pregação da lei agiu como uma adaga transpassando seu coração, provocando neles uma profunda compunção ou pesar profundo. O coração na cultura grega sempre foi o centro da personalidade, incluindo a mente, o sentimento e a vontade. Seus olhos agora se abriram para a sua prévia atitude para com Jesus. Não apenas para o seu ato de assassinio mas também para a culpa de sua incredulidade. Em última análise, a incredulidade está sempre na raiz de toda a alienação de Deus e a lei deve revelar essa causa profunda. Eles sentiram um profundo pesar de terem ofendido a Deus e esse sentimento é o começo do verdadeiro arrependimento causado pela lei de Deus. Enquanto a pessoa apenas lamenta as más conseqüências que causaram na sua vida os seus pecados, ainda não foi atingida pela lei de Deus.

V. 38 – À sua pergunta: “Que faremos, irmãos?” Pedro responde: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do

Espírito Santo.” Μετανοήσατε é o aoristo imperativo de μετανοέω conotando um ato decisivo de uma vez para sempre. O sentido do termo em o Novo Testamento denota uma mudança interna do coração que consiste em contrição e fé em Jesus, quando é usado sem modificadores. É um ato de volver meia volta e marchar agora em sentido contrário na vida, voltar de uma vida de pecado para uma nova vida em Jesus, sob a conduta do Espírito Santo. O segundo passo que Pedro lhes indica é o batismo em nome de Jesus para remissão de seus pecados. O batismo em nome de Jesus é o mesmo que o batismo no Deus Triúno. Ele às vezes assim é chamado porque a obra de Jesus fez o dom do batismo possível, pois é feito para obter a remissão dos pecados. É esse dom da remissão dos pecados que faz do batismo um sacramento. Isso também é confirmado em Tt. 3.5, onde lemos que Deus, nosso Salvador, nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo e por At 22.16, onde Ananias dá a ordem a Saulo recém convertido para levantar-se a fim de receber o batismo e lavar os seus pecados. E como terceiro passo Pedro indica o dom do Espírito Santo. Mas não devemos separar arrependimento, batismo e o Santo Espírito, adverte Lenski. Eles deveriam receber o dom do Espírito Santo não num período posterior, não como uma segunda bênção posterior a fim de produzir uma total santificação por uma repentina transformação (The Acts of the Apostles, p. 109). E o Dr. J. Rottmann observa que é evidente que não devemos tomar estes “três passos” como tendo seqüência cronológica. Os três passos são, por assim dizer, três aspectos de um só e mesmo milagre, o milagre em que um homem perdido e condenado por causa de seus pecados se torna filho de Deus por graça (Atos dos Apóstolos..., p. 95). Também não devemos confundir este dom do Espírito Santo com os dons carismáticos, porque estes só são dados a alguns, enquanto o dom do Espírito Santo aqui referido é dado a todos os convertidos.

- V. 39 – Era a intenção de Deus de conceder o dom do Espírito primeiro aos judeus e a seus filhos. Notemos que filhos aqui não é delimitado e assim também as crianças e bebês estão incluídos. Depois estariam incluídos também todos os que ainda estão longe, isto é, quantos o Senhor, nosso Deus chamar, isto é, também os gentios, todos os que seriam atingidos pela mensagem da salvação em Cristo. A extensão de sua igreja, portanto, seria de caráter universal.
- V. 40 – Lucas naturalmente não transcreveu todas as palavras ditas naquele dia. Apenas nos transmitiu o essencial. Entre outras palavras de exortação deu-lhes a séria advertência de salvarem-se desta geração perversa. Essa geração inclui os descrentes de todos os tempos, encabeçados pelos membros do sinédrio judeu. A necessidade

de se salvarem dela nos mostra que é uma geração destinada à perdição. É uma advertência válida ainda hoje para todos nós.

- V. 41 – O resultado do sermão de Pedro foi uma surpresa que certamente nenhum dos discípulos teria esperado. Quase três mil pessoas foram batizadas. Isso nos mostra que o fator numérico também pode ser motivo de alegria e representa uma rica bênção do Senhor. Observa Paul E. Kretzmann que não é importante saber se foram batizados por imersão ou por aspensão, porque o modo de batizar não é descrito na Escritura. Mas há uma porção de argumentos de probabilidade contra o modo da imersão (Popular Commentary of the Bible, New Testament, Vol. I, p. 544). Já Lenski categoricamente descarta a imersão. Refere-se a achados arqueológicos de fontes batismais da Igreja Primitiva muito rasas e não apropriadas para a imersão (p. 113-114). A palavra que é traduzida por pessoas é ψυχαί - almas, que certamente também inclui as crianças. Em At 7.14, onde a família de Jacó é mencionada, o termo “almas” positivamente inclui também as crianças.
- V. 42 – 46 – O verbo προσκαρτερέω na ARA é traduzido por perseverar, também tem a conotação de segurar firme, aderir, ser fiel a, devotar-se. Os primeiros cristãos agarraram-se firmes a quatro coisas, que o Dr. J. Rottmann chama os quatro pilares da vida espiritual da Igreja Primitiva (Atos dos Apóstolos, p. 100): 1) à doutrina dos apóstolos. Não tinham ainda um compêndio de doutrinas formuladas. Sua Bíblia era o Antigo Testamento que interpretavam à luz daquilo que Cristo lhes ensinara e que mais tarde foi condensado no Credo Apostólico; 2) perseveravam ou apegaram-se também firmes à comunhão. A palavra grega é κοινωμία que denota um compartilhar, um interessar-se pela vida e necessidades do próximo. Às vezes essa comunhão é reforçada pelo advérbio ὁμοθυμαδόν - com uma mente ou propósito, de comum acordo (At 22.46). Era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum (At 4.32). Alguns vendiam até suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade (v. 45). Alguns até chegaram a denominar essa comunhão de comunismo cristão, mas que se distinguia do comunismo secular pela atitude voluntária e de amor com que o faziam e também pela não-obrigatoriedade de desfazer-se de todas as suas propriedades. O lema deles era: “O que é meu é teu”, em contraste com o comunismo secular cujo lema geralmente é: “O que é teu é meu.” 3) Apegaram-se também firmemente ao partir do pão. Com toda a certeza, este ato se refere à Santa Ceia que nas primeiras décadas da História da Igreja recebeu este nome. É verdade, que o partir do pão também se referia ao ágape, à refeição em conjunto

que os primeiros cristãos tomavam, mas o ponto alto dessas refeições sempre foi a celebração da Santa Ceia, que mais tarde foi separada da refeição comum. 4) Apegaram-se também firmes às orações. Notemos que está sendo usado o plural, que lembra o grande número e a diversidade das orações. Citemos apenas At 4.23-31 e At 12.12 onde vemos que poder e eficácia tinham suas orações.

- V. 47 – O que chama a atenção neste versículo é o fato de que contavam com a simpatia de todo o povo. Como era diferente a sua piedade da piedade dos escribas e fariseus. Era algo jamais visto, uma piedade que irradiava amor, humildade e alegria. Sua confissão da boca foi secundada e confirmada pela evidência de suas boas obras, tornando-se assim a primeira congregação cristã um exemplo luminoso às congregações cristãs de todos os tempos. E o Senhor acrescentava-lhes, dia a dia, os que iam sendo salvos, o que nos mostra a verdade evidente que o Senhor é quem salva, mas o ambiente na congregação, em vez de representar um obstáculo à obra do Senhor, propiciava a sua obra salvífica.

PROPOSTA HOMILÉTICA

É um texto muito rico e extenso que dificilmente poderá ser esgotado num só sermão. Ele realmente trata de dois assuntos distintos. A primeira parte, até o v. 41, trata da conversão de quase três mil pessoas e a segunda parte, do v. 42 em diante, da vida espiritual deles. Ou o pregador aprofunda a primeira ou a segunda parte. No entanto, é possível um tema mais amplo que enquadre as duas partes, principalmente quando se quer mostrar que ainda hoje o poder do Pentecostes permanece e a mesma palavra de Deus continua a causar arrependimento e fé, sendo que, de acordo com as estatísticas, ainda hoje são convertidos diariamente cerca de 20 mil pessoas a Cristo e que o fato de tornar-se cristão e da conseqüente vida espiritual cristã continua o mesmo. Propomos assim o seguinte tema com as duas partes principais:

O poder do Pentecostes não passou

- 1 – Ainda hoje todos os que são chamados pela Palavra de Deus se arrependem, crêem em Jesus, são batizados e recebem o poder do Espírito Santo.
- 2 – Ainda hoje os que crêem em Jesus se distinguem por uma vida espiritual, sustentada pelas quatro colunas da vida espiritual da cristandade neo-testamentária.

*Paulo F. Flor
Dois Irmãos, RS*

QUARTO DOMINGO DE PÁSCOA

Atos 6. 1-9; 7. 2a, 51-60

21 de abril de 2002

CONTEXTO HISTÓRICO

No relato bíblico encontramos informações históricas no que tange à propagação geral e ao desenvolvimento da Igreja Cristã neo-testamentária. Até o capítulo 6 de Atos temos as atividades da Igreja em Jerusalém. Depois começa a expansão da Igreja na Palestina e o início do cristianismo helenista. O texto demarca um momento em que estes murmuravam contra os hebreus, porque suas viúvas estavam sendo esquecidas na diaconia. Com os helenistas vemos a igreja saindo das fronteiras do solo estritamente judaico, lembrando as palavras de Jesus: “Sereis minhas testemunhas... até aos confins da terra” (At 1.8).

Certamente faziam parte do grupo de indivíduos convertidos ao cristianismo no dia de Pentecostes, iniciando lá este núcleo de helenistas. Com eles vemos a universalidade da graça de Deus, que deseja a salvação de todos. E o descontentamento na distribuição diária fez com que a igreja se organizasse no serviço de diáconos e os apóstolos se dedicassem mais à oração e ao ensino da Palavra.

TEXTO

As viúvas helenistas não estavam sendo incluídas na distribuição diária de dinheiro. Este programa de auxílio a viúvas era um programa que a Igreja desenvolvia para socorrer aquelas que estavam desamparadas. A referência a estas viúvas revela que a Igreja estava saindo das fronteiras do solo estritamente judaico. Levando a boa nova da salvação para todos indistintamente. Este era um programa desenvolvido pela sociedade judaica. A liderança da Igreja, inspirada neste programa, começou a dar atendimento idêntico para suas viúvas distribuindo alimento e dinheiro para as carentes. Os apóstolos participavam da distribuição. Como estavam envolvidos na pregação, ensino e orações, tinham dificuldades para acompanhar este trabalho.

Convocar os discípulos para uma reunião de planejamento foi a solução encontrada. Isto é um exemplo para ser tomado em nosso meio quando decisões precisam acontecer. Convocar os irmãos para planejarem o “Servir às mesas” e liberarem o pastor para ocupar-se com a Palavra, o ensino e a oração. Podemos ter ministérios especiais ou diáconos (servos) que, além de administrarem os bens materiais, participam da obra da evangelização. Jesus aplicou para si mesmo o termo servo (Mt 20.28; Mc 10.45). Ele veio como servo, viveu e morreu como servo. Também o pastor ocupando-se com a Palavra e oração, continua sendo um servo.

AS QUALIFICAÇÕES DOS SERVOS (ATOS 6.3,4).

Escolher entre os irmãos estes servos era tarefa da congregação reunida, onde os escolhidos tinham a aprovação dos apóstolos, nos quais se destacavam algumas qualificações.

- a) BOA REPUTAÇÃO: que fossem conhecidos nos seus negócios e em seu caráter. De boa moral e honestos. Homens testados e aprovados.
- b) CHEIOS DO ESPÍRITO SANTO: Ricos do Espírito nos quais se refletiam muitos dons espirituais. Homens de Deus, ativos, de destaque na Comunidade. Cheios do Espírito, conseqüentemente cheios dos frutos do Espírito. (Gl 5.22,23).
- c) CHEIOS DE SABEDORIA: Com qualidades para tratarem de coisas materiais e espirituais. Com conhecimento para rejeitar as murmurações e como cuidar delas. Que soubessem cuidar das necessidades físicas e espirituais.

Diácono não é aquele que serve às mesas apenas, mas a todos os tipos de serviços. Ambos os serviços, material e espiritual, são importantes e necessários na Igreja, pois visam à glória de Deus e ao bem-estar do próximo.

A ESCOLHA DE ESTÊVÃO (AT 6.5-9).

O parecer agradou a toda a comunidade, isto é, todos envolvidos, interessados, preocupados com a situação. Vemos uma ação conjunta e não uma imposição dos apóstolos. Estes tomaram a iniciativa, mostraram a necessidade, mas a escolha foi feita pela Comunidade. Dos diáconos escolhidos queremos dar atenção para Estêvão.

- Homem que foi dotado de dons espirituais.
- Em seu ministério não se fixou em servir às mesas, mas na pregação da lei e evangelho.
- Na perseguição orou pedindo perdão aos seus algozes, a exemplo de Jesus.

- Foi o primeiro mártir cristão.
- Seu testemunho influenciou Paulo, sendo esta uma das suas contribuições mais significativas para a causa cristã.

Podemos dizer que com Estêvão levanta-se um marco importante na História da Igreja Cristã. Com sua morte iniciou-se uma perseguição contra os cristãos que, oprimidos, tiveram que se deslocar para outras localidades iniciando nestas a evangelização pelo testemunho.

O TESTEMUNHO E A MORTE DE ESTÊVÃO (AT 7.51-60)

A perversidade da geração judaica nos dias de Estêvão foi concretizada por ele nas palavras “Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos”. Ou seja, homens teimosos, duros de coração e surdos para ouvirem a mensagem de Deus. Um mal que precisa ser removido pela ação do Espírito Santo.

Diante da pregação de Estêvão e pelo fato de terem os corações endurecidos, os ouvintes ficaram furiosos ao ponto de rangerem os dentes contra ele. Ficaram tomados de ódio. A fúria interna explodiu na maneira como rangiam os dentes, qual um incêndio violento que explode em chamas para toda parte. Rilhavam os dentes como uma matilha de lobos famintos e vorazes.

Estêvão estava acima de toda a fúria dos ouvintes e experimentou um momento gostoso da glória celestial. As ambições terrenas dos homens nada são, quando confrontadas com o sublime privilégio da visão celestial. Os céus se abriram e ele viu Jesus. A visão de Jesus traz serenidade, fortalece o espírito. Com isto entendemos a reação de Estêvão ante seus algozes. Ele se dispôs a perdoar quando todos respiravam vingança. Ele orou quando todos caíram em tumulto. Ele amou quando não via outra coisa senão o ódio. Ele confiou quando todos se voltaram contra ele. Ele continuou esperando mesmo que nada mais existia para sustentar a esperança de continuar vivo. O melhor que podia fazer era ficar tão perto quanto possível do Salvador Jesus. Temos na Palavra e oração esta bênção e privilégio.

Lá estava o povo pronto para atacar Estêvão como cães que perseguem uma raposa. Talvez ele pense: São esses homens pelos quais Jesus morreu? Estas criaturas são filhos de Deus? Haverá neles ainda algum sinal do amor de Deus? E neste instante o céu se abriu para mostrar que o amor continuava reinando, que o homem ainda tinha sua oportunidade.

Levaram Estêvão para fora dos muros da cidade a fim de executá-lo.

As vestes, as deixaram aos pés do jovem Saulo, o apóstolo Paulo. Mais tarde ele expressa seu sentimento de culpa na morte de Estêvão (At 22.20). Sua consciência o perturbava ante este crime e outros de que participou nos primeiros dias do cristianismo.

Estêvão morreu orando. É um dos momentos que precisamos da ajuda e forças do alto. É necessário ter os olhos fixos em Jesus. Entregar a vida nas mãos de Deus. Deus pode livrar-nos de todos os perigos. Na hora final é bom estarmos apoiados na oração: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito”. Jesus também nos deixou esta lição.

SUGESTÃO DE TEMA E PROPOSTA HOMILÉTICA

1. Tema: Os céus abertos e a visão de Jesus

- A. Traz serenidade
- B. Fortalece o espírito
- C. Motiva ao perdão e oração
- D. Alimenta o amor e fortalece a confiança.

2. Tema: Estêvão obteve uma vitória gloriosa

- A. Pela sua fé constante
- B. Pelo seu amor perdoador
- C. Pela sua paciência.

*Elias Renato Eidam
Santo Ângelo, RS*

QUINTO DOMINGO DE PÁSCOA

Atos 17. 1-15

28 de abril de 2002

CONTEXTO

Tessalônica – maior cidade da Macedônia. Ficava a 160Km a oeste de Filipos. A Igreja de Tessalônica foi fundada pelo apóstolo Paulo cerca de 50 d.C., em sua segunda viagem missionária. Paulo ficou em Tessalônica cerca de três semanas, de acordo com At 17.2. Já Fp 4.16, 1 Ts 2.9, 2 Ts 3.8, implicam que ele esteve lá por mais tempo. Mas independentemente do tempo que permaneceu em Tessalônica, tudo leva a crer que não esteve lá o tempo suficiente para instruir plenamente a igreja. Ao ser expulso de Tessalônica, dirigiu-se a Beréia, uns 80Km a oeste. Também dali foi expulso, deixando Silas e Timóteo, rumando para Atenas.

Embora Paulo estivesse em Tessalônica por pouco tempo, ele a revolucionou. Seus inimigos acusaram-no de “transtornar o mundo”, conf. At 17.6. “Numerosa multidão de gregos piedosos e muitas mulheres distintas” crearam – At 17.4. O sucesso desse trabalho foi noticiado por toda a Grécia – 1Ts 1.8,9. Ainda: em Tessalônica muita gente se converteu; em Beréia estudavam as Escrituras com muita receptividade; e em Atenas foi onde Paulo teve a mais fria recepção.

TEXTO

Tessalônica – capital da província romana da Macedônia.

V.3 – Expondo e demonstrando – Paulo apresentou as Escrituras proféticas e as colocou ao lado dos acontecimentos históricos recentes que as cumpriram;

V.3 – Ter sido necessário que o Cristo padecesse... – expressão enfática encontrada também em Lc 24.26,46;

V.6 – Estes que têm transtornado o mundo – a palavra grega *anastatóo* sugere agitação revolucionária subversiva, levantar a multidão, criar tumulto, revolta.

V.7 – Afirmando ser Jesus outro rei – “outro imperador”. A acusação era seríssima e não podia deixar de ser considerada.

- V.9 – Após terem recebido deles a fiança estipulada – Jasom e seus companheiros ficaram como fiadores da conduta de Paulo, que neste envolvia seu afastamento de Tessalônica, situação esta referida em Ts 2.18;
- V.11 – Mais nobres – isto é, mais liberais ou de espírito franco, arejado.

A Escritura Sagrada não tem por princípio elogiar seus personagens. Mas Lucas, autor de Atos, elogia o grupo de cristãos de Beréia. Lucas “classificou” os cristãos de Beréia como “mais nobres”, ao compará-los com os de Tessalônica. A Nova Tradução na Linguagem de Hoje refere-se às pessoas (cristãs) de Beréia como “mais bem educadas e que ouviam a mensagem com muito interesse”. E Lucas diz o porquê: os cristãos de Beréia receberam a palavra com toda avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram de fato assim! É importante lembrar que Paulo pregava nas sinagogas e, como tal, seus ouvintes eram judeus. Estes judeus, que viviam na dispersão, levavam consigo os rolos do Antigo Testamento. E não eram apenas bons ouvintes: examinavam cuidadosamente as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram de fato assim como Paulo pregava.

Deus espera que sejamos bons ouvintes da palavra, como também bons leitores da Escritura. Jesus diz em Jo 5.39: “Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim”.

CONCLUSÃO

O apóstolo Paulo, em toda a sua caminhada, teve sempre a preocupação de encontrar-se com os diferentes grupos de cristãos. E mais importante que o encontro: falava-lhes do sofrimento, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Às vezes Paulo era bem-sucedido, como em Beréia; outras vezes, como Tessalônica, nem tanto. Mas guiado pelo Espírito Santo, Paulo sempre procurou levar a mensagem da salvação em Cristo, colocando-se como seu servo.

Não precisamos ter todo o conhecimento que Paulo detinha. Basta-nos sermos quem somos, colocando-nos humildemente a serviço de Deus. Para isso, o testemunho diário, em palavras e ações, será o meio usado pelo Espírito Santo para mais “tessalonicenses” e “bereanos” conhecerem o Senhor e Consumador da nossa salvação.

PROPOSTA HOMILÉTICA

O apóstolo de Deus que vive para Cristo e fala de Cristo:

1. vive para Cristo, porque Cristo morreu por ele, ressuscitou e vive;
2. fala de Cristo, “porque a boca fala do que está cheio o coração”.

*Marcos Friske
São Leopoldo, RS*

SEXTO DOMINGO DE PÁSCOA

Atos 17.22-31

5 de maio de 2002

LEITURAS DO DIA

O Salmo 98 lembra no final que Deus “vem julgar a terra; julgará o mundo com justiça” (v.9), introduzindo o pensamento que Paulo oferece em Atenas, dizendo que Deus “estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos” (Atos 17.31).

Isaías 55.6-11 lembra que “os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor” (v.8). Se é verdadeiro para o povo de Israel, muito mais é para os gregos, mostrando que há necessidade de anunciar a boa nova do “Deus desconhecido”, como Paulo está fazendo em Atenas.

CONTEXTO

Atenas favorecia o clima de pesquisa e sabedoria, e no tempo de Paulo ainda sustentava uma escola de filosofia. A época de glória da arte, filosofia e literatura era cinco séculos antes, mas os sinais ainda podiam ser sentidos quando Paulo subiu ao Areópago para falar aos gregos que buscavam sabedoria (1 Co 1.22). Paulo sentiu o clima filosófico quando encontrou “filósofos epicureus estóicos” (v.18) que o desafiavam. A atmosfera cultural de Atenas atraía os moradores “de Atenas, e os estrangeiros residentes”, que “de outra coisa não cuidavam senão dizer ou ouvir as últimas novidades” (v.21). Atenas era o centro mais conhecido da sabedoria humana, mas também era o lugar que precisava confessar que não conhecia a Deus “por sua própria sabedoria” (1 Co 1.21). Havia uma “idolatria dominante na cidade” (v.16) e o povo se mostrava “acentuadamente religioso” (v.22). O medo de todo idólatra politeísta de não ter descoberto a relação com o deus certo também se verificou em Atenas, quando fizeram um altar “ao deus desconhecido” (v.23).

Paulo está na sua segunda viagem missionária (At 15.40 - 18.23). Estava chegando de Derbe, Listra, Trôade (onde é impelido a passar à Macedônia), Filipos (onde o carcereiro se converte), Tessalônica e Beréia.

Em Atenas iniciou, como de costume, a sua missão na sinagoga, onde havia “judeus e os gentios piedosos” (v.17). Os “filósofos epicureus estóicos” o levaram ao Areópago, dizendo: “Podemos saber que nova doutrina é essa que ensinas? Posto que nos trazes aos ouvidos cousas estranhas, queremos saber que vem a ser isso” (vv. 18 - 20).

O Areópago (o “monte de Ares ou Marte” era o supremo tribunal) estava a oeste da acrópole (a cidadela na parte mais elevada da cidade) e ao sul da Ágora (o mercado) em Atenas. No tempo do Novo Testamento o Areópago só resolvia questões de educação, religião e moral. Suas reuniões eram no Pórtico Real, no canto noroeste da Ágora. O tribunal se considerava responsável pelos ensinamentos que introduziam novas religiões e novos deuses, além de regulamentar a educação do povo. Parece que Paulo não compareceu perante o tribunal pleno, mas estava numa reunião aberta que acomodava maior público.

TEXTO

- V. 22 – Paulo procura ganhar sua audiência, saudando-os com uma palavra elogiosa (que também podia ser crítica), dizendo que via os atenienses como “acentuadamente religiosos”.
- V. 23 – Politeístas, como os atenienses eram, estavam em dúvidas sobre seus deuses. Podiam ter esquecido o principal. Escritores gregos confirmam que havia um altar ao deus desconhecido, como Paulo afirma. Paulo usa esta oportunidade para dizer aos atenienses que ele conhece este Deus que eles procuram.
- V. 24 – Paulo inicia o seu ensino pelo Credo (mas não consegue ir além de alguns detalhes do 2º e do 3º artigo: a ressurreição e o julgamento). Os gregos não conheciam um Deus criador pessoal, pois o estoicismo panteísta não podia aceitar esta idéia. O Deus que Paulo anuncia não habita em criações humanas, mas é o Criador e Senhor de todas as coisas.
- V. 25 – Deus não precisa das coisas que o homem faz, mas Ele dá tudo: a vida, a respiração, a existência das coisas vivas. É um detalhe muito precioso do 3º artigo: o Espírito Santo é “Senhor e Doador da vida”.
- V. 26 – Os povos não são estranhos um ao outro, pois todas as raças provêm de uma pessoa só, Adão. Judeus, gregos, romanos e bárbaros não são diferentes quanto à origem. Também não são as conquistas romanas ou gregas que resolvem a questão. É Deus quem, a seu tempo, designa o lugar, o espaço e o limite para cada um. Como usar esta afirmação em tempos modernos? Deus ainda é Senhor.
- V. 27 – Deus não abandonou sua criatura, mas continua o “Senhor e

Doador da vida”. A sabedoria humana pode até inferir certas afirmações sobre Deus, mas vai faltar sempre a identificação do Deus da graça que aceita e perdoa em Cristo. Paulo tenta chegar lá no seu discurso.

- V. 28 – Paulo estudou muito. Conhece bem os poetas gregos. Cita Epimenides de Creta (c. 600 a.C.) em “Cretica”: “Nele vivemos, e nos movemos, e existimos”. Cita Aratus de Cilícia (c. 315-240 a.C.) em “Phaenomena”, e Cleantes (331-233 a.C.) em “Hino a Zeus”: “Dele também somos geração”. Paulo cita poetas gregos também em 1 Co 15.33 e Tt 1.12.
- V. 29 – Paulo argumenta, dizendo que se Deus nos criou Ele não pode ser semelhante a um objeto de metal ou pedra. Certamente havia entre os gregos quem afirmasse isso. Basta lembrar hoje que o islamismo ainda cultua uma pedra preta, a kaaba.
- V. 30 – Deus chama ao arrependimento. A paciência de Deus tem limites. Ser ignorante não desculpa. Sem “metanoia” não há vida válida diante de Deus.
- V. 31 – Este é o 2º artigo que Paulo introduz: “um varão que destinou” fala da humanidade de Jesus. Sua divindade se pode verificar no fato de que Deus o “acreditou diante de todos”. É mais do que reconhecimento, é adoração. Ele é mais do que jamais aconteceu: Ele é “a ressurreição”, dele e nossa. Aqui termina o discurso de Paulo, pois chegou ao “escândalo para os judeus, loucura para os gentios” e gregos (1 Co 1.23). Os gregos ainda podiam aceitar uma imortalidade da alma, mas não conseguiam imaginar uma ressurreição de um corpo morto. Mesmo assim havia atenienses que creram e formaram a semente da igreja em Atenas. Um deles é Dionísio, que a lenda coloca como primeiro bispo de Atenas. Dâmaris pode ter sido uma presença educada no Areópago ou na sinagoga. Certamente não pertencia ao tribunal.

APLICAÇÕES HOMILÉTICAS

1. O sermão de Paulo no Areópago é modelar. Inicia com a *captatio benevolentiae*, i.e., consegue a atenção com um reconhecimento que interessa a audiência. Nosso sermão também deve iniciar com afirmações, histórias ou noticiários de interesse público. Paulo usa até os poetas e filósofos gregos para captar a benevolência dos ouvintes.
2. O assunto é o primeiro mandamento ou a introdução do Pai Nosso: a identificação correta de Deus. Lutero lembra que “é da máxima importância que o homem tenha cabeça certa” (Catecismo Maior I, 1º, 30). É a mesma coisa que Jesus diz: “Buscai em primeiro lugar o seu

reino e a sua justiça” (Mt 6.33). O 1º mandamento exige a fé, que no Pai Nosso confessamos, confirmando estarmos no Reino pela fé: “Pai Nosso que estás nos céus”. Este Deus continua “desconhecido” pela sabedoria mais engenhosa da humanidade, porque a pessoa está alienada pela natureza corrompida.

3. A fé é um dom de Deus Espírito Santo pelos meios da graça. Paulo pregou a Palavra. Nós entramos pelo Batismo e continuamos pela Santa Ceia e pela Palavra. Por natureza somos todos filósofos gregos areopagitas que queriam ouvir uma outra discussão sobre este assunto, mas debocharam de Paulo. Sem metanoia, arrependimento causado pela pregação da lei e o anúncio do evangelho, não há solução. Precisamos mudar de mente, para termos a mente de Cristo. Alguns gregos foram convertidos, como alguns brasileiros.
4. A missão de Deus é um desafio para a igreja. Ninguém falou que era fácil falar da nossa fé. Mas Paulo enfrentou os maiores filósofos e cientistas que havia na época. Vivemos num mundo cheio de sábios, técnicos, cientistas. Vivemos num mundo de gente simples que procura ouvir alguma novidade. Não vamos converter ninguém: esta é a obra do Espírito Santo! Mas nós podemos contar as novidades do arrependimento e da fé em Jesus. É a coisa mais científica que há, pois foi revelado pelo Deus sábio, e preparado pelo gênio do Espírito Santo através do Verbo que se fez carne, Jesus Cristo, o sábio por excelência. Não pode ser comprovado pelos laboratórios humanos, nem pela lógica filosófica. Mas vai ser comprovado pela ressurreição e pela vida eterna, pois este é o Reino. Ressurreição ainda é o tema neste 6º domingo de Páscoa.

PROPOSTA HOMILÉTICA

Introdução: Os gregos conheciam a possibilidade de um “deus desconhecido”. A história confirma que ainda se busca desesperadamente este deus. A proliferação de cultos primitivos ou sofisticados não encontram o “deus desconhecido”. A procura é tão enervante que se prefere uma apatia: eu não quero saber, eu vou me atirar de qualquer maneira.

O deus desconhecido

1. Porque é desconhecido? A nossa ruptura natural.
2. Como se torna conhecido? Os olhos de fé podem ver como Ele é.
3. Quando será totalmente conhecido? Na ressurreição e vida eterna.

*Martim C. Warth
Canoas, RS*

SÉTIMO DOMINGO DE PÁSCOA

*Atos 1. (1-7) 8-14
12 de maio de 2002*

V.1 – “Teófilo” = “Querido de Deus”. Pessoa real, não nome simbólico.

Em seu primeiro livro (Lc 1.3), Lucas se dirige a ele como “excelentíssimo”. Agora o título é omitido, dando a entender alguém de maior intimidade – o cristão Teófilo!

“começou” = o verbo utilizado indica que o evangelho segundo Lucas relata o ministério de Jesus até à sua ascensão, enquanto o presente livro pretende destacar o ministério de Jesus após a sua ascensão. A partir desse evento, o ministério profético de Jesus será desempenhado tendo como ponto de partida a sua obra redentora consumada na cruz e sua posterior ressurreição. Conta, agora, com a ação de pessoas que atuarão em seu nome.

Vv. 2-4 – “foi elevado às alturas” = cf. Lc 24. 44-51; At 1. 6-11. A repetição visa dar ênfase ao fato que o período desde o domingo da Páscoa até a Ascensão é tanto a conclusão do ministério terrestre de Jesus como o início da obra da igreja. Esse período foi importante para fornecer aos discípulos provas de que Jesus estava realmente vivo (Jo 20. 19-29). Foi igualmente oportunidade para Jesus preparar seus seguidores para a ação evangelizadora. Isso se verifica na seqüência dos termos empregados: “aparecendo-lhes” (v.3), “comendo com eles” (v.4) demonstrando não se tratar de um espírito, e reiterando-lhe a “promessa do Pai” (v.4).

A “promessa do Pai” é uma referência ao Espírito Santo, também encontrada no Antigo Testamento e nos Evangelhos, que se cumpriu no dia de Pentecostes (Is 32. 15; Jl 2. 28-32; Mt 20. 10-20; Lc 12.12; Jo 14-16; At 2. 33). Paulo o considera o “Espírito prometido” ou o “Espírito Santo da promessa” (Gl 3.14; Ef 1. 13).

V. 5 – Cf.: At 2.1-4. João Batista testemunhou que o Espírito Santo é dado por causa da obra de Jesus (Lc 3.16).

V. 6 – “restaures o reino a Israel” – Os discípulos ainda alimentavam a esperança messiânica judaica de um reino político, terreno, teocrático

promovido pelo descendente de Davi (cf. : Mt 20.20-28). Nesse sentido, os discípulos queriam saber sobre o tempo de Deus. Jesus, porém, não dá nenhuma resposta direta. Mais importante do que discutir isso é assumir e desempenhar sua tarefa como cidadãos do reino. Segredos de Deus não devem ser perscrutados, mas cridos e confessados. Melhor compreensão sobre a natureza do reino virá com a outorga do Espírito Santo. Aqui é definido o propósito de Deus e o papel da igreja dentro dele. O evangelho ainda deve ser anunciado por toda a terra, antes que venha o reino. Isso é o que importa!

- V.8 – Em lugar de especulações apocalípticas, devem dedicar-se à sua tarefa de “testemunhas” de Jesus. A referência a Jerusalém como ponto de partida, “até aos confins da terra”, enfatiza o Cristo para todos da missão de Deus (Mt 28. 18-20; Mc 16.15). O Espírito Santo a ser enviado prepara, motiva e capacita para que os discípulos de Jesus sejam seus instrumentos no desempenho da missão de Deus.
- V.9 – A presença da nuvem pode ser observada já antes, no episódio da transfiguração de Jesus como uma espécie de antecipação desse momento, cf. Mt 17. 1-18.
- Vv.10,11 – Jesus subiu aos céus. Do mesmo modo virá na sua glória. Veja as referências à sua *parousia* em Dn 7.13; Mt 26. 64; Mc 13.26; 14. 62; Lc 21. 27; Ap 1.7
- V.12 – O monte “Olival” situava-se cerca de 1 quilômetro distante de Jerusalém, distância permitida como percurso para um sábado.
- V.14 – “Os irmãos dele” – Interessante a sua presença como integrantes do grupo. Antes, estes não acreditavam nele! (cf. Mt 12.46; Mc 3.21; Jo 7. 3-5).

A ascensão de Jesus é vista na ótica da sua *parousia*. A expectativa alegre da sua vinda motiva sua igreja para a ação no período entre a ascensão e o fim dos tempos, quando, então, “o Israel de Deus” (Rm 11), isto é, a igreja, entrará no reino da sua glória.

A ascensão foi interpretada escatologicamente por Paulo em Fp 3. 20,21. O corpo glorioso, transformado e imortal de Jesus, assunto ao céu, é protótipo e garantia da mesma condição a ser herdada por toda aquele que nele confia. Nessa expectativa escatológica, a igreja já experimenta, pela fé, a companhia daquele a quem confessa, porém, não vê (Hb 11.1). Com o peñhor do Espírito Santo, graciosamente outorgado, anda no caminho da promessa e testemunha o Salvador que ainda não veio. Por conseguinte, enquanto houver o tempo da graça, a igreja olha para a glória futura e, mesmo sob a cruz, se congrega unânime para o culto e parte para a ação missionária levando CRISTO PARA TODOS.

Igreja Luterana - nº 2 - 2001

Enquanto aguarda sua vinda, a igreja tem a garantia da presença do Espírito Santo, o Espírito da promessa, para consolar, animar, equipar e enviar. Os meios do Espírito, o Evangelho e os Sacramentos, nutrem a igreja e a fortalecem para a missão de Deus.

PROPOSTA HOMILÉTICA

Tema: QUERO SER TESTEMUNHA DE JESUS

1. Sou membro da sua igreja
2. Tenho o Espírito Santo
3. Já vivo, pela fé, o reino que ainda não veio.

*Rudi Thoma
São Borja, RS*

DOMINGO DE PENTECOSTES

Joel 2. 28,29

19 de maio de 2002

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Hoje a cristandade celebra o dia de Pentecostes, a descida do Espírito Santo, o aniversário da igreja cristã. Neste dia Deus enviou o Espírito Santo, o Consolador, conforme prometido por Jesus: “Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar tudo o que vos tenho dito” (Jo 14.26). “Ele glorificará a Cristo” (Jo 16.14).

Mas Pentecostes não é uma simples festa na qual recordamos um fato passado. O Espírito Santo foi enviado para ficar e trabalhar na cristandade até ao fim dos tempos. Confessamos com Lutero no terceiro artigo do Credo Apostólico: “Creio que por minha própria razão e força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo evangelho, iluminou com seus dons, santificou e conservou na verdadeira fé. Assim também chama, congrega, ilumina e santifica toda a cristandade na terra, e em Jesus Cristo a conserva na verdadeira e única fé.”

Nos últimos tempos, a doutrina do Espírito Santo tem sido reexaminada por quase todas as igrejas cristãs, pois o pentecostalismo – um movimento que já perpassa quase todas as denominações cristãs – dá grande ênfase à ação do Espírito Santo. Este movimento ensina que precisamos receber um segundo batismo, a saber, o batismo do Espírito Santo, com manifestações especiais e recebimento de dons especiais. Daí não ser raro ouvirmos a interrogação: “Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes?” (At 19.2). Os pentecostais dizem: As igrejas tradicionais estão do lado certo do Calvário, mas do lado errado de Pentecostes; elas estão do lado certo do perdão, mas desconhecem o poder do Espírito Santo. Será? Vejamos.

O profeta Joel atuou, provavelmente, após o exílio, pelo ano 400 a.C. Ele fala sobre o tempo da vinda do Messias, o Salvador da humanidade e profetiza sobre os dias do derramamento do Espírito Santo, o dia de Pentecostes.

Por isso o apóstolo Pedro afirmou no dia de Pentecostes: “O que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel” (At 2.16). O que o profeta diz a respeito desse dia de Pentecostes?

TEXTO

- “E acontecerá depois” (v 28). - Depois de quê? Depois daqueles dias. Que dias? Depois de Deus tiver enviado o Salvador e este ter, por sua morte e ressurreição, salvado a humanidade. Então será derramado o Espírito.
- “Derramado”. O verbo denota uma continuidade. O Espírito será dado para continuar a trabalhar na terra até o dia do juízo final.

Mas o Espírito Santo já não fora dado antes? Ele não está atuando desde a criação do mundo? Sim! O Espírito de Deus, o Espírito Santo estava presente na criação do mundo e “pairava sobre as águas” (Gn 1.2). Ele concedeu dons a Moisés e seus auxiliares (Nm 11.17,25). Ele concedeu dons a Josué e aos juízes (Nm 27.18; Dt 34.9). Ele guiou profetas e reis (2 Rs 2.9). Mas agora que Cristo completou sua obra redentora, ele é dado em toda sua plenitude.

Será derramado. Não como no Antigo Testamento só para algumas pessoas especiais, mas agora de forma abundante. E diz expressamente: “Sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filha profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões, até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias” (v.28).

- “Sobre toda a carne.” Não no sentido de que todos receberão o Espírito, pois muitos o rejeitarão. Mas ele é dado para atuar e trabalhar em todos. Ele é dado de tal forma que não fará distinção entre homens e mulheres, jovens e adultos, patrões e servos (escravos).

Ele é dado para que todos possam profetizar, isto é, ouvir de Deus e falar dela aos outros. Pois agora todos os que se arrependem e crêem na graça de Cristo “são sacerdotes reais” (1 Pe 2.9) e templos do Espírito Santo (1 Co 3.16; 6.19). Crianças, jovens e adultos serão capacitados para falarem de Cristo como seu Salvador.

- “Vossos filhos e vossas filhas profetizarão.” Quantas crianças, mesmo pequenas, testemunharam com simplicidade de seu Salvador e levaram seus pais a Cristo.
- “Vossos jovens terão visões.” É impressionante observar, desde o início do cristianismo, o entusiasmo dos jovens pela causa de Cristo. Com que entusiasmo Estêvão testemunhou e não temeu ser apedre-

jado. O entusiasmo dos jovens está bem colocado no próprio Hino da Juventude Luterana: “Juventude, em toda a parte, desde a serra ao mar, ora e trabalha pela igreja e o lar.”

- “Vossos velhos sonharão.” Velhos normalmente não têm mais sonhos, planos, esperanças de grandes realizações. Mas os cristãos idosos têm sonhos. Eles têm a grandiosa esperança da vida eterna e dão testemunho disto. Nossos pais o colocaram no Credo Apostólico: “Creio... na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna.” Que esperança essa do novo céu e da nova terra!
- “Até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias.” Que testemunho vibrante o do escravo Onésimo. Muitos outros escravos testemunharam de sua fé e levaram seus senhores à fé.

APLICAÇÃO

Qual o principal trabalho do Espírito Santo? Jesus responde: Ele é “o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade... Ele me glorificará” (Jo 16.14). Qual é, portanto, o trabalho do Espírito Santo? Que verdade o Espírito Santo vem revelar? “Ele convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo; do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado” (Jo 16.8-11). Este é o trabalho do Espírito Santo. E como o Espírito Santo faz isto? Ele o faz por meios, a saber, a Palavra de Deus e os sacramentos, que são o batismo e a santa ceia. Por estes meios o Espírito Santo vem ao coração. Abre nossos olhos para reconhecermos a Deus e sua santidade. Para reconhecermos que como criaturas deveríamos andar na presença de Deus e ser perfeitos (Gn 17.1), pois a alma que pecar essa morrerá (Ez 18.4). Mas eis que nascemos em pecado, com o pecado original, a completa corrupção de toda a natureza humana, inclinada para todo o mal e sujeita à condenação. Somos míseros pecadores que merecemos a eterna condenação. Quando, no dia de Pentecostes, o povo reconheceu que os seus pecados foram a causa da morte de Jesus, lemos: “Compungiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos?” (At 2.37). E o apóstolo Pedro respondeu: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão dos vossos peados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos, e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor nosso Deus chamar” (At 2.38,39). “Então os que lhe aceitaram a Palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas” (At 2.41). O Espírito Santo os chamou pelo evangelho e os iluminou com seus dons. Estes dons são o conhecimento da verdade bíblica de serem pecadores e de Cristo ser o seu único e suficiente Salvador e a confiarem no evangelho que lhes estava sendo

anunciado plenamente, na mensagem que lhes mostrava Cristo como o seu único e suficiente Salvador. Foram então batizados. O Espírito Santo os congregou. Estava formada a primeira congregação cristã, a respeito da qual lemos: E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor, e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos, e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade” (At 2.42-45).

Sim, dizem alguns, e hoje, onde estão os prodígios e sinais? Precisamos lembrar que a promessa de Jesus, registrada no evangelhos de Marcos: “Ide por todo o mundo e pregai e evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado. Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem...” (Mc 16.15-18). Quem determina quando, como e até onde o Espírito Santo deve acompanhar alguém é Deus Pai. Os apóstolos fizeram prodígios e sinais, mas não quando eles o queriam, mas quando o Espírito Santo o queria. Paulo era homem muito doente, Timóteo era doente. Por que não curaram a todos? Por outro, quantos milagres acontecem ainda hoje, quando Deus atende misericordiosamente as orações e súplicas de seus filhos? E ao sermos atendidos não precisamos logo fazer grandes alaridos, dando testemunhos e escrevendo a respeito. Outros tantos milagres que Deus, em sua graça, realizou, talvez nem notamos.

O apóstolo Paulo escreve: “Na esperança fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos. Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza: porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos” (Rm 8.24-27). Esses gemidos, não são esses que alguns pregadores querem imitar. Eles são realmente inexprimíveis. Pode ser que sentimos por vezes profunda tristeza, diante de problemas e angústias pessoais ou da igreja e nem achamos palavras para expressar o que sentimos, nem sabemos o que realmente pedir, se isto ou aquilo. Nesta tristeza, que o Espírito Santo conhece, ele intercede por nós. Maravilhoso.

O Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade, atua até hoje, não fora da Palavra, mas pela Palavra. Nós estamos amarrados à Palavra. Na Palavra devemos procurar o Espírito Santo e não em nossas experiências, que podem nos enganar. A principal obra do Espírito Santo é

não se enaltecer ou ser enaltificado, mas glorificar a Cristo nos corações, isto é, tornar Cristo grande nos corações, para reconhecermos a obra de Cristo e louvá-lo. Ele nos guia em toda a verdade. Ele nos fortalece as fé, dá-nos força para a vida santificada. Ele nos guia. A ele agradecemos por nos ter levado e conservado na fé. Suplicamos que nos fortaleça e guie em toda a verdade, e nos dê força para servir na família, na sociedade e na igreja. “Espírito divino, que vens do Salvador, pedimos teu ensino na ciência do Senhor. Fazermos a vontade de Deus vem ajudar, perdão e santidade em Cristo revelar”.

Horst Kuchenbecker
Porto Alegre, RS

DEVOÇÕES

A ALGUNS PASSOS OU DENTRO?

Marcos 12.28-34

Um dia desses eu vinha andando pelo corredor, indo do meu gabinete à sala do plantão, no Internato, quando passei por três rapazes, sentados diante do gabinete do professor de homilética. Disse “oi!” e fui seguindo meu caminho.

Nisto um deles se levanta e vem correndo atrás de mim:

- “Professor, o senhor tem um tempinho pra mim?”

- “Claro,” disse eu, “estou a caminho do meu plantão”.

Caminhamos em silêncio, descendo uma escadaria e subindo outra. Fiquei perguntando aos meus botões que assunto poderia ter alguém com aquele ar de apreensão estampado no rosto. Não deveria ser um problema ligado à pregação. Afinal, ele estava ali esperando pela entrevista com o professor de homilética, que poderia resolver seu problema. Poderia ser um problema pessoal. Teria ele uma confissão a fazer? Mas para isto a primeira pessoa a procurar seria o Deão de alunos. Podia ser uma crise vocacional. Estava ele querendo se aconselhar quanto à continuação do curso ou não? Neste caso, teria que falar com o Diretor.

Depois que ele se acomodou, e eu tomei assento, o teologando começou a falar, enquanto remexia suas anotações: - “Professor, tem esse texto aqui ...”

Que alívio! Texto é comigo mesmo. Lá estava eu, meio desprevenido, apenas com uma pequena Almeida Revista e Atualizada, mas que importava isso. Sempre se pode dizer alguma coisa, mesmo que seja do tipo, “aqui a tradução não expressa bem o sentido do termo no original”.

- “Que texto é, e o que te preocupa?”, perguntei.

- “Marcos 12.28-34”, disse-me ele. “É meu texto para a capela”.

Não me lembrava de que trata o texto e levei algum tempo para achar a passagem naquelas páginas miúdas de minha Bíblia. Quando localizei a passagem, fiquei inquieto. Concluí que nem dois exemplares do Novo Testamento grego poderiam me tirar daquela.

Enquanto eu lia o texto para mim mesmo, em silêncio, ele começou a falar.

- “Professor, esse texto aqui fala do grande mandamento. Que é que eu digo?”

Decidi aplicar a regra hermenêutica fundamental: olho no texto, dentro de seu contexto. Perguntei:

- “Bom, que é que diz o texto? Qual o contexto?”

Vi que ele tinha feito um bom estudo do contexto. Disse-me que, a essa altura, Jesus já tinha entrado em Jerusalém, tinha purificado o Templo, e que agora o evangelista nos apresenta Jesus discutindo com diferentes grupos no pátio do Templo. Primeiro ele sai da armadilha preparada por fariseus e herodianos na questão do imposto ao Imperador romano. “A César o que é de César, e (que pode equivaler a um mas) a Deus o que é de Deus.” Depois chegam os saduceus, com a pergunta sobre a ressurreição. Jesus mostra-lhes, a partir do Livro de Moisés (a única parte da Bíblia que os saduceus aceitavam), que Deus é Deus de vivos e não de mortos. E agora chega um escriba, um mestre da Lei, com a pergunta sobre o mandamento mais importante.

- “Muito bem”, disse eu. “E o texto?”

- “O texto,” continuou ele, “é uma conversa entre um escriba e Jesus. O assunto principal é o resumo da Lei. Li num lugar que, na época, eles tinham contado os mandamentos que aparecem na Lei de Deus, chegando a um total de 613 mandamentos.”

Não pude senão confirmar. Lá no fundo da memória eu tinha registrado esse número. Sabia também que a maioria dos mandamentos era negativa, do tipo “não faças ... etc.”. Depois pude confirmar que, dos 613 mandamentos, 365 são negativos, e os demais positivos. Discutia-se, entre os rabinos, qual era o centro da Lei. Aproveitei para lembrar que o resumo da Lei que aparece aqui, em Marcos 12, além de privilegiar os mandamentos positivos (“amarás”), representa um consenso que havia entre os escribas (mestres da Lei) daquele tempo: Amar a Deus e amar ao próximo, nenhum mandamento é maior do que esses dois.

- “Mas isso é lei, não é mesmo?” disse o aluno. “Como é que eu prego isso?”

- “De fato, isso é lei”, disse eu. “Por mais que olhemos daqui ou olhemos dali, sempre fica sendo lei. Quanto a pregar isso, a única idéia que me ocorre é que, aqui, temos, na verdade, uma conversa teológica, tratando de um assunto fundamental: a lei de Deus. Você vai pregar a uma comunidade de estudantes de teologia, e uma conversa teológica sobre a Lei de Deus deve de uma ou de outra forma interessar a eles.” Aproveitei para lembrar que, diferentemente da história do jovem rico, este mestre da Lei não está perguntando a respeito do que fazer para herdar a vida eterna. Parece uma conversa bem teórica, no nível das teses e idéias. Mesmo assim acrescentei que, embora haja consenso quanto ao mais importante na Lei de Deus (e aqui Jesus e o escriba concordam – consenso ecumênico!), e embora a gente saiba a Lei de cor e salteado (até mesmo os gentios têm a obra da lei inscrita no coração), isto ainda não significa que a pratiquemos. E é neste ponto que a lei nos acusa.

- “Pois é”, disse ele, “e onde está o evangelho? E que é isso de ‘não estar longe do reino de Deus’?”

Aí estava. Era esta última pergunta que eu temia. Como explicar aquele, “você não está longe do reino de Deus”. Decidi dar preferência à primeira pergunta, aquela sobre onde está o evangelho. Aproveitei para bater numa tecla teológica bem sonora, mas nem sempre lembrada. Eu disse mais ou menos o seguinte:

- “Pregamos um texto determinado, específico, mas esse texto é parte de um todo bem maior. Nós não recortamos o texto, apenas o destacamos. É como um pano: a gente puxa ou levanta um ponto, mas o resto vem junto. Portanto, se o evangelho não está aqui, ele está um pouco mais adiante, na Bíblia. De qualquer forma, pregar o evangelho é preciso. Você não é pregador de textos; você é pregador do evangelho.”

- “Tudo bem”, disse o teologando, levantando-se, resignado e ainda um pouco frustrado. “Vou tentar”. No fundo ele queria uma pista mais concreta sobre como pregar o evangelho a partir deste texto de Mc 12.28-34. Mas eu deixei a bola com ele. E aquela afirmação de Jesus, “você não está longe do reino de Deus”, para esta ele não tinha recebido nenhuma explicação.

Duas semanas depois, antevéspera do embarque para a reunião do Conselho Diretor da IELB, subindo aquela mesma escadaria, me encontro com

o Diretor. Falamos dos planos da viagem a Curitiba, local do Conselho Diretor 2001. De repente ele diz:

- “Ah, eu quase ia me esquecendo. O Presidente da IELB mandou um e-mail pedindo pra gente dirigir duas das devoções no Conselho Diretor. São dois textos. Eu já preparei um, o de Deuteronômio 4. O outro parece que é Marcos 2. Mas depois te passo pelo telefone.”

Fiquei pensando que texto de Marcos 2 poderia ser aquele... Seria alguma coisa ligada à educação teológica, que era a temática principal do Conselho Diretor? Fui à ULBRA, discuti os perdidos e achados de Lucas 15 com os meninos da exegese, cheguei em casa e lá estava um bilhete de minha esposa. Na verdade, não era bilhete. Era meia folha de papel com uma referência bíblica: “Marcos 12.28-34.”

Me lembrei do teologando, e tive vontade de dizer: “Presidente, o senhor tem um tempinho pra mim?” Como resolver essa do “você não está longe do reino de Deus”? Fui dormir pensando em arrumar outro texto.

Enquanto decido se ainda peço entrevista com o presidente, ou se mudo de texto, reparto com vocês algumas observações. São detalhes que ajudam a compor o quadro de estranheza que temos diante desse texto de Marcos 12.

1) Primeira surpresa: Jesus tem tempo e recita a Lei.

O Mestre da Lei, que tem boa impressão de Jesus (num contexto de ânimos acirrados e até conflito), faz uma pergunta e Jesus responde. “Qual é o mais importante de todos os mandamentos? Jesus respondeu...” Aquela semana mudaria a história da humanidade e Jesus tem tempo para responder perguntas. Deu atenção àquela história forçada dos saduceus, a história daquela viúva poderosa que sobreviveu a sete maridos! E agora ele dá atenção a um escriba. Em plena semana santa, Jesus recita a Lei. (E o evangelista se dá ao trabalho de registrar o “eco” vindo do escriba, com o qual Jesus fica bem impressionado.) Será que não fica um pouco deslocado falar da lei de Deus na última semana de seu ministério? De jeito nenhum. O que aquela semana reservava seria o supremo cumprimento do amor a Deus e do amor ao próximo – por parte de Jesus. Não há maior amor do que aquele! Amor a Deus – com todo o coração, com toda a alma, com toda a mente, com todas as forças. E amor ao próximo. Amor até o fim.

2) Segunda surpresa: O amor toma o lugar dos sacrifícios.

O escriba diz que amar a Deus e amar ao próximo excede (é melhor do

que) todos os holocaustos e sacrifícios. Profetas tinham dito isto, em outros contextos. “Pois misericórdia quero, e não sacrifício”, foi a mensagem de Deus através de Oséias (6.6). (Naquele contexto, era uma crítica a um culto que não vinha acompanhado de ética. Não queriam abolir os sacrifícios, apenas apontar para a falta de coerência.) À luz da cruz de Cristo, a pura verdade agora é esta: o culto a Deus é amor a Deus, em fé, e amor ao próximo, em serviço, e não sacrifícios e holocaustos. Os apóstolos dirão isto no Novo Testamento. Mas, e Jesus? Por que Jesus silencia diante de uma afirmação tão radical (que só podia vir dum fariseu ou dum cristão)? Será que Jesus concorda? Acho que sim. Ele sabe que seu sacrifício, a síntese do amor a Deus e ao próximo, excederia (e tomaria o lugar) de todos os sacrifícios e ofertas de animais queimados.

3) Terceira surpresa: Você não está longe do reino de Deus.

É a única vez que Jesus diz algo assim. Geralmente é o reino de Deus que está perto de nós. Agora é um escriba que não está longe do reino de Deus. Mas é muito importante o que Jesus diz. “Não longe” não significa “já dentro”. (Felizmente. Jesus não aceita a noção de cristãos anônimos.) Falta algo. Falta ter Jesus. Nos evangelhos Jesus é o reino em pessoa. Literalmente, aquele escriba, parado na frente de Jesus, estava a apenas dois ou três passos do reino de Deus.

4) Última e maior surpresa: A história termina por aqui mesmo.

A história termina em aberto. Que foi que aconteceu? Que fim levou o mestre da Lei? Ele chegou mais perto e entrou no Reino, ou, melhor, o Reino veio a ele também? Não sabemos. Não cabe a nós especular a respeito. Quem sabe essa história termina assim em aberto justamente para que nós entremos nela (e histórias tem esse poder de nos acolher). Que é que Jesus diz a você e a mim? Seria: Você conhece a lei, você sabe o que é essencial, você tem um elevado padrão ético, você está perto do reino de Deus? Ou seria, antes: “Meu pequeno rebanho, não tenha medo! Pois o Pai tem prazer em dar o Reino a vocês” (Lc 12.32). “Venham, vocês que são abençoados pelo meu Pai! Venham e recebam o Reino que o meu Pai preparou para vocês desde a criação do mundo” (Mt 25.34). Isto é estar dentro do reino e não apenas perto dele. Graças a Deus! Amém.

Devoção proferida pelo Dr. Vilson Scholz no Conselho Diretor da IELB em Curitiba, PR, dia 13 de outubro de 2001

A FESTA DA “NOVA ALIANÇA”

Êxodo 32.1-7,15-20

Deus havia preparado o ambiente para uma grande festa para seu povo, no Monte Sinai. Afinal, ali ele estava entregando ao povo a sua Torá, a sua Palavra e com este povo ratificando a sua aliança porque Ele era o seu Deus e Israel o seu povo. Olhando nesta perspectiva, o ambiente que Deus preparara era festivo. Havia trovões, sim, mas como diz o texto no cap. 19, os trovões eram a voz de Deus. Havia nuvem, mas a nuvem era talvez do tipo gelo seco. Havia trombeta, o instrumento de orquestra que convida para espetáculos e celebrações. E havia os relâmpagos que possivelmente estavam mais para fogos de artifício. Era para ser uma festa. Mas a presença de Deus por mais evangélica que pareça, intimida o ser humano. Se a festa de Deus não é entendida e assimilada, o povo tende a fazer festa à sua maneira, com seu grito, seu alarido e sua dança.

Mesmo assim, Deus havia selado Sua aliança com Israel ao pé do monte no cap. 24. Mas enquanto Moisés recebia instruções adicionais sobre a aliança por 40 dias, o povo desacorçoou. O povo de Deus, antigo e moderno, é muitas vezes impaciente e um impaciente toma atitudes das quais depois se arrepende: o povo viola a aliança no seu ponto mais crucial. É uma violação direta ao primeiro mandamento, o mandamento que sustenta todos os demais. O povo exige uma representação tangível, palpável da divindade, trabalhada conforme a noção que tinham e que se sujeitasse à sua manipulação. Os sinais de Deus e os sacramentos de Deus não eram julgados suficientes e por isso o povo busca por outros sinais e alternativas que tragam rapidez na ação e no sucesso. Aparentemente a última coisa que Israel deseja é ser diferente do mundo e não se conformar com ele.

Por isso Israel faz a sua festa. A costumeira tradução por “bezerro de ouro” é inadequada e esconde o quanto o povo estava mal orientado, fazendo a escolha errada. O hebraico **בַּעַז** realmente significa um touro novo no auge de sua força e vigor. Touros eram largamente usados no ambiente de Israel como representação da força viril da divindade da qual os adoradores

esperavam apropriar-se. Podemos associar esse ato de Israel ao culto ao touro Apis no Egito – mais tarde chamado Serapis. Touros mumificados podem ainda hoje ser vistos no subterrâneo Serapium, também no Egito. Mas não se pode deixar de associar este ato também ao culto cananita a Baal, corporificado no touro e que a arqueologia pode ilustrar.

Esta situação toda nos leva a perguntar: qual era o papel de Arão nesse disco? O papel de Arão, que diz respeito a nós mais de perto, é ambíguo. Qual era a sua intenção ao fabricar o touro?. Alguns sustentam que Arão não tinha em mente um simples ídolo, mas imaginava o touro como uma plataforma para o trono invisível do SENHOR. Por isso ele diz: amanhã será festa ao SENHOR. Mas boas intenções nem sempre resultam em boa teologia como *habitus practicus*.

Arão nos lembra muitos clérigos na igreja que tratam a inclusão de formas e práticas da cultura popular no culto como simples adição, ou seja, fica a critério da liberdade e criatividade. Sincretismo e ecumenismo comumente iniciam de maneira inocente e ingênua. A atitude do povo de Israel é certamente de um sincretismo e um ecumenismo grosseiros. No v. 4 o povo até confessa um novo credo ao dizer: “São estes, ó Israel, os teus deuses que te tiraram do Egito”. Mas este credo, como disse alguém, é um travesti do evangelho do AT.

Conectado a esse credo está a liturgia desse culto que Israel adapta: comida, bebida e diversão. É uma trilogia atraente, cuja adesão dispensa esforços missiológicos. O verbo hebraico נָחַם pode ter sentido neutro, como no nome Isaque. Mas ele pode também ter conotações sexuais como ocorre com Isaque e Rebeca e o alegado caso da mulher de Potifar com José. Dança nem sempre no texto bíblico tem conotação negativa. Nem todas as atividades litúrgicas com este tipo de coreografia eram intrinsecamente más. Havia danças sacras de outra natureza que caracterizavam a liturgia ortodoxa do povo de Deus, haja vista o que Miriam faz após a passagem pelo Mar Vermelho. Aqui, entretanto, pelo contexto, é óbvio relacionar esse procedimento com celebrações orgiásticas típicas e comuns ao paganismo. Celebrações acontecem até mesmo em nosso culto. Na eucaristia falamos em celebração da Santa Ceia. Celebração é um tema significativo no evangelho e no culto cristão; contudo, sempre de novo, deve ficar claro o que e por que estamos celebrando.

Moisés queima e mói o touro confeccionado em madeira e coberto com lâminas de ouro. O motivo que o levou a fazer com que o povo tomasse da água misturada com as cinzas do touro, não é dito. Talvez o objetivo seja

apenas de impressionar o povo com a impotência do seu deus: o que antes adoravam, agora consumiam e iria acabar em lugar não muito nobre. Talvez a idéia também seja, de uma maneira bem visual, fazer com que os infiéis israelitas “internalizassem” fisicamente o que a sua apostasia já os fizera internalizar espiritualmente. A apostasia e a imoralidade daí resultantes têm conseqüências eternas não apenas espirituais como também corporais.

E o que dizer de nós? Nós não adoramos touros nem deificamos o sexo. Será que não? Mas será que tais noções não nos assaltam? Será que elas não invadem as nossas congregações dia e noite? Até podemos não ter touros em plataformas ou não participar de baile funk. Mas apenas pensar neles já nos compromete. Idolatria disfarçada também é idolatria, como diz Lutero: É por essa via que a aliança é violada, relativizada e se começa a própria festa.

Mas, todo o contexto de Êxodo 32-34 fala do estabelecimento de uma “nova aliança” que surge da parte de Deus, um tipo de antecipação da profecia da “nova aliança” anunciada em Jeremias 31. A proclamação de que esta profecia se cumpriu em Cristo é a grande essência da boa-nova do evangelho. Entretanto, como ainda estamos no “ainda não”, esta profecia da “nova aliança” deve ser cumprida num certo sentido em nós também pelo Espírito Santo, no Batismo. O texto de hoje é fundamentalmente um alerta para nós, moderno povo de Deus. Referindo-se a esse episódio em 1 Co 10, o apóstolo Paulo diz que “estas coisas . . . foram escritas para advertência nossa” (v. 11).

Em todo caso, o contexto deixa bem claro que, como em todo julgamento, a intenção divina é despertar arrependimento, que é resultado do evangelho. Pela mediação e intercessão de Moisés o protótipo do Grande Mediador e Intercessor (cap. 33), uma “nova aliança” é estabelecida pela graça de Deus (cap. 34); e o povo de Deus, purificado – antigo e moderno –, marcha seguro em direção à Terra Prometida.

*Devoção proferida pelo Dr. Acir Raymann na capela
do Seminário no dia 8 de agosto de 2001*

EM DEUS ESTÁ A NOSSA CONFIANÇA

Deuteronômio 6.4-15

Em nome de Jesus, nosso Senhor. Amém.

Amados em Cristo. O texto bíblico lido há pouco convida-nos a colocar em Deus toda a nossa confiança. É um texto que fala da fé e sua consequência, uma vida com Deus, que é zeloso pelo seu povo e não admite repartir a confiança de seu povo com qualquer outra divindade. Quero convidá-los a refletir brevemente sobre o exemplo de um homem de grande fé. Apesar de que não nos é possível ver a fé de alguém, guiamo-nos pelo testemunho que a pessoa dá.

A pessoa de quem falo tem uma convicção inabalável. Ele não admite dúvida: não há outro Deus senão este a quem ele adora e serve. Em nome de deus, ele está disposto a qualquer coisa. Em seu pensamento jamais passa a idéia vulgar e tão presente em nossa sociedade, de que as coisas acontecem por conta da sorte ou do azar. Para o nosso personagem, a explicação para as coisas que ocorrem é teológica, não humana. Contra ele podem se levantar os maiores poderes da terra, as maiores forças, os maiores exércitos. Ele não se abate. Ele é um crente no seu deus. Mais, contra as ideologias, seja capitalista, seja comunista, de que o que importa é o aqui e agora, ele nutre com firmeza a confiança no porvir. Ele jamais dissocia sua fé em deus da esperança no mundo que há de vir. E mais, ele ensina outros, a partir do seu fervor, a serem igualmente zelosos e dedicarem suas vidas ao que lhes é querido como fonte da vida. Mais um detalhe: ele investe muito dinheiro, tudo o que pode, para que o nome do deus de sua confiança seja louvado.

Quem não gostaria de ter um personagem assim como exemplo e modelo de fé e zelo por Deus? Ah! Quem sabe é hora de dizer o seu nome. Tenho certeza que vocês já ouviram falar nele; seu nome é Osama Bin Laden!

Martinho Lutero já alertou há quase 500 anos:

Realmente também na opinião de todos os pagãos ter um deus quer dizer confiar e crer. O erro, porém, está em que seu confiar é falso e errado, porquanto não se dirige ao único Deus, além do qual, na verdade, não há Deus, nem no céu, nem na terra. Por isso os gentios, efetivamente, transformam sua própria fantasia e sonho a respeito de Deus em ídolo e fiam no puro nada. É o que se dá com toda a idolatria. (Catecismo Maior, 1ª parte 18-21; Livro de Concórdia, p. 397)

Em outras palavras, o fanático pode ser muito parecido com o fiel e zeloso. Mas uma grande diferença os separa: o Deus em quem colocam sua confiança. O fanático é obrigado a erigir um deus para si, que não é aquele revelado em Jesus. Isso é verdade para os fanáticos islâmicos; mas também o é para os fanáticos “cristãos”, que são obrigados, para justificar uma cruzada, ou a “santa” inquisição, a mudar o que a Escritura diz de Deus, transfigurando-o para a imagem e semelhança deles.

Moisés está diante de Israel, que está por entrar na terra prometida de Canaã. O Deus de quem Moisés fala não é o mesmo do sonho desvairado de Maomé. Ele é o Deus verdadeiro, que age na História; o Deus que fez aliança com Abraão, que tirou o povo do Egito e o conduziu pelo deserto, com mão forte. Suas ações foram testemunho genuíno para os povos. Já os magos do Egito, diante das pragas, constataam: “É o dedo de Deus” (Êx 8.19); e alguns dos oficiais do Faraó “temeram a palavra do Senhor” (Êx 9.20). Raabe, da distante Jericó, ouviu sobre os feitos de Deus, abrindo o mar para que seu povo passasse (Js 2.10). Os reis dos amorreus e dos cananeus, tendo ouvido como o Senhor havia secado as águas do Jordão diante de Israel, ficaram desanimados (Js 5.1). A fama de Yahweh foi mais longe do que por vezes imaginamos.

É este mesmo Senhor que contrariando todo tipo de fé nascido do coração humano, propôs o evangelho, centrado no Filho eterno, que se fez pequeno, que morreu de forma vergonhosa, que venceu pecado, morte e diabo e o demonstrou na ressurreição, e que aceita o pecador, enquanto pecador, e o declara justo, não por obras, mas por graça. É deste Deus que Moisés está falando. Para que haja verdadeira fé – não fanatismo – em Israel e na Sua Igreja.

O texto que temos diante de nós é o conhecido Shemá, que já nos tempos de Jesus fazia parte do credo diário recitado pelos judeus. Jesus mesmo cita o texto, chamando-o de o principal dos mandamentos (Mc 12.28,29). O texto é, mais especificamente, uma abordagem do primeiro mandamento que, conforme Lutero, é o “principal dos mandamentos, do qual devem manar

e proceder os demais.” E ainda, “deve luzir e penetrar de seu esplendor todos os outros.” (Catecismo Maior, 1ª parte 324, 326; p. 445)

Este texto apresenta uma dinâmica interessante. Ele inicia falando do assunto da verdadeira fé: Yahweh é o único Deus. Por isso, estas palavras precisam estar em nosso coração. É como ensina Lutero:

“Deus designa aquilo de que se deve esperar todo o bem e em que devemos refugiar-nos em toda abertura. Portanto, ter um Deus outra coisa não é senão confiar e crer nele de coração.” (Catecismo Maior; p. 394)

Há, então, um crescendo nas exortações dos vv. 5 a 9: a confiança no Deus único passa do coração (a situação pessoal), para a educação aos filhos. Aqui temos a importância da educação cristã no lar. Nas palavras do teólogo luterano Horace Hummel, “se não houvesse a graça de Deus, a Igreja estaria sempre a uma geração de seu fim”! (The Word Becoming Flesh, p. 93). Por isso, a fé no Deus verdadeiro há de sair do coração e fazer parte da vida do lar. E daí, diz o texto, “ao andar pelo caminho, ao deitar e levantar” – nas diversas situações do dia a dia. Também o testemunho cristão pode aqui ser considerado - “ao andar pelo caminho”. E então, diz o texto, como “sinal na mão e frontal nos olhos, nos umbrais das casas, nas portas”. Tradicionalmente se interpreta estas últimas palavras como tendo sido inconvenientemente interpretadas ao pé da letra pelos judeus, que, de fato, penduravam pedaços de textos bíblicos em filactérios ou nas portas de casa. No entanto, nada impede que se coloquem textos bíblicos em quadros, ou em camisetas. O Deus que é único quer ser manifesto, conhecido, para que seja de consolo a tantos quantos chegarem ao seu conhecimento. Talvez isso nos deva ensinar a ter precaução quanto a que textos colocar em quadros e camisetas.

O texto bíblico ainda lembra (nos vv. 10-12) as bênçãos derramadas por Deus. E chama a atenção para o fato de que são bênçãos (= dádivas, não conquistas): “uma terra que vem da promessa, cidades que não edificaste, poços que não abriste, vinhais que não plantaste.” Mas acima de tudo, o texto nos exorta: lembra-te das bênçãos, mas não esqueças do Doador das bênçãos. É nele que colocas toda a tua confiança. Deixar Yahweh é loucura, pois é Deus zeloso pelo Seu povo. É o único Deus. É o Deus revelado em graça e misericórdia, na cruz do Seu Filho, para perdão e vida dos pecadores. É vida, sim, é vida que o Deus verdadeiro propõe e traz, oferece e dá; já no nosso batismo, e no comer e beber do corpo e sangue de Jesus.

Ter uma fé vibrante, zelosa, imbatível – é disto que o texto fala? Não, disto um fanático também pode falar. O texto fala do Deus verdadeiro,

Igreja Luterana - nº 2 - 2001

fonte da vida e de toda boa dádiva. E a fé, para ser verdadeira, precisa apegar-se a este Deus. Em meio a fraquezas e tentações, somos chamados a confiar nele acima de todas as coisas e ouvir o que Ele diz. Afinal, sobre este Deus, podemos cantar, com Lutero:

Ó Deus, por mim Jesus cumpriu
A tua Lei, e me remiu.
Mil graças quero te render
E em santidade aqui viver. Amém.
(Hinário Luterano, 381, 7)

*Devoção proferida na capela do Seminário Concórdia no dia 9 de outubro
de 2001 pelo Rev. Prof. Gerson Luis Linden.*

GRAÇAS A DEUS

1 Coríntios 15.54-58

INTRODUÇÃO

1. Graças a Deus (*too dé Theoo*) é uma exclamação: que Paulo repete em todas as Epístolas que os brasileiros repetem todos os dias que, na Bíblia, pode ter um duplo significado:

- 1º como a graça de Deus que nos salva – “pela graça sois salvos” – é Deus agindo em nosso favor;
- 2º como gratidão a Deus pelos que foram salvos pela graça – “e sede agradecidos” – é o cristão reagindo como resposta a Deus.

2. O graças a Deus de Paulo, aqui no texto de Coríntios, é uma vibrante exclamação

- de alegria
- de felicidade
- de júbilo
- de louvor
- de gratidão a Deus,
como a NTLH e Lutero traduzem:
Agradeçamos a Deus!
Gott sei Dank!
É sinônimo do que expressamos com
Muito obrigado!
Dankeschoen!
Thank you!

Deus não quer pagamento pelos seus “atos de graça” – a salvação. Mas Deus espera as nossas “ações de graças” – o reconhecimento, a gratidão, o muito obrigado.

3. Diante dos fantásticos atos de graça da parte de Deus, através de Cristo, em nosso favor, Paulo nos convida, convoca, estimula a exclamarmos:

GRAÇAS A DEUS

e sublinha, especialmente, três grandes razões:

I - Porque a morte será tragada

II - Porque Cristo nos dá a vitória

III - Porque o nosso trabalho no Senhor não será inútil.

GRAÇAS A DEUS!

Muito obrigado!

Gott sei Dank!

I - Porque a morte será tragada

- 1 - Nosso texto tem um contexto fascinante – o afamado cap. 15 de 1 Co. Ele apresenta um rico sumário sobre toda a teologia da ressurreição – de Cristo e nossa.

Na primeira parte, o apóstolo fala sobre a ressurreição como um fato histórico, algo que já aconteceu no passado – são os detalhes sobre a ressurreição de Jesus Cristo. É a história do passado.

Na segunda parte, Paulo olha para o futuro e fala sobre a ressurreição dos vivos e dos mortos – são os detalhes sobre a vitória do povo de Deus no dia do juízo final. É assunto escatológico – prevendo a história do futuro.

Depois de ter olhado para a ressurreição de Cristo no passado da páscoa e para a ressurreição dos vivos e mortos no futuro do dia do Senhor, o apóstolo Paulo – cheio de fé e esperança, explode em alegria, felicidade, júbilo e gratidão pelo que Deus já fez acontecer e pelo que ainda fará acontecer, e então agradece:

GRAÇAS A DEUS!

Muito obrigado!

Gott sei Dank!

- 2 - E agora Paulo começa a apontar para as razões que o fazem exclamar: Graças a Deus! E a primeira causa é esta: Tragada foi a morte! O ser tragado ainda está no futuro. E Paulo fala como se já tivesse acontecido, no passado. É que o apóstolo se coloca além da ressurreição dos vivos e mortos e vê que, com a juízo final, “a morte foi tragada”. Mas, hoje, a morte ainda está aqui, e não foi tragada. Tanto a morte natural como a morte espiritual estão aí ceifando vidas. Claro, após a morte e ressurreição de Cristo, a morte já foi

algemada
enfraquecida
mutilada
anestesiada

e já está agonizando – a morte começou a morrer. Mas chegará o momento, o dia do Senhor, em que a morte será totalmente tragada. O termo tragar (*katapínoo*) não significa, aqui, ser destruído ou eliminado no sentido de não existir mais, pois a “morte nunca vai morrer”. Mas tragar, aqui, significa - ser engolido

- ser absorvida
- ser removida
- mergulhar
- fazer desaparecer (*verschlingen verschlucken*). O tragar da morte se assemelha à Plataforma da Petrobrás P-36 que mergulhou no mar. A manchete mais divulgada na mídia foi esta: “A Plataforma foi tragada pelo mar”. Mas não afundou logo após a explosão. Naquele momento, porém, começou a morte, mergulho e desaparecimento da P-36. Começou a morrer, a ser engolida e tragada! Poucos dias após a explosão, a Plataforma mergulhou, desapareceu, foi engolida – foi tragada e foi para as profundezas do mar, e nunca mais vai flutuar. Mas ainda existe lá no fundo – embora inútil.

Algo semelhante acontece com a morte. Com a ressurreição de Cristo houve a explosão e a “morte começou a morrer”. Mas a morte final da morte será no último dia. Por isso Paulo tanto se alegra com a “morte anestesiada e detonada” após a ressurreição de Cristo e, olhando para o engolimento e o mergulho total da morte após o dia do Senhor, ele pode vibrar e exclamar:

GRAÇAS A DEUS!

Muito obrigado!

Gott sei Dank!

3 - Assim como Paulo se alegrou, vibrou e exultou com a morte que já foi anestesiada e que um dia será tragada, também nós temos as mesmas razões para exclamar: Graças a Deus!

GRAÇAS A DEUS!

Muito obrigado!

Gott sei Dank!

II – Porque Cristo nos dá a vitória

1 - Paulo exclama: “graças a Deus” e acrescenta a razão: “que nos dá

a vitória”; e então mostra como nos é dada esta vitória: “por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo”. Vitória (*nikée/nikaoo*) é o contrário de derrota e quer dizer:

vencer

triunfar

conquistar

dominar

levar a melhor

ser mais forte e derrotar

o adversário ou inimigo ou o mais fraco – levar vantagem. Cristo é o Vitorioso e o Triunfador. Cristo cumpriu a lei e se apresentou como o Vitorioso sobre o pecado, a morte, o inferno e Satanás.

2 - E isto aconteceu no Calvário e na manhã da Páscoa com o “está consumado” e “eu vivo, e vós também vivereis”. A vitória tragou a derrota. A vitória de Cristo é nossa vitória. Cristo transferiu sua vitória para nós. A Bíblia Viva expressa esta idéia ao traduzir as palavras “... que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo” por “... É ele quem nos faz vitoriosos por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor”. Esta vitória já nos é dada aqui e agora, nesta vida.

3 - Por isso, ninguém mais precisa ser derrotado, condenado e tragado pela lei, pelo pecado, pela morte, pelo inferno, por Satanás. É que Cristo venceu, triunfou e tragou a lei, o pecado, a morte, o inferno e Satanás, e como vitorioso nos diz: Eu te fiz um vitorioso! Por isso podemos exclamar: Graças a Deus!

GRAÇAS A DEUS!

Muito obrigado!

Gott sei Dank!

III – Porque o nosso trabalho no Senhor não será inútil

1 - Paulo falou sobre o passado – o primeiro advento de Cristo, quando o Salvador tragou, engoliu e venceu o pecado, a morte, o inferno e Satanás com sua morte e ressurreição. Depois falou sobre o futuro – o segundo advento de Cristo, quando o Senhor Jesus tragará, engolirá e vencerá definitivamente o pecado, a morte, o inferno e Satanás, separando e dividindo os da esquerda e os da direita, os da morte eterna e os da vida eterna. E diante dessa obra exclusiva de Cristo, Paulo exclama: Graças a Deus!

- 2 - Agora, porém, no final do capítulo 15, depois de ter falado sobre a vitória de Cristo em nosso favor, Paulo se dirige aos cristãos, aos que crêem na obra redentora de Cristo, e procura envolvê-los na divulgação desta conquista do Redentor, afirmando que “no Senhor, o vosso trabalho não é vão”.
- 3 - O termo “vão” (*kenós*) quer dizer: vazio, oco, inútil e sem proveito. E Paulo diz que o trabalho do cristão não é vazio, oco, inútil e sem proveito. Mas com a bênção de Deus, todo o trabalho dos fiéis no reino de Deus é cheio, sólido, útil, proveitoso e tem frutos! E diante desta oportunidade e privilégio de fazer o trabalho do Senhor com resultado positivo, Paulo exclama: Graças a Deus!

GRAÇAS A DEUS!

Muito obrigado!

Gott sei Dank!

I – Porque chegará o dia em que a morte será tragada, engolida e desaparecerá totalmente da vida dos que viverão na vida eterna. Isto está no futuro, mas um dia será presente. Graças a Deus!

II – Porque o Salvador Jesus, com sua vitoriosa ressurreição dos mortos, transfere e confere a nós a sua vitória, e nós somos vitoriosos sobre pecado, morte, inferno e Satanás. Isto já acontece no presente, mas no futuro será eterno. Graças a Deus!

III – Porque, agora, nós podemos participar e ser envolvidos na divulgação desta boa nova do Senhor Jesus, e com alegria e entusiasmo trabalharemos na edificação do reino de Deus com a certeza “de que, no Senhor, nosso trabalho não é vão”. Graças a Deus!

Por isso, envolvidos e vitoriosos pela infinita
GRAÇA DE DEUS,
como as pessoas mais felizes e alegres do mundo,
podemos expressar nossa gratidão, exclamando
GRAÇAS A DEUS!
Muito obrigado!
Gott sei Dank!
GRAÇAS A DEUS!

Amém.

Leopoldo Heimann

RECENSÃO

LENDO AS ESCRITURAS COM OS PAIS DA IGREJA.

Por Christopher A. Hall. Traduzido por Rubens Castilho. Viçosa: Ultimato, 2000. 208 páginas. R\$ 20,00.

O mundo evangélico, especialmente de tradição reformada, não tem muito espaço e paciência com os Pais da Igreja. É comum saltar dos tempos bíblicos ao tempo da Reforma, como se tudo que se passou entre o ano 100 A.D. e a Reforma do século XVI não dissesse respeito aos cristãos de hoje. Isto quando a história da igreja não começa “na visão que o pastor teve na semana passada” (p. 10).

Luteranos, em geral, têm uma visão mais ampla. Entendem que Santo Agostinho e Tomás de Aquino não são patrimônio exclusivo de nenhuma denominação. Quem conhece as Confissões Luteranas e os escritos de Lutero sabe do que se está falando. No entanto, nunca é demais sublinhar que também dos Pais da Igreja se pode aprender algo. Na verdade, os reformadores do século XVI nos parecem tão imponentes porque, embora profundamente alicerçados nas Escrituras, estavam também parados sobre os ombros de outra gente, os Pais da Igreja. É neste sentido que saudamos a publicação de *Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja*.

Segundo o autor, seu propósito “é apresentar a metodologia e conteúdo da interpretação bíblica patrística o mais clara, simples e corretamente possível. Por que preocupar-nos em ler os pais da igreja? Que é um pai da igreja? Como eles lêem a Bíblia? Que metodologia e técnicas utilizam? Que ênfases, temas e características inclinam-se eles a comentar e que os leitores modernos têm desconsiderado? Como sua leitura da Escritura foi influenciada por seu próprio ambiente lingüístico, político, social e filosófico? Em que eles se distinguem na interpretação? Em que pontos podem eles ocasionalmente tropeçar? Como podem os pais ajudar-nos a ler bem a Bíblia hoje?” (p. 14)

Talvez uma das grandes lições que se pode aprender dos Pais é que não

existem atalhos em teologia. O homem moderno quer respostas e resultados rápidos. Os Pais, por sua vez, “insistem que a percepção espiritual, teológica e bíblica não surge em instantes. Ao contrário, eles insistem inflexivelmente, a Bíblia se abre àqueles que imergem em suas riquezas e ponderam sobre elas profundamente no contexto da oração, adoração e reflexão pública.” (p. 169)

A rigor, *Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja* não é um empreendimento isolado. Ao menos no contexto norte-americano. Faz parte de uma espécie de redescoberta dos Pais da Igreja. A InterVarsity Press, que publicou o livro de Hall nos Estados Unidos, em 1998, está publicando também uma série de comentários bíblicos intitulada *Ancient Christian Commentary on Scripture*. Desta série, projetada em 28 volumes, nove já estão disponíveis (Gn 1-11, Mt 1-13, Mc, Rm, 1-2 Co, etc.). São livros que, no estilo das glossas ordinárias, deixam que os Pais da Igreja comentem o texto bíblico, com citações tiradas de suas obras. Em geral, são apresentadas várias opiniões sobre um mesmo versículo, vindas de diferentes teólogos da Igreja Antiga. Trata-se, literalmente, da interpretação das Escrituras feita pelos teólogos da Igreja Antiga. *Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja* pode ser visto como um guia introdutório a essa série de comentários bíblicos.

O livro destaca os Pais dos primeiros sete séculos e apresenta oito capítulos:

1. Por que ler os Pais?
2. A mente moderna e a interpretação bíblica.
3. Quem são os Pais?
4. Os quatro doutores do Oriente (Atanásio, Gregório de Nazianzo, Basílio o Grande e João Crisóstomo).
5. Os quatro doutores do Ocidente (Ambrósio, Jerônimo, Agostinho e Gregório).
6. Os Pais e a Escritura: Exegese em Alexandria.
7. Os Pais e a Escritura: A resposta de Antioquia.
8. Dando sentido à exegese patrística.

A tradução dessa obra técnica, muito bem escrita, é boa. Há alguns pequenos deslizes aqui e ali, como, por exemplo, à página 122, na tradução de um texto em que Gregório comenta Mt 5.13: “Um sacerdote deve ser cuidadoso a respeito do que diz às pessoas, para aconselhar cada uma de tal maneira que ninguém (sic) ligado ao sacerdote seja amadurecido com o sabor da vida eterna como se por contato com o sal”. O sentido é: “Um sacerdote deve ter cuidado com o que diz às pessoas, para aconselhar cada qual de tal modo que todo aquele que está ligado ao sacerdote seja temperado com o sabor da vida eterna como se tivesse contato com sal”. Louvável

é a decisão do tradutor de preservar o título inglês dos livros mencionados no texto (com a tradução portuguesa entre parênteses), pois isto facilita em muito a localização dessas obras.

Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja é uma obra bem-vinda e um importante recurso para o estudo da hermenêutica bíblica e da própria Bíblia.

Vilson Scholz

FICHA DE ASSINATURA

SIM! Desejo fazer uma assinatura da revista Igreja Luterana.

Para isso, estou assinalando uma das seguintes opções:

- uma assinatura de Igreja Luterana por um ano, por R\$ 17,00
- uma assinatura de Igreja Luterana por dois anos, por R\$ 30,00.

Nome _____

Rua ou Caixa Postal _____

CEP _____ Cidade _____ Estado _____

Após preenchida, coloque num envelope esta folha acompanhada de cheque nominal ao Seminário Concórdia no valor correspondente e remeta-o para:

Revista Igreja Luterana
Caixa Postal, 202 - 93.001-970 São Leopoldo, RS



Assinatura de presente:

SIM! Desejo presentear com uma assinatura da revista Igreja Luterana a pessoa indicada no endereço abaixo.

Para isso, estou assinalando uma das seguintes opções:

- uma assinatura de Igreja Luterana por um ano, por R\$ 17,00
- uma assinatura de Igreja Luterana por dois anos, por R\$ 30,00.

Nome _____

Rua ou Caixa Postal _____

CEP _____ Cidade _____ Estado _____

Após preenchida, coloque num envelope esta folha acompanhada de cheque nominal ao Seminário Concórdia no valor correspondente e remeta-o para:

Revista Igreja Luterana
Caixa Postal, 202 - 93.001-970 São Leopoldo, RS



SEMINÁRIO CONCÓRDIA

Diretor

Paulo Moisés Nervas

Professores

Acir Raymann, Clóvis Jair Prunzel, Ely Prieto, Gerson Luís Linden,
Leopoldo Heimann, Norberto Heine (CAAPP), Paulo Gerhard Pietzsch,
Paulo Moisés Nervas, Paulo P. Weirich, Vilson Scholz.

Professores eméritos

Arnaldo J. Schmidt, Donaldo Schueler,
Martim C. Warth

IGREJA LUTERANA

ISSN 0103-779X

Revista semestral de Teologia publicada em junho e novembro pela
Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia, da Igreja Evangélica
Luterana do Brasil (IELB), São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

Conselho Editorial

Acir Raymann (editor), Vilson Scholz

Assistência Administrativa

Janisse M. Schindler

A Revista *Igreja Luterana* está indexada em *Bibliografia Bíblica*
Latino-Americana e *Old Testament Abstracts*.

Os originais dos artigos serão devolvidos
quando acompanhados de envelope com endereço e selado.

Solicita-se permuta
| We request exchange |
Wir erbitten Austausch

Correspondência

Revista IGREJA LUTERANA
Seminário Concórdia
Caixa Postal 202
93.001-970 – São Leopoldo, RS